

P o l o n i c u s

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral

Ano IX – 1/2018

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

A publicação é parcialmente financiada pela Associação *Wspólnota Polska*, com recursos provenientes da Chancelaria do Senado, no âmbito do projeto de apoio do Senado da Polônia aos poloneses e polônicos no exterior



Przedsięwzięcie jest współfinansowane przez Stowarzyszenie „Wspólnota Polska” ze środków otrzymanych od Kancelarii Senatu w ramach sprawowania opieki Senatu Rzeczypospolitej Polskiej nad Polonią i Polakami za granicą

Fundo editorial / Fundusz wydawniczy:
Província da SOCIEDADE DE CRISTO
Pe. Jan SOBIERAJ, SChr – Curitiba-PR

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil - Ano 9, n. 16 (jan/jun. 2018) – Curitiba : v.; 23cm.
Semestral.
ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI
Mariano KAWKA
Piotr KILANOWSKI
Renata SIUDA-AMBROZIAK
Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro*
Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – *Universidade Maria Curie-Skłodowska – Lublin (UMCS)*
Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *In memoriam*
Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*
Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*
Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*
Jerzy MAZUREK - *Universidade de Varsóvia (UW)*
José Lucio GLOMB – *Ordem dos Advogados do Brasil-PR*
Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*
Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW)*
Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)*
Regina PRZYBYCIEN - *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*
Tadeusz PALECZNY - *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*
Thais Janaina WENCZENOVICZ - *Universidade Estadual do RS (UERS)*
Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*
Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de Janeiro*
Waldemiro GREMSKI – *Pontificia Universidade Católica - PR*
Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*
Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia (UKSW)*

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920
90230 – 002 Porto Alegre-RS. Brasil
tel (51) 3024-6504 ou (51) 99407-4242
E-Mail: revista@polonicus.com.br
www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Mariano Kawka, Zdzislaw Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski
Claudio Boczon

Impressão

Odisséia Gráfica e Editora Ltda.
Fone: 51 3303-5558
www.graficaodisseia.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

SUMÁRIO

EDITORIAL	12
<i>Wstęp</i>	20

POLÔNIA

Polska

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA POLÔNIA DIANTE DA ASSEMBLEIA NACIONAL	27
<i>Wystąpienie prezydenta Polski przed Zgromadzeniem Narodowym</i>	

CARTA PASTORAL DOS BISPOS POLONESES ÀS COMUNIDADES POLÔNICAS E AOS POLONESES NO EXTERIOR	42
<i>List duszpasterski biskupów polskich do wspólnot polonijnych i Polaków zagranicą</i>	

<i>Zdzisław MALCZEWSKI SChr</i>	
INTRODUÇÃO À CARTA DO PRESIDENTE DO SENADO DA POLÔNIA	50
<i>Wprowadzenie do listu Marszałka Senatu RP</i>	

CARTA DO PRESIDENTE DO SENADO DA POLÔNIA À COMUNIDADE POLÔNICA MUNDIAL	52
<i>List Marszałka Senatu RP do światowej społeczności polonijnej</i>	

ARTIGOS

Artykuły

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2018	58
<i>Przesłanie papieża Franciszka z okazji Światowego Dnia Migranta i Uchodźcy 2018</i>	
 <i>Francisco José dos SANTOS BRAGA</i>	
QUANDO RAIOU A LIBERDADE: O 11 DE NOVEMBRO DE 1918	67
<i>Kiedy zaświtała wolność: 11 listopada 1918</i>	
 <i>Jerzy MAZUREK</i>	
O BRASIL, A COMUNIDADE POLONESA BRASILEIRA E A INDEPENDÊNCIA DA POLÔNIA EM 1918	74
<i>Brazylia, społeczność brazylijskiej Polonii a niepodległość Polski w 1918</i>	
 <i>Julian MAŚLANKA</i>	
TADEUSZ STANISŁAW GRABOWSKI (1881-1975)	98
 <i>Renata SIUDA-AMBROZIAK</i>	
QUEM É O CULPADO PELO HOLOCAUSTO?	108
<i>Kto jest winien za Holokaust?</i>	
 <i>Mariano KAWKA</i>	
UMA RELEVANTE AÇÃO EDUCACIONAL E CULTURAL DOS PADRES VICENTINOS NO SUL DO BRASIL	115
<i>Doniośla akcja edukacyjna i kulturalna księży wincentynów na południu Brazylii</i>	

Luciano FIALKOWSKI
DO PASSO INCERTO
À REMADA IMPERFEITA129
Od przeszłości niepewnej do niedoskonałego wiosłowania

Schirlei Mari FREDER, Mario PROCOPIUCK
Mayara Bormann AZZULIN
PATRIMÔNIO CULTURAL POLONÊS:
CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO
DAS CIDADES CRIATIVAS137
*Polskie dziedzictwo kulturalne: udział w rozwoju
miast kreatywnych*

Izabel LIVISKI
MUSEU DO NEON154
Muzeum neonu

RESENHAS

Przegląd literacki

Cláudia Regina KAWKA MARTINS
POSADZY, Ignacy. *Na trilha dos peregrinos*.
Poznań: Wydawnictwo Agape, 2018, pp. 328.160

CRÔNICAS

Wydarzenia

A MORTE DE CONHECIDOS MEMBROS DA
POLONIDADE BRASILEIRA:164
Odejsie znanych członków brazylijskiej społeczności polonijnej
Jerzy MILEWSKI 164

- *Dom Izidoro KOSINSKI, CM*165
- *Frans KRAJCBERG*166

Mariano KAWKA

- O PROF. WALDEMIRO GREMSKI
É RECONDUZIDO AO CARGO DE REITOR
DA PUC-PR**168

Prof. Waldemiro Gremski ponownie powołany na rektora PUC-PR

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

- PEREGRINAÇÃO DA RELÍQUIA
DE S. JOÃO PAULO II À COMUNIDADE
DE S. CASIMIRO, NO ESTADO DO RIO GRANDE
DO SUL**171

*Peregrynacja relikwii św. Jana Pawła II do wspólnoty
św. Kazimierza, w stanie Rio Grande do Sul*

Stanisław PAWLISZEWSKI

- CONFERÊNCIA POR OCASIÃO DOS 95 ANOS
DA MORTE DE RUI BARBOSA**176

Konferencja z okazji 95 rocznicy śmierci Ruia Barbosy

Stanisław PAWLISZEWSKI

- ABERTURA DA EXPOSIÇÃO
“MEU CORAÇÃO DE POLACO VOLTOU”
NA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA**191

*Otwarcie wystawy “Moje polskie serce wróciło” w bibliotece
Uniwersytetu Warszawskiego*

- JUBILEU DE 60 ANOS DE SACERDÓCIO
DO PE. JÓZEF WOJNAR SCHR**200

Jubileusz 60 lat kapłaństwa ks. Józefa Wojnara TChr

**O PROF. HENRYK SIEWIERSKI DA UnB
RECEBE TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO
DE SKAWINA204**
*Prof. Henryk Siewierski z UnB otrzymał tytuł obywatela
honorowego Skawiny*

**O PROF. JERZY MAZUREK RECEBE ALTA
CONDECORAÇÃO BRASILEIRA206**
*Prof. Jerzy Mazurek otrzymał wysokie odznaczenie
brazylijskie*

**CONSULADO HONORÁRIO DA POLÔNIA
EM SÃO PAULO207**
Konsulat Honorowy RP w São Paulo



Dedicatória

Em 2018 a Polônia comemora solenemente o centenário da recuperação da sua Independência. Por isso dedicamos este número da revista à Polônia, Pátria de muitos de nós ou dos nossos antepassados, da qual, nos tempos difíceis do domínio estrangeiro, bem como em período posterior, emigraram milhares de poloneses que pelo seu trabalho e pela sua dedicação contribuíram em diversas áreas para o desenvolvimento do Brasil, por eles escolhido como sua segunda Pátria! Ao mesmo tempo, a coletividade dos mais de dois milhões de descendentes daqueles imigrantes poloneses, que são hoje leais cidadãos brasileiros, envolve-se nas comemorações da recuperação da independência do país em que orgulhosamente enxergam as suas raízes!

Dedykacja

W roku 2018 Polska uroczyscie świętuje 100 lecie odzyskania Niepodległości! Obecny numer periodyku dedykujemy Polsce, Ojczyźnie wielu z nas lub naszych przodków, z której w trudnych latach niewoli, jak też w późniejszym okresie, wyemigrowało tysiące Polaków, przyczyniających się swoją pracą, oddaniem do różnorodnego rozwoju Brazylii, którą wybrali za swoją drugą Ojczyznę! Ponad dwumilionowa społeczność potomków polskich imigrantów będących lojalnymi, praworządnymi obywatelami Brazylii włącza się w świętowanie odzyskania niepodległości kraju, do którego z dumą przyznają się, boć przecież tam są jej korzenie!

EDITORIAL

Este ano de 2018 tem um significado especial para a Polônia, bem como para os poloneses e seus descendentes que vivem em outros países. Com efeito, comemoramos no ano corrente o centésimo aniversário da recuperação da independência do país. Durante 123 anos a Polônia permaneceu sob a ocupação dos invasores: Áustria, Prússia e Rússia. A borrasca da Primeira Guerra Mundial, a ação armada dos poloneses das três zonas de ocupação sob o comando de Józef Piłsudski, bem como os esforços diplomáticos contribuíram para que após tantos anos de domínio estrangeiro o Estado Polonês ressuscitasse. Para enfatizar o significado das comemorações da recuperação da independência polonesa, publicamos no presente número do nosso periódico alguns textos.

O primeiro texto, que abre a seção *POLÔNIA*, é o discurso do presidente Andrzej Duda pronunciado no dia 5 de outubro de 2017 diante da Assembleia Nacional em Varsóvia. A fala do chefe de Estado inaugurou as comemorações do centésimo aniversário da recuperação da independência que no decorrer do ano serão organizadas e promovidas na Polônia, bem como nos lugares onde vivem os emigrados poloneses e seus descendentes. Segundo o presidente da Polônia, o ano da comemoração da liberdade deve ser um tempo de reflexão sobre o seu significado para o presente, mas também de ponderação sobre o futuro. Com certeza a leitura do discurso do presidente Andrzej Duda familiarizará o leitor com a realidade histórica, mas também com as aspirações da Polônia para o futuro. Um outro texto que apresentamos aos leitores é a carta dos bispos poloneses dirigida aos

compatriotas que vivem fora das fronteiras da Polônia. O Episcopado da Polônia dirigiu essa carta à comunidade polônica por ocasião das comemorações do 3 de Maio, que não é apenas uma comemoração da Constituição de 1791, mas também a festa religiosa de Nossa Senhora Rainha da Polônia. Na carta os bispos apontam para a pastoral polonesa organizada fora das fronteiras da Polônia, nos lugares onde vivem os nossos emigrados. Mais de dois mil padres poloneses prestam assistência aos compatriotas presentes em todos os continentes do mundo. Os bispos expressam a gratidão diante daqueles poloneses que, vivendo como emigrados, no Ocidente, sonhavam com uma Polônia livre e apoiavam os esforços que visavam à recuperação da sua independência. Os autores da carta encaminham também os seus pensamentos e sentimentos aos poloneses que há gerações vivem no Leste, em áreas que antes da Segunda Guerra Mundial pertenceram à Polônia. Em condições difíceis, sob o domínio de uma ideologia ateuista, eles foram capazes de preservar a sua fé e o seu polonismo. Os bispos concluem a carta com um estímulo ao trabalho e à oração em prol da Pátria Independente. Com esperança, confiam à proteção de Maria Soberana o seu desenvolvimento e o seu futuro. No dia 6 de fevereiro de 2018 o presidente da Polónia Andrzej Duda promulgou a complementação de uma lei que diz respeito ao Instituto da Memória Nacional. Ultimamente, tem sido removida do discurso público na Europa e nos Estados Unidos a expressão “campos nazistas de concentração” e substituída pela injusta e falsa expressão “campos de concentração poloneses”! No dia 18 de dezembro de 1998 surgiu a lei sobre o Instituto da Memória Nacional cujo texto foi uniformizado no dia 16 de junho de 2016. A emenda do dia 6 de fevereiro de 2018 enrijeceu a norma legal no sentido de que não se pode acusar a Nação Polonesa ou o Estado Polonês pelos crimes

cometidos pela Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45). A lei, que despertou muita polêmica nos Estados Unidos, em Israel e na Europa, assumiu a defesa do bom nome da Polônia, bem como da verdade histórica. Não se pode transformar a vítima em criminoso. Além disso, durante a guerra pereceram não somente judeus. A Polônia também perdeu 3 milhões dos seus cidadãos. Diante da incompreensão da mencionada emenda da lei sobre a memória nacional e dos intensificados ataques de alguns políticos – e também da imprensa – contra a Polônia, Stanisław Karczewski – presidente do Senado da Polônia – encaminhou uma carta à comunidade polônica mundial, pedindo que ela se tornasse a defensora da verdade histórica e se empenhasse pelo bom nome da Polônia nos países de sua residência. O leitor tem a possibilidade de familiarizar-se com a introdução do redator do nosso periódico à carta do presidente do Senado da Polônia e com o conteúdo da própria carta acima mencionada.

Na segunda seção, *ARTIGOS*, propomos ao leitor alguns textos. Todos os anos a Igreja católica comemora o Dia Internacional do Migrante e do Refugiado. Nessa ocasião o Papa encaminha aos fiéis uma mensagem especial. Apresentamos ao leitor o conteúdo da mensagem do Papa Francisco, na qual ele chama a atenção para a aceitação, a defesa dos direitos, bem como para a integração dos migrantes e refugiados. O texto seguinte que apresentamos ao leitor, de autoria de Francisco José dos Santos Braga, é dedicado à data de 11 de novembro de 1918. Vale a pena conhecer a história relacionada com a recuperação da independência pela Polônia. O autor seguinte, Jerzy Mazurek, igualmente apresenta ao leitor a realidade relacionada com a recuperação da independência polonesa. O autor se concentra na política do Brasil diante da Polônia, bem como na postura da coletividade polônica brasileira na questão relacionada com a luta pela

independência da Polônia. O autor Julian Maślanka apresenta-nos a figura de Tadeusz Stanisław Grabowski (1881-1975). Após concluir estudos de filologia polonesa na Universidade Jagiellônica (UJ), ele aprofundou os seus conhecimentos em universidades em Zagreb, Belgrado, Praga e Viena. Trabalhou na UJ como eslavista. Durante a Primeira Guerra Mundial esteve envolvido nas Legiões Polonesas. Em 1925 assumiu o trabalho no Ministério das Relações Exteriores e dois anos depois assumiu o posto de legado polonês no Brasil, onde desempenhou a sua missão diplomática até 1939. A seguir voltou à Polônia. Interessante é o trabalho didático e científico de Tadeusz Stanisław Grabowski, a respeito do que o leitor ficará sabendo na segunda parte do artigo. Renata Siuda-Ambroziak, já bem conhecida dos nossos leitores, em seu artigo debruça-se sobre a dolorosa realidade que foi a Segunda Guerra Mundial e pergunta: Quem é o culpado pelo Holocausto? A autora escreve sobre as vítimas da Segunda Guerra Mundial, judeus e poloneses. Se falamos e escrevemos de uns como vítimas, não podemos deixar de lado os outros, que também sofreram nas mãos do mesmo algoz e carrasco, que foi a Alemanha nazista. Um outro texto e uma outra problemática, que são apresentados por Mariano Kawka – membro da equipe redacional desta publicação e tradutor de textos poloneses, é a contribuição dos Padres Vicentinos ao desenvolvimento escolar e cultural no Sul do Brasil. Os padres vicentinos (lazaristas) poloneses começaram a vir ao Brasil para cumprir o ministério pastoral junto aos colonos poloneses. Mas eles não restringiram o seu trabalho à assistência estritamente religiosa prestada aos compatriotas. Com o correr do tempo e em razão dos desafios que se apresentavam, eles abriram e dirigiram escolas, bem como desenvolveram uma ampla atividade cultural e jornalística (publicação de periódicos, difusão da literatura, estações de

rádio, arquivo polônico). O autor seguinte é Luciano Fialkowski, que em seu artigo, escrito em espírito poético, convida o leitor a uma reflexão sobre o incerto passado e a uma jornada pelas águas do dia a dia. Escreve sobre os imigrantes poloneses que se estabeleceram no Sul do Brasil. Daqueles que cultivaram a terra, mas que também preservaram os seus valores culturais. O autor dirige o seu olhar aos descendentes daqueles colonos já integrados na sociedade brasileira, mas orgulhosos da sua origem. E, repleto de espírito poético, faz muitas perguntas filosóficas. O polônico brasileiro deve ele mesmo dar uma resposta apropriada às perguntas formuladas, que o atingem pessoalmente e não querem ficar sem resposta. Além do cultivo da terra e do trabalho em diversas profissões, contribuindo juntamente com outras etnias para o desenvolvimento do Brasil, os colonos poloneses e seus descendentes deixaram algum vestígio permanente nesse país? Um aprofundamento na leitura do texto de autoria de três pessoas relacionadas com a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) – Schirley Mari Freder, Mario Procopiuk e Mayara Bormann Azzulin – com certeza nos fornecerá uma resposta à pergunta formulada. Analisando a estrutura de dois municípios selecionados – Itaiópolis, em Santa Catarina, e Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul, os autores percebem neles os sinais da influência da cultura polonesa, no seu patrimônio material e imaterial. Durante a sua viagem à Polônia, Izabel Leviski foi surpreendida pela originalidade do Museu do Neon em Varsóvia. Em seu artigo a autora escreve sobre os objetos expostos no museu, bem como sobre os seus fundadores. O museu lembra os tempos do socialismo, que se utilizava do neon para a sua propaganda.

A seção seguinte, *RESENHAS*, apresenta a tradução do livro *Na trilha dos peregrinos*, de autoria do Pe. Ignacy

Posadzy SChr. O cardeal August Hlond, Primaz da Polônia, por duas vezes enviou o Pe. Ignacy Posadzy à América do Sul, para que ele se familiarizasse *in loco* com a situação dos colonos poloneses. Um fruto dessas viagens é o mencionado livro, que foi traduzido por Mariano Kawka. A publicação dessa tradução inscreve-se nas comemorações dos 70 anos do trabalho da Sociedade de Cristo entre os poloneses e os seus descendentes no Brasil. Cláudia Regina Kawka Martins faz uma análise dessa publicação. Conhecendo o conteúdo do livro e lendo a sua resenha, tem-se a impressão de que a autora percebeu muito bem a forma de ver e de sentir aquilo que foi percebido pelo Pe. Ignacy Posadzy entre os colonos poloneses e o novo ambiente em que lhes coube viver.

A última seção do periódico, *CRÔNICAS*, apresenta textos que mostram diversas pessoas e momentos vivenciados tanto aqui, no Brasil, como na Polônia. Publicamos esses eventos em forma cronológica. Primeiramente registramos a morte de eminentes personalidades do Brasil e representantes da nossa coletividade polônica, a saber: Jerzy Milewski – violinista, Dom Izidoro Kosinski CM – ordinário emérito da diocese de Três Lagoas, no estado de Mato Grosso, e Franz Krajcberg – escultor, pintor e fotógrafo. Mariano Kawka escreve sobre a recondução do Prof. Waldemiro Gremski ao cargo de reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Zdzislaw Malczewski SChr descreve a solenidade da festa polônica em honra de S. Casimiro e a peregrinação das relíquias de S. João Paulo numa colônia polonesa no Rio Grande do Sul. Stanisław Pawliszewski escreve sobre uma conferência em Varsóvia em homenagem aos 95 anos de morte de Rui Barbosa, grande defensor da uma Polônia independente. Esse mesmo autor nos brinda com o seu texto que fala da inauguração, na biblioteca da Universidade de Varsóvia, de uma exposição dedicada a Paulo Leminski e

intitulada “Meu coração de polaco voltou”. O jubileu dos 60 anos de sacerdócio, dentro dos quais de 54 anos de trabalho em prol da Igreja e da comunidade polônica brasileira, é um evento incomum. Esse acontecimento é vivenciado neste ano pelo Pe. José Wojnar SChr – um sacerdote de reconhecidos méritos dentro da comunidade polônica local. Por ocasião desse jubileu, o Pe. Zdzislaw Malczewski SChr – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, diante da impossibilidade de estar presente em pessoa nas solenidades que envolveram o aniversariante em Quedas do Iguaçu-PR –, enviou ao Eminentíssimo Aniversariante os votos relacionados com a data, que publicamos nesta seção do periódico. O Prof. Henryk Siewierski, diretor da cátedra Cyprian Kamil Norwid na Universidade de Brasília (UnB) e muito benemérito pelo seu trabalho de divulgador da literatura polonesa no Brasil, recebeu o título de cidadão honorário da cidade e do município de Skawina, perto de Cracóvia. Nessa oportunidade o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil e redator desta publicação encaminhou às autoridades da cidade e do município uma oportuna mensagem, cujo conteúdo publicamos. Registramos o evento, e ao mesmo tempo felicitamos o Prof. Dr. Jerzy Mazurek, vice-diretor do Museu do Movimento Popular Polonês em Varsóvia, professor da Universidade de Varsóvia e nosso aplicado colaborador, pela distinção da Ordem de Rio Branco com que foi honrado na Embaixada do Brasil em Varsóvia e que lhe foi conferida pelo presidente do Brasil. Esta seção se encerra com a notícia da abertura do Consulado Honorário da Polônia em São Paulo. A função de Cônsul Honorário foi assumida no dia 8 de maio de 2018 por Andrés Bukowinski, um cineasta nascido na Polônia e bem conhecido no Brasil.

O número da revista que apresentamos aos prezados leitores é muito diversificado pela temática que os autores dos textos tiveram a bondade de nos apresentar. Tenho a esperança de que a sua leitura será fascinante e ao mesmo tempo aberta à Polônia e à nossa coletividade polônica no Brasil!

Com os votos de uma enriquecedora e útil leitura –

Zdzislaw Malczewski SChr - redator

W S T Ę P

Obecny 2018 rok ma szczególne znaczenie dla Polski, jak też dla Polaków i ich potomków żyjących poza granicami kraju. Obchodzimy bowiem w bieżącym roku setną rocznicę odzyskania niepodległości. Przez 123 lata Polska pozostawała pod okupacją najeźdźców: Austrii, Prus, Rosji. Zawierucha pierwszej wojny światowej, zbrojny czyn Polaków z trzech zaborów pod wodzą Józefa Piłsudskiego, a także zabiegi dyplomatyczne przyczyniły się do wskrzeszenia po latach niewoli Państwa Polskiego. Dla podkreślenia roli świętowania odzyskania Niepodległości Polski zamieszczamy w obecnym numerze naszego periodyku kilka tekstów.

Pierwszym tekstem otwierający dział *POLSKA* jest przemówienie prezydenta Andrzeja Dudy wygłoszone 5 grudnia 2017 r. przed Zgromadzeniem Narodowym w Warszawie. Przemówienie głowy państwa otworzyło obchody setnej rocznicy odzyskania niepodległości, jakie w ciągu roku będą organizowane i obchodzone w Polsce, a także tam, gdzie żyją polscy emigranci i ich potomkowie. Według prezydenta Polski rok świętowania wolności winien być czasem do refleksji nad jej znaczeniem dla współczesnych, ale również zamyśleniem nad przyszłością. Z pewnością lektura tekstu przemówienia prezydenta Andrzeja Dudy przybliży czytelnikowi realia historyczne, jak też aspiracje przyszłościowe Polski. Drugim tekstem, jaki proponujemy czytelnikowi jest list biskupów polskich skierowany do rodaków żyjących poza granicami kraju. Episkopat Polski skierował ten list do Polonii z okazji obchodu 3 Maja, który jest nie tylko wspomnieniem Konstytucji z 1791 roku, ale także religijnym świętem Matki Bożej Królowej Polski. Ustanowienie tego religijnego święta, w którym wierzący

Polacy uznają Matkę Zbawiciela za swoją Królową nastąpiło właśnie po odzyskaniu niepodległości Polski. W liście biskupi wskazują na duszpasterstwo polskie zorganizowane poza granicami kraju tam, gdzie żyją nasi emigranci. Ponad dwa tysiące polskich księży posługuje rodakom obecnym na wszystkich kontynentach świata. Biskupi wyrażają wdzięczność wobec tych Polaków, którzy przebywając na emigracji, na Zachodzie, śnili o wolnej Polsce i wspierali wysiłki zmierzające do odzyskania przez nią niepodległości. Autorzy listu kierują także swoje myśli i uczucia dla Polaków od pokoleń żyjących na Wschodzie, na terenach które przed II wojną światową należały do II Rzeczypospolitej. W trudnych warunkach, pod panowaniem ideologii ateistycznej, potrafili zachować swoją wiarę i polskość. Biskupi kończą list zachętą do pracy i modlitwy na rzecz Niepodległej Ojczyzny. Z nadzieją zawierają opiece Maryi Królowej jej rozwój i przyszłość. 6 lutego 2018 r. prezydent Polski Andrzej Duda podpisał uzupełnienie ustawy prawnej odnośnie Instytutu Pamięci Narodowej. Od pewnego okresu wyrugowano z dyskursu publicznego w Europie i USA wyrażenie „niemieckie nazistowskie obozy koncentracyjne” i zastąpiono niesprawiedliwym i fałszywym „polskie obozy koncentracyjne”! 18 grudnia 1998 r. powstała ustawa o Instytucie Pamięci Narodowej, której tekst ujednolicono 16 czerwca 2016 r. Nowelizacja ustawy a 6 lutego 2018 r. zaostriżyła przepis prawny. Nie można pomawiać Narodu Polskiego czy też Polskiego Państwa za zbrodnie popełnione przez Niemcy hitlerowskie w czasie II wojny światowej (1939-45). Ustawa, która wzbudziła wiele polemiki w USA, Izraelu czy Europie, wzięła w obronę dobre imię Polski, jak też historyczną prawdę. Nie można ofiary czynić zbrodniarzem. Ponadto podczas wojny ginęli nie tylko Żydzi. Polska także straciła 3 miliony swoich obywateli. W związku z

niezrozumieniem wspomnianego uzupełnienia ustawy o IPN i spotęgowanych ataków niektórych polityków, a także prasowych na Polskę, Stanisław Karczewski – marszałek Senatu RP skierował list do społeczności polonijnej w świecie, aby stała się obrońcą prawdy historycznej i zabiegała o obronę dobrego imienia Polski w krajach swego zamieszkania. Czytelnik ma możliwość zapoznania się ze wstępem redaktora naszego periodyku do listu marszałka Senatu RP, jak też i z treścią samego wspomnianego listu.

W drugim dziale *ARTYKUŁY* proponujemy czytelnikowi kilka tekstów. Każdego roku Kościół katolicki obchodzi Międzynarodowy Dzień Migranta i Uchodźcy. Z tej okazji papież kieruje do wiernych specjalne przesłanie. Udostępniamy czytelnikowi treść przesłania papieża Franciszka, w którym zwraca on uwagę na przyjmowanie, ochronę praw, jak też integrację migrantów i uchodźców. Kolejny tekst, jaki udostępniamy czytelnikowi, poświęcony jest dacie 11 listopada 1918 r. Autorem artykułu jest Francisco José dos Santos Braga. Warto poznać historię związaną z odzyskaniem przez Polskę niepodległości. Kolejny autor Jerzy Mazurek również przybliży czytelnikowi realia związane z odzyskiwaniem polskiej niepodległości. Autor koncentruje się na polityce Brazylii wobec Polski, jak też postawie brazylijskiej społeczności polonijnej w sprawy związane z walką o niepodległość Polski. Autor Julian Maślanka prezentuje nam postać Tadeusza Stanisława Grabowskiego (1881-1975). Po ukończeniu studiów z filologii na Uniwersytecie Jagielloński, pogłębiał swoją wiedzę na uczelniach w Zagrzebie, Belgradzie, Pradze, Wiedniu. Pracował na UJ jako slawista. Podczas pierwszej wojny światowej był zaangażowany w Legionach Polskich. W 1925 r. podjął pracę w Ministerstwie Spraw Zagranicznych i dwa lata później został posłem polskim w Brazylii. Misję dyplomatyczną w tym kraju pełnił

do 1938 r. Następnie powrócił do Polski. Interesująca jest praca dydaktyczna i publicystyczna Tadeusza Stanisława Grabowskiego. O czym czytelnik dowie się z drugiej części artykułu. Dobrze już znana czytelnikowi Renata Siuda-Ambroziak w swoim artykule pochyła się nad bolesną rzeczywistością jaką była II wojna światowa i zapytuje: kto jest winny za Holocaust? Autorka pisze o ofiarach wojny w Polsce: Żydach i Polakach. Jeśli mówimy i piszemy o jednych, jako o ofiarach, to nie możemy pomijać innych, którzy również cierpieli z rąk tego samego oprawcy i kata, jakim były Niemcy hitlerowskie. Inny tekst i inna problematyka, jaką ukazuje Mariano Kawka - członek zespołu redakcyjnego i tłumacz polskich tekstów, to wkład księży misjonarzy św. Wincentego w rozwój szkolnictwa i kultury na południu Brazylii. Polscy księża wincentyni (lazaryści) zaczęli przybywać do Brazylii, aby pełnić posługę duszpasterską wśród polskich osadników. Nie ograniczali swojej pracy do ściśle religijnego posługiwania rodakom. Z biegiem czasu i ze względu na pojawiające się wyzwania zajęli się otwieraniem i prowadzeniem różnorodnych szkół, a także szeroką działalnością publicystyczną (czasopiśmiennictwo, szerzenie literatury, rozgłośnie radiowe, archiwum polonijne). Kolejny autor to Luciano Fialkowski. W swoim artykule, pisanym w duchu poezji, zaprasza czytelnika do refleksji nad niepewną przeszłością i podjęcia się wiosłowania po wodach codziennego życia. Pisze o polskich emigrantach osiedlających się na południu Brazylii. Uprawiających rolę, ale i podtrzymujących swoje wartości kulturowe. Autor spogląda na potomków osadników żyjących już w społeczeństwie brazylijskim, ale dumnych ze swego pochodzenia. Autor pełen ducha poety stawia wiele filozoficznych pytań. Polonus brazylijski winien sam sobie dać właściwą sobie odpowiedź na stawiane pytania, które dotyczą osobiście i nie chcą pozostać

bez odpowiedzi. Polscy osadnicy i ich potomkowie, poza uprawą roli i pracą w różnych zawodach przyczyniając się wraz z innymi nacjami do rozwoju Brazylii, pozostawili jakiś trwały ślad w rzeczywistości tego kraju? Zagłębiając się w lekturę tekstu autorstwa trzech osób związanych z Papieskim Uniwersytetem Katolickim w Kurytybie: Schirlei Mari Freder, Mario Procopiuk i Mayara Bormann Azzulin z pewnością znajdziemy odpowiedź na postawione pytanie. Autorzy przyglądając się strukturze dwóch wybranych miasteczek: Itaiópolis w Santa Catarina i Guarani das Missões w Rio Grande do Sul, dostrzegają w nich znaki wpływu polskiej kultury: patrymonium nie materialne i materialne. Izabel Leviski podczas podróży naukowej do Polski została zaskoczona niespotykanym na szeroką skalę muzeum neonu w Warszawie. W artykule autorka pisze o eksponatach muzealnych, jak też o jego założycielach. Muzeum przypomina czas socjalizmu wykorzystującego neon do swojej propagandy.

Kolejny dział *PRZEGLĄD LITERACKI* prezentuje tłumaczenie książki „Droga pielgrzymów” autorstwa ks. Ignacego Posadzego TChr. Kardynał August Hlond, Prymas Polski dwukrotnie wysyłał ks. Ignacego Posadzego do Ameryki Południowej, aby na miejscu zapoznał się z sytuacją polskich osadników. Owocem tych podróży jest omawiana książka, którą przetłumaczył Mariano Kawka. Publikacja tej książki wpisuje się w obchody 70 lat posługi Towarzystwa Chrystusowego wśród Polaków i ich potomków w Brazylii. Claudia Regina Kawka Martins przygotowała dla czytelnika omówienie tej pozycji. Znając treść książki i wczytując się w jej recenzję odnosi się wrażenie, że jej autorka dobrze weszła w sposób patrzenia, odczuwania tego co dostrzegał ks. Ignacy Posadzy wśród polskich osadników i ich nowym otoczeniu.

Ostatni dział periodyku *WYDARZENIA* zamieszcza teksty, które przybliżają wiele osób i przeżywanych momentów tu w Brazylii, jak i tam w Polsce. Wydarzenia umieszczamy chronologicznie. Najpierw odnotowujemy śmierć wybitnych osobistości Brazylii i reprezentujących naszą polonijną społeczność, a mianowicie: Jerzy Milewski – skrzypek, biskup Izidoro Kosinski, CM – emerytowany ordynariusz diecezji Três Lagoas w stanie Mato Grosso i Franz Krajberg – rzeźbiarz, malarz i fotograf. Mariano Kawka pisze o ponownym objęciem przez prof. Waldemiro Gremskiego funkcji rektora Papieskiego Uniwersytetu Katolickiego w Kurytybie. Zdzisław Malczewski TChr opisuje uroczystość polonijnego odpustu ku czci św. Kazimierza i peregrynacji relikwii św. Jana Pawła II w kolonii polskiej w Rio Grande do Sul. Stanisław Pawliszewski pisze o warszawskiej konferencji dla uczczenia 95 lat śmierci Ruia Barbosy, wielkiego orędownika Polski niepodległej. Ten sam autor podarował nam tekst omawiający otwarcie, w bibliotece Uniwersytetu Warszawskiego, wystawy poświęconej Paulo Lemanskiemu pt. „Moje polskie serce powróciło”! Jubileusz 60 lat kapłaństwa w tym 54 lata posługi Kościołowi i Polonii brazylijskiej nie jest codziennością. Wydarzenie to przeżywa w tym roku ks. Józef Wojnar TChr – zasłużony dla wspólnoty polonijnej w tym kraju. Z okazji tego jubileuszu ks. Zdzisław Malczewski TChr – rektor Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii – nie mogąc osobiście być na uroczystości jubilat w Quedas do Iguaçu – przesłał Dostojnemu Jubilatowi okolicznościowe życzenia, które zamieszczamy w tym dziale periodyku. Prof. Henryk Siewierski dyrektor katedry Cypriana Kamila Norwida na Uniwersytecie w Brasílii (UnB) i bardzo zasłużony w promocji polskiej literatury w Brazylii otrzymał tytuł obywatela honorowego miasta i gminy Skawina koło Krakowa. Z tej okazji rektor PMK i redaktor czasopisma

przesłał do władz miasta i gminy odpowiednie przesłanie! Jego treść zamieszczamy. Odnotowujemy i zarazem gratulujemy dr hab. Jerzemu Mazurkowi, wicedyrektorowi Muzeum Polskiego Ruchu Ludowego w Warszawie, wykładowcy Uniwersytetu Warszawskiego i naszemu oddanemu Autorowi, otrzymanego odznaczenia, jakie przyjął w Ambasadzie Brazylii w Warszawie, a które zostało przyznane przez prezydenta tego kraju! Ten dział zamykamy wiadomością o otwarciu w São Paulo Konsulatu Honorowego RP. Funkcję Konsula Honorowego objął dnia 8 maja 2018 r. Andrés Bukowinski, filmowiec urodzony w Polsce i dobrze znany w Brazylii.

Numer czasopisma, jaki oddajemy do rąk Drogiego Czytelnika jest bardzo urozmaicony tematyką, jaką autorzy tekstów byli łaskawi nam zaprezentować. Mam nadzieję, że lektura będzie fascynująca i zarazem otwierająca na Polskę, jak też i na naszą polonijną społeczność w Brazylii!

Z życzeniem ubogacającej i pożytecznej lektury –

Zdzisław Malczewski SChr - redaktor

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA POLÔNIA DIANTE DA ASSEMBLEIA NACIONAL*

*Caros Compatriotas,
Excelentíssimo Senhor Presidente do Parlamento,
Excelentíssima Senhora Presidente do Conselho de Ministros,
Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro,
Excelentíssimos Senhores Vice-Presidentes do Parlamento e do Senado,
Excelentíssimos Senhores Ministros,
Excelentíssimos Senhores Presidentes,
Excelentíssimas Senhoras e Excelentíssimos Senhores Deputados e Senadores,
Eminências e Excelências, Dignos Representantes de Igrejas e Confissões,
Excelentíssimos Senhores Deputados ao Parlamento Europeu,
Excelentíssimos Senhores e Senhoras Embaixadores,
Excelentíssimos Senhores Gerais, Oficiais, Representantes do Exército Polonês e da Polícia,
Todos os Distintos Convidados, Participantes da Assembleia Nacional!*

Estamos inaugurando hoje as comemorações da grande festa da liberdade. O Jubileu da recuperação da independência da Polônia será, por um lado, ocasião para uma reflexão sobre o futuro, mas, por outro lado, eu gostaria que

* Mensagem do presidente da Polônia Andrzej Duda durante a sessão da Assembleia Nacional no dia 5 de dezembro de 2017. Expressamos os nossos agradecimentos à Chancelaria do Presidente da Polônia por ter dado a autorização para a publicação do texto da mensagem no periódico *Polonicus*.

fosse um autêntico divisor de águas. Um momento importante do ponto de vista do nosso futuro, da nossa caminhada rumo a novos tempos.

Cem anos são três gerações. A respeito do surgimento, do desenvolvimento e do final da II República discutimos hoje mais tranquilamente, com maior dose de objetividade. Graças a isso, podemos utilizar-nos mais plenamente das experiências dos poloneses daquele período. Aprendemos com os seus sucessos. Admiramos a sua ampla visão, o seu dinamismo, a sua dedicação e coragem. Mas também analisamos as suas derrotas, imperfeições e todas as oportunidades perdidas. Fazemos isso porque somos capazes de extrair força e inspiração de toda obra do destino. Porque sabemos superar toda dificuldade. Porque somos uma nação forte, orgulhosa e perseverante. Nunca, jamais nos rendemos.

Há cem anos os patriotas poloneses se defrontaram com um momento crucial. Eles avaliaram acertadamente a sua situação. Empreenderam ações apropriadas e eficazes, que coroaram décadas de pesada labuta e lutas dramáticas. Corajosamente questionaram a situação, que – embora deles bem conhecida a familiar – não era uma expressão da vontade deles, mas da vontade dos inimigos. Derrubaram o jugo da tirania. Tomaram seu destino em suas próprias mãos.

Hoje os entendemos perfeitamente e nos identificamos com eles, porque também hoje nos defrontamos com desafios – diferentes, mas não menos importantes para a edificação do país e da nação. Vale a pena neste ponto citar as palavras do Senhor Presidente Lech Kaczyński, firmemente gravadas em minha memória, que pronunciou no dia 11 de novembro de 2009. Disse ele então: “A minha mensagem para hoje é o Estado polonês; o Estado polonês é um valor sobre o qual hoje é preciso concentrar-se, que é tão importante que da eficiência

da República, justamente desse Estado, depende o nosso futuro sucesso”.

E, aludindo a essas palavras, Caros Compatriotas, Excelentíssimos Senhores deputados e senadores, todos os honrados Convidados aqui reunidos, como Presidente quero dizer: O Jubileu do centenário da recuperação da independência é o tempo da definitiva rejeição da descrença no nosso próprio valor e nas nossas próprias forças. Diante disso, rejeitemos a falsa vergonha relacionada com a nossa história nacional e a nossa identidade, que há anos em nós é incutida. Prezados Senhores e Senhoras! Basta de sentimento de dependência – de incerteza a respeito de podermos trilhar o nosso próprio caminho. Basta de insinuações de que não somos capazes das nossas próprias e soberanas definições quanto aos nossos objetivos e aspirações! Não é assim que devem ser administradas as causas polonesas!

Chegou o tempo de a essência da nossa vida pública deixar de ser um incessante e destruidor embate de tribos inimigas. O tempo de um debate objetivo no grêmio dos compatriotas. Para um diálogo entre os depositários de um bem inestimável, que é a nossa pátria comum, independente. A Polônia não é propriedade de ninguém. A Polônia não é sequer propriedade nossa, da nossa geração. Nós apenas somos os seus eleitos, os seus servos e protetores. A Polónia – eternamente jovem e de beleza cativante, grave, mas também cheia de majestade – desperta continuamente em nós novas forças e aptidões, o orgulho e a coragem, grandes ideais e vivos sentimentos. Cresce juntamente conosco. É forte pela nossa força e pelos nossos sucessos. O desvelo por esse tesouro será um dia por nós transmitido a nossos filhos e netos. Por isso, não somente não podemos dissipá-lo, mas, muito pelo contrário, temos a obrigação e o dever de resolutamente o multiplicar. Realizaremos essa tarefa se

legarmos a eles um país mais forte e mais seguro, uma sociedade mais unida.

Caso nisso não tenhamos sucesso, a história – infelizmente talvez, e com grande probabilidade – nos chamará de geração perdida. Senhoras e Senhores, ninguém já se lembra dos nomes dos parlamentares do período de entreguerras que aqui, neste prédio, se permitiam escandalosos excessos e pronunciamentos não condizentes com a seriedade da função por eles desempenhada. No entanto permaneceu a memória daqueles que pela sua sabedoria, pelo seu honesto trabalho e capacidade de diálogo mereceram o título de estadistas. Foram eles que – como as grandes multidões de poloneses simples e trabalhadores – carregaram em seus ombros a herança milenar da cultura, da tradição e da soberania polonesa. É a respeito deles que pensamos hoje com gratidão e admiração. É nas realizações, nas experiências e nos projetos deles que vemos a fonte da nossa inspiração, do nosso orgulho e da nossa esperança.

Prezados Senhores e Senhoras!

Há um século, para a recriação, e depois para a salvação da Pátria, uniu-se toda a nação. Os poloneses seguiram o exemplo de todos os seis principais líderes, que hoje chamamos de pais da independência. Aqueles eminentes seis principais líderes estavam divididos em quase tudo, especialmente na esfera da política. Mas estavam unidos por um ideal único, fundamental – uma Polônia soberana e independente, um Estado polonês livre.

Por isso hoje, no aniversário dos 150 anos de nascimento do Marechal José Piłsudski, prestamos uma solene homenagem ao conspirador e soldado, ao comandante e estrategista inteiramente devotado à causa de uma Polônia livre. Honramos a memória de um homem de grande

coragem, determinação e força de caráter, capaz de atrair a si para a luta milhares de jovens patriotas. De um político que dizia: “Queremos uma Polônia independente, para que nela possamos organizar uma vida melhor e mais justa para todos”. De um líder nacional, que na plena consciência da realidade então existente lamentava: “Uma das maldições da nossa vida, uma das maldições da edificação da nossa nacionalidade é que nos dividimos em diversos tipos de poloneses, é que falamos a única língua polonesa, mas compreendemos de forma diferente até as palavras polonesas, que criamos entre nós poloneses de diversas espécies, poloneses com dificuldade para se compreenderem [...]”. Honramos hoje a memória de um líder que no dia 6 de agosto de 1914, na companhia de apenas cento e cinquenta soldados, partiu de Cracóvia para a jornada que levou toda a nação à recuperação da independência – e que seis anos mais tarde já comandava um exército polonês de mais de um milhão de soldados.

Mas com gratidão e respeito lembramos também Roman Dmowski – coautor e incansável realizador do programa da “nacionalização das massas”, da divulgação de posturas cívicas, patrióticas, comunitárias. Lembrando a sua participação na conferência de paz em Versalhes, dizia ele: “Um Estado polonês forte é necessário não somente a nós, para o nosso desenvolvimento nacional, para a concretização dos nossos objetivos e o cumprimento das nossas tarefas. Ele não é menos necessário para a consolidação da paz e, com ela, das condições para a grande obra civilizacional de toda a Europa”. Quanto esse diagnóstico preserva, também hoje, da sua atualidade!

Não haveria a independência sem Inácio João Paderewski. Esse eminente pianista e compositor, juntamente com Roman Dmowski, alcançou o espetacular sucesso

diplomático que foram as resoluções do Tratado de Versalhes relacionadas com a Polônia. Anteriormente, a milhares de ouvintes no mundo inteiro ele falou da sua Pátria com os sons da música de Chopin. E aos poloneses falou, emocionado: “Não perecerá a Polônia, não perecerá! Mas viverá pelos séculos dos séculos em poder e glória. Para vocês, para nós e para toda a humanidade”. Com o seu carisma e com o seu ardente patriotismo ele estimulou a Grande Polônia ao levante, cujo sucesso no final de 1918 e início de 1919 fortaleceu grandemente a jovem Polônia que renascia.

Mas não haveria a Polônia livre se não fosse Inácio Daszyński e o seu manifesto, conclamando a população polonesa à construção “do edifício de uma República independente e unida”, para ocupar “o seu devido lugar na família das nações livres”, para assumir o papel de “dona de sua própria terra”. Não haveria a Polônia livre se o seu gabinete, no limiar da independência, não adotasse o ideal da igualdade dos cidadãos, do sistema universal de seguridade e de defesa dos direitos dos trabalhadores – ou seja, das concepções que definiram o sistema social do Estado renascido e lhe asseguraram um amplo apoio.

Mas não haveria uma Polônia soberana e independente sem Vicente Witos, um estadista que sabia que o baluarte do polonismo e do patriotismo era a população aldeã, porque, como dizia, “nos piores momentos o camponês preservou a terra, a religião e a nacionalidade. Esses três valores forneceram a base para a criação do Estado”. Ele se inscreveu em nossa história como o mais eminente líder do movimento popular, por três vezes primeiro-ministro da futura II República e como um homem que para a causa da liberdade muito sacrificou e muito sofreu – convencido de que “a Polônia dever perdurar eternamente”.

A honra e a memória das gerações cabem igualmente a Adalberto Korfanty, e na sua pessoa também a todos os líderes do movimento plebiscitário na Silésia e aos participantes dos levantes silesianos. No alvorecer da Polônia independente, em seu último discurso ainda no “Landtag” (Parlamento) alemão, dizia: “Nós, poloneses, desde o primeiro momento em que ingressamos neste parlamento, sempre nos consideramos representantes da nação polonesa”. E na Polônia já livre, na Polônia que graças a ele e aos heroicos silesianos poloneses havia reconquistado a Alta Silésia, dizia: “Conquistamos a parte mais valiosa [da Alta Silésia] e fomos à Polônia voluntariamente, trazendo-lhe como presente um rico dote”.

Caros Compatriotas!

Prezados Senhores e Senhoras!

Aos estadistas aqui mencionados devemos não apenas a liberdade, não apenas a soberania, não apenas a independência. Aprendemos com todos eles uma lição de um sábio, amadurecido patriotismo – que se expressa na harmoniosa colaboração em questões nas quais qualquer outra postura seria uma deslealdade diante da Pátria e da Nação. No próximo ano vou participar de muitas solenidades que lembrarão os seus méritos. Tomei também a decisão de conceder *post mortem* a Ordem da Águia Branca àqueles dentre eles que ainda não alcançaram essa distinção.

Quero, no entanto, enfatizar fortemente que esses grandes, maravilhosos nomes constituem apenas o início de uma lista de pessoas que efetivamente contribuíram para que a Polônia reconquistasse a independência e a soberania. Para a edificação da História da nossa Nação e do nosso País contribuíram também os habitantes de centenas de aldeias e cidades polonesas, bem como os silenciosos heróis das nossas

histórias domésticas – envolvendo nossos vizinhos e familiares – transmitidas de geração em geração. Embora as crônicas silenciem a respeito deles, também eles merecem plenamente a presença na memória das suas pequenas pátrias. Estimulo também a que olhemos em nossa volta mais atentamente que de costume. Porque afinal também hoje podemos ainda encontrar pessoas incomuns, heroicas, às quais devemos a nossa atual independência: veteranos do Exército Nacional e soldados determinados, soldados do levante anticomunista, líderes do “Solidariedade” e de outras organizações de oposição a um regime que nos foi imposto pelas espadas soviéticas.

O jubileu que justamente se inicia será uma ocasião especial para homenagear a todos aqueles graças aos quais a nossa nação goza de liberdade e vive hoje num país próprio, livre, soberano. Façamos dessas comemorações uma festa de orgulho das nossas localidades e regiões natais, das nossas realizações políticas locais em prol da independência. Mais uma vez honremos e – caso seja necessário – salvemos do esquecimento todas as pessoas, organizações, acontecimentos e lugares com os quais se relaciona a história da luta por uma Polônia livre e a história do trabalho por ela, inclusive daquele trabalho mais trivial.

Com alegria recebo informações a respeito de numerosas iniciativas jubilares que já estão surgindo na Polônia e no mundo inteiro. Farei o que estiver ao meu alcance para delas participar com a possível frequência, ativa e diretamente – igualmente daquelas que têm um caráter popular, cívico, local. Nos meses que virão quero estar de maneira especial com os meus compatriotas. Porque afinal este é um tempo em que é preciso que estejamos juntos. Para que juntos façamos o que é muito maior e mais importante que cada um de nós em separado. Muito maior e mais importante

que as diversas tradições e simpatias políticas, as identidades ambientais ou os patriotismos locais. É justamente assim que anunciaremos ao mundo que, apesar de todas as diferenças, continuamos a formar uma nação – uma comunidade que ultrapassa o tempo e o espaço. Dessa forma nos juntaremos às gerações que antes de nós, cada uma à sua maneira, edificaram e consolidaram a nossa história.

Prezados Senhores e Senhoras, Caros Compatriotas, no entanto esse grande jubileu não está e não pode estar voltado somente para o passado. Trata-se de uma ocasião excepcional para olharmos também para nós mesmos, para novamente analisarmos os objetivos, os princípios e os valores que consideramos os mais importantes.

Diante do nosso olhar está se moldando a Polônia de um novo século – pronta a aceitar todos os desafios que lhe apresenta o presente. Por isso acredito que os conceitos da independência, da soberania e da democracia devem continuamente ser preenchidos de um novo conteúdo num mundo que muda – com frequência com muita rapidez.

A Polônia é agora, da mesma forma que há séculos, um dos maiores e mais populosos países do nosso continente. É – e deve permanecer – um membro com plenos direitos, leal, mas ao mesmo tempo autônomo e independente do Pacto do Atlântico Norte e da União Europeia. A Polônia introduz – e deve continuar a introduzir, inclusive no futuro – a sua contribuição individual para a edificação da ordem e da segurança no mundo, inclusive como membro, nos dois próximos anos, do Conselho de Segurança da ONU, como participante ativa da Iniciativa dos Três Mares e de outras importantes ações internacionais, incluindo missões militares de paz e de estabilização. Devemos também dar atenção à

qualidade e à eficácia dos serviços diplomáticos e das instituições que lhes prestam auxílio.

Necessitamos de forças armadas graças às quais a aliança com a Polônia seja para outros países o desejado trunfo, e o risco do conflito com ela – fonte de sérios temores. Necessitamos de um exército com um comando moderno, bem equipado, de moral muito elevado. De um exército consciente de que pode contar com um forte e claro apoio do Estado, de que todas as suas necessidades serão satisfeitas com eficácia e a tempo.

É tempo de um Estado que sirva a todos os cidadãos. De uma plena, real igualdade de todos os poloneses diante da lei – independentemente das opiniões, da origem, da posição material ou do *status* social. É tempo de um absoluto respeito às liberdades cívicas, mas também de uma coerente execução dos deveres cívicos.

É tempo de um direito permanente, bom a finalmente justo. De uma ordem institucional na qual as competências do poder legislativo, executivo e judiciário sejam claramente delimitadas; na qual sobre pessoas concretas que exercerem as funções públicas repousem determinadas e bem definidas obrigações – pelo cumprimento das quais seja possível arcar com a plena responsabilidade pessoal.

Sim, Senhores e Senhoras, é tempo de um sistema político funcional na medida dos desafios do tempo presente, envolvido nas normas da nova Constituição. De uma Constituição cujos princípios básicos serão definidos pela própria nação, através de um referendo, de forma direta e livre. Cuidemos também de que os procedimentos eleitorais sejam mais transparentes, plenamente dignos de confiança. É justamente disso que em grande medida depende a qualidade da nossa democracia no futuro. Lembrados das difíceis páginas da história do entreguerras que foram os anos trinta

do século passado, devemos fazer com que o feitiço do nosso país sejam tribunais justos e eficientes, bem como repartições modernas. O cidadão deve saber que o Estado que ele edifica com o seu trabalho do dia a dia, ao qual paga impostos e que está pronto a defender é um Estado que lhe é próximo e amigável – e que ao mesmo tempo inspira o respeito.

É tempo de uma permanente e estável ordem socioeconômica, de uma ordem graças à qual nas famílias polonesas venha ao mundo em grande número novos cidadãos. É tempo de soluções graças às quais os jovens poloneses possam viver, trabalhar e produzir aqui, na Pátria, não em terra estranha. É tempo de um sistema econômico em que a criatividade e o empreendedorismo dos empresários – dos empresários poloneses – sejam premiados, apoiados e defendidos. Todos esperamos igualmente que os muitos anos de debates a respeito da racionalização das estruturas da segurança interna, da proteção à saúde, do sistema da seguridade social e do efetivo apoio às pessoas atingidas por deficiências, sobretudo às crianças, terminem finalmente em propostas práticas.

Mas há também uma esfera que extrapola tudo a respeito do que aqui falei.

Além de instituições sadias, que são de certa forma o corpo do organismo estatal, necessitamos igualmente – e talvez acima de tudo – de um espírito sadio que nos congregue como comunidade, fazendo com que realmente queiramos perdurar como uma única nação. Esse espírito é a nossa tradição, a nossa história, a nossa língua e a nossa cultura, valores que reconhecemos como comuns e os mais importantes.

O espírito da nação facilmente pode ser contaminado por uma falsa ideologia. O comunismo, o nazismo, o cosmopolitismo ou a negação niilista do sistema cristão de

valores destroem o delicado vínculo cultural que nos une. A obliteração, a falsificação dos conceitos introduz o caos no nosso código cultural. Dificulta a nossa comunicação interna. As ideologias introduzem a hostilidade entre as coletividades, provocam a dissolução de comunidades. Tentam colocar-se no ápice da hierarquia dos valores, removendo para um plano secundário as tendências naturais e seculares e as aspirações do ser humano. Para perdurarmos como uma coletividade madura, que mereça o seu próprio Estado independente, devemos perceber isso – e a isso decididamente nos opor.

Caros Compatriotas!

Prezados Senhores e Senhoras!

Quero também falar de algo que trago especialmente guardado no coração. Quero que isso ressoe com muita força e clareza.

O centenário da independência talvez seja a melhor oportunidade nos últimos anos para a reconstrução do sentimento da comunidade nacional. Sem essa consciência não seremos capazes de edificar um país moderno, justo e realmente forte. “Se um reino se divide internamente, ele não consegue manter-se. Se uma família se divide internamente, ela não consegue manter-se”. A história do mundo fornece muitas provas da justeza dessa advertência evangélica. Tenhamos a consciência de que patriota é todo aquele que traz em seu coração o amor à Pátria e se empenha pelo seu bem – independentemente dos seus pontos de vista, a sua religião ou o seu *status* social.

Faço também um apelo à classe política. As disputas, que muitas vezes extrapolam as fronteiras do nosso país, não edificam a posição da nossa Pátria. Provocam sobretudo o medo e a agressividade, o sentimento de desesperança e da inevitabilidade do conflito interno. Lembremo-nos de que a

luta pela recuperação da independência do País não teria sido necessária se não fosse a catástrofe das partilhas – o cataclismo cuja causa direta foi o despreocupado e indigno recurso à arbitragem e à intervenção de potências estrangeiras. Não repetamos esse erro!

Caros Compatriotas, Prezados Senhores e Senhoras, Participantes da Assembleia Nacional!

Edifiquemos a nossa casa no fundamento da verdade e do respeito mútuo. Que este aniversário nos conscientize de que, se estivermos juntos, seremos uma comunidade madura – e então não precisamos temer o futuro. Segundo Montesquieu, “a liberdade é um bem que possibilita a utilização de outros bens”. A liberdade hoje, para a nossa geração, significa sobretudo a responsabilidade, a racional e inteligente utilização dos bens com que nos alegramos graças a ela.

Prezados Senhores e Senhoras! Caros Compatriotas!

No ano passado comemoramos os 1050 anos do batismo da Polônia. Surgiram então as perguntas: O que teria acontecido se o príncipe Mieszko não tivesse aceitado o batismo? Como se desenrolaria a nossa história se os polanos se tivessem tornado cristãos do rito oriental? Isso evidentemente nós não sabemos. Ninguém sabe hoje evidentemente responder a essas perguntas. No entanto a história nos ensina que em toda geração surge um momento de decisões cruciais. Uma prova do caráter. Um momento de verdade a respeito de nós como nação.

Assim aconteceu também há cem anos. O Novembro de 1918 podia não ter acontecido. No entanto aconteceu. Salvamos a própria identidade e a memória histórica. Perduramos. Demos conta do recado. Permanecemos fiéis aos valores patrióticos.

Isso aconteceu porque se cumpriu a condição primeira e decisiva – nós mesmos quisemos isso. Isso aconteceu porque a independência do País foi precedida pela soberania das mentes dos nossos líderes e das elites nacionais. Vencemos porque sabíamos perfeitamente o que desejávamos – o que é essa enorme, imponente herança dos séculos da qual alguém nos queria deserdar.

A Polônia independente renasceu em 1918, mas não era a mesma que aquela antes das partilhas. De outra forma se moldaram as suas fronteiras, diferente era a estrutura nacional e social, diferentes a realidade econômica e as condições materiais da vida dos cidadãos. No entanto, apesar de todas as diferenças, ninguém tinha dúvida de que essa era justamente a Polônia. E os nossos antepassados, que estavam reconstruindo seu próprio Estado, sabiam perfeitamente que eram poloneses. Assim pensavam e com essa mesma disposição trabalharam aqueles que após a Segunda Guerra Mundial ergueram o País da destruição da guerra, organizaram a nova casa polonesa nas terras ocidentais e setentrionais, assumiram a obra interrompida da industrialização – ao custo de um enorme trabalho e de renúncias, em meio a obstáculos e à opressão que não nos foi poupada pelo regime comunista. Também nós, hoje, temos a certeza de que fazemos parte dessa mesma nação que há cem anos recuperou a independência, recuperou a soberania, o Estado independente e soube reconstruí-lo. Afinal a História não encerrou o seu curso no ano 1918, no episódio da independência.

Atrás de nós, um século de dramáticas mas bem-sucedidas lutas pela liberdade e independência. Diante de nós, o século seguinte – tempo de profundas transformações civilizacionais e geopolíticas, de um acelerado progresso científico-tecnológico, de novos horizontes da ciência e com certeza de novas experiências.

Diante de nós – e em nossas mãos – a Polônia do século subsequente.

Sei e estou convencido de que, agindo conjuntamente, seremos capazes de torná-la grande. Sei e estou convencido de que dela seremos orgulhosos. Nós e aqueles que dela falarem e escreverem dentro dos próximos cem anos.

Deus, abençoei a Polônia livre, soberana e independente! Deus, abençoei os poloneses na Polônia e no mundo inteiro!

Obrigado!

RESUMO – STRESZCZENIE

Zamieściliśmy powyżej przemówienie Prezydenta RP Andrzeja Dudy wygłoszone 5 grudnia 2017 r. do Zgromadzenia Narodowego w ramach przygotowań do uroczystych obchodów 100 lecia odzyskania Niepodległości.

Wyrazy szczerego podziękowania kierujemy do Kancelarii Prezydenta RP za wyrażenie zgody na publikację tekstu przemówienia Głowy Państwa Polskiego w naszym czasopiśmie polonijnym.

**CARTA PASTORAL DOS BISPOS POLONESES
ÀS COMUNIDADES POLÔNICAS
E AOS POLONESES NO EXTERIOR**

**por ocasião da solenidade de Santíssima Virgem Maria
Rainha da Polônia e dos cem anos da recuperação da
independência da Polônia**

A solenidade da Santíssima Virgem Maria Rainha da Polônia, celebrada no dia 3 de maio, é uma expressão da fé da nação polonesa na proteção que Deus lhe tem proporcionado e continua a proporcionar por intermédio da Mãe de Jesus. O Prefácio para a solenidade da SVM Rainha da Polônia descreve o papel de Maria na história da nossa Pátria com as seguintes palavras: “Elevada à glória celestial, envolve com Seu amor maternal a Nação que A escolheu como sua Rainha, defende-a dos perigos, concede-lhe consolo nas aflições e a assiste na busca da pátria eterna, até que venha o dia do Senhor em todo o seu esplendor!”.

A solenidade da SVM Rainha da Polônia foi instituída a pedido dos bispos poloneses após a recuperação da independência pela nossa Pátria em 1918, mas oficialmente é comemorada desde 1923. Todos os anos, no dia 3 de maio, de forma solene demonstramos a gratidão a Maria pela Sua maternal presença e pelo Seu amor na história da nossa nação, bem como confiamos à Sua proteção a Polônia, as comunidades polônicas e os poloneses que vivem fora das fronteiras do nosso país.

Por isso, por ocasião da solenidade de Nossa Senhora Rainha da Polônia que ocorre num tempo tão especial como é o centésimo aniversário da recuperação da independência pela

nossa Pátria, encaminhamos a Vocês, Queridos Compatriotas, uma palavra de cordial saudação e do testemunho de que Igreja da Polônia se encontra próxima de Vocês.

Um sinal visível e permanente dessa união é o ministério pastoral de mais de dois mil sacerdotes e irmãs religiosas nos núcleos polônicos em todos os continentes. Nós Lhes transmitimos, caros Padres, Frades, Irmãos e Irmãs religiosas, as expressões da nossa profunda gratidão e do nosso reconhecimento pelo trabalho pastoral de Vocês em prol das comunidades polônicas. Dirigimos o nosso candente agradecimento a todos aqueles que colaboram com Vocês no espaço litúrgico, educacional, cultural e caritativo. Nós Lhes agradecemos pela solicitude pela preservação e pelo aprofundamento da identidade cristã e polonesa entre os nossos compatriotas.

Caros Irmãos e Irmãs!

Na história da emigração polonesa, um papel importante foi desempenhado pelo culto da imagem da Senhora e Rainha de Monte Claro. Com essa efígie os nossos compatriotas viajavam para terras distantes. Nesse Ícone caro aos seus corações eles levavam consigo a amada Polônia e todos que lhes eram próximos. Na presença do amoroso e solícito olhar da Rainha da Polônia encontravam forças espirituais e físicas para superar as adversidades, bem como a motivação para a perseverança na fé e no amor a Deus e ao ser humano. Contemplavam a imagem da Madona Negra, que com a Sua mão direita aponta para Jesus. Esse gesto é um convite a nós todos para aprofundarmos os vínculos com Jesus, sem o qual, como Ele mesmo disse, nada podemos fazer (cf. Jo 15,5)!

Respondendo ao apelo de Maria, aproximem-se de Jesus e permaneçam com Ele em afetuosa familiaridade pela

oração pessoal e recitada em família, pela leitura e pela atenta audição da palavra de Deus, pelos santos sacramentos, especialmente pela sistemática confissão e pela regular participação da santa Missa. Guiados pela fé, utilizem-se também das possibilidades da participação na Eucaristia celebrada na língua do Seu lugar de residência, porquanto até um grupo relativamente numeroso dos padres poloneses que trabalham nos núcleos polônicos não tem condições de chegar no tempo apropriado a todos os lugares onde se encontram os poloneses.

Permanecendo em estreito relacionamento com Jesus, tornem-se testemunhas Suas para os outros, inclusive para os nossos compatriotas que, apesar da fé declarada, se esquecem de Deus e vivem fora da comunidade da Igreja. Estimulem-nos a se aproximarem de Jesus pelo exemplo da própria vida, correspondente à fé professada. Esse testemunho terá igualmente uma influência positiva nos crentes de outros grupos nacionais, especialmente naqueles pertencentes às comunidades da Igreja local.

Os bispos de outros países contam com esse tipo de ajuda da parte dos católicos da Polônia. Conscientes da unidade da fé e da responsabilidade pela Igreja, empreendam esforços para a preservação de bons e regulares contatos com os católicos de outras nacionalidades. Como representantes da Igreja na Polônia, expressamos o nosso ardente agradecimento aos bispos das Igrejas locais pela abertura e pela compreensão das necessidades religiosas dos nossos compatriotas, por oferecerem lugares de culto e de catequese, bem como por garantirem as condições para a promoção da pastoral em língua polonesa!

Queridos Compatriotas!

Uma forma importante de se aproximar de Jesus é o amor ao próximo. Por isso, guiem-se pelo mandamento do amor, começando pela solicitude pelo bem dos Seus entes mais próximos. Preservem e aprofundem o Seu relacionamento matrimonial e familiar, empenhando-se por uma sábia educação de Seus filhos, baseada na doutrina de Jesus. Cuidem da sistemática catequização deles. Que o esforço pela busca de uma melhor situação material não lhes acoberte as necessidades muito mais importantes dos cônjuges e dos filhos que são a proximidade física e espiritual, o tempo passado conjuntamente, a partilha comum das dificuldades e das alegrias da vida, a demonstração mútua do interesse e da ajuda. Preservem a sobriedade e evitem a todo custo o risco da dissolução dos laços matrimoniais e familiares. Envidem esforços para que o Seu amor seja assinalado pela bênção e pela presença de Jesus!

Nós Lhes pedimos que sejam solidários com os nossos compatriotas que enfrentam o peso da doença, da solidão, da pobreza ou da falta de um lugar para morar. Nos espaços polônicos e em cooperação com as instituições locais, procurem elaborar métodos de uma sistemática e eficaz ajuda a essas pessoas.

O mandamento do amor que nos foi deixado por Jesus não envolve apenas as pessoas do nosso ambiente próximo. Extrapola os limites da família unida pelos laços do sangue e envolve também aquela família que chamamos Pátria. É dela que brota, como a árvore da raiz, a nossa identidade. Comemorando o centésimo aniversário da recuperação da independência, com a memória e a oração queremos envolver todos aqueles que, vivendo longe do país natal, edificaram a independência da Polônia. Com gratidão recordamos os compatriotas que transmitiram tanto o sonho de uma Pátria livre como as tradições nacionais a sucessivas gerações pelo

testemunho de sua vida, bem como pela literatura, pela música e pela arte. Dessa forma a comunidade polônica internacional contribuiu em significativa medida, primeiro para a recuperação da independência pela Polônia e, a seguir – apesar da opressão pelos sistemas totalitários do nazismo e do comunismo – para a preservação da liberdade espiritual dos poloneses.

Com grande reconhecimento pensamos nos nossos compatriotas além da fronteira oriental, cuja solicitude pela preservação da identidade religiosa e nacional tem beirado as raias do heroísmo e muitas vezes significou a perda de própria vida. A lembrança deles, a demonstração do apoio e espiritual a eles constituem a nossa obrigação coletiva!

Agradecendo a Deus pelo dom da independência, conscientizamo-nos da necessidade de respeitar a de transmitir às gerações seguintes o legado do qual brotamos. Falou a esse respeito muitas vezes S. João Paulo II: “Peço-Lhes que mais uma vez Vocês aceitem com fé, esperança e amor todo aquele legado espiritual que se chama Polônia” (Cracóvia, 9 de junho de 1979); “Permaneçam fiéis a essa herança! Façam dela a base da Sua educação! Façam dela o objeto de um nobre orgulho! Preservem essa herança! Multipliquem essa herança! Transmitam essa herança às futuras gerações!” (Gniezno, 3 de junho de 1979).

Como fazer isso? Encontraremos orientações a respeito, por exemplo, na carta de Julian Ursyn Niemcewicz dirigida à comunidade polônica americana há duzentos anos:

Um desígnio inescrutável da Providência nos mandou procurar a nossa morada. Permitam que lhes dê alguns conselhos, como procedentes de um ancião que conhece o país natal e bebe da fonte da experiência. Comecem tudo com Deus. Antes que vocês possam construir uma igreja, rezem à sombra das árvores pela libertação da nossa pátria

do jugo, pelos nossos irmãos que nela permanecem e também por aqueles que estão dispersos por toda a terra [...]. Sejam laboriosos e comportem-se de forma a angariarem o respeito e o amor dos cidadãos e a assegurarem para si mesmos uma vida independente. Nenhuma coletividade pode viver sem organização. Escolham dentre vocês aqueles que merecem e que possuem aptidões para serem os protetores da povoação de vocês. A concórdia fraternal e a unidade de objetivo são muito necessárias no começo, que será difícil [...]. Não desanimem diante das dificuldades [...]. Lembrem-se de que nos encontramos todos entre estranhos, que pelas nossas ações julgarão toda a nação polonesa. Como é sagrada a nossa obrigação de preservar a honra da Polônia, do nosso bom nome da mínima mácula! Preservem a língua dos nossos pais como a defesa da nossa nacionalidade!

Irmãos e Irmãs!

As palavras desse emigrante polonês, apesar da passagem do tempo, permanecem atuais até hoje. A exemplo daqueles que os precederam nos caminhos da emigração, cultivem o amor e o apego à Pátria. Apoiem os núcleos escolares e educacionais, para que da melhor forma possível transmitam o conhecimento da língua e da história polonesa. Da forma que lhes for acessível, promovam a cultura polonesa e defendam o bom nome da Polônia. No plano individual e institucional, estabeleçam contatos com a nossa Pátria. Respeitem também o país que Os acolheu, que Lhes deu o trabalho e a possibilidade de desenvolvimento. O maduro patriotismo não tem nada em comum com o nacionalismo e com o fechamento a outras culturas e tradições. Por outro lado, no entanto, não tem nada em comum com o internacionalismo hoje cada vez mais em voga, que elimina as diferenças entre as diferentes nações. Uma prova de patriotismo é também a prontidão para a conciliação e a

cooperação nos ambientes polônicos, apesar das diferenças idealísticas, políticas, históricas ou individuais. Recomendamos a ação em prol da concórdia especialmente ao cuidado daqueles que presidem as instituições e associações polônicas ou que nelas se envolvem.

Amados!

O Pe. Pedro Skarga proclamava que “quem serve à Pátria, serve a si mesmo”. Para as pessoas crentes, uma manifestação concreta desse serviço é também a oração. Pedimos, portanto, que individualmente e na comunidade da Igreja Vocês rezem pela Polônia, pelos governantes e por toda a nossa nação polonesa. Do fundo dos Seus corações, não deixem de elevar súplicas a Deus pela intercessão de Maria Rainha da Polônia: “Tende em Vosso desvelo toda a Nação, que vive para a Vossa glória; que ela se desenvolva de forma magnífica”.

Com fé na intercessão sucessiva de Maria, depositamos o destino da nossa nação, inclusive o presente e o futuro de Vocês, em Suas mãos maternais. Que Ela aconchegue Vocês, como a Jesus, em Seu maternal e amoroso coração.

A esses votos adicionamos a nossa oração e a nossa bênção pastoral. Traçamos o sinal da cruz sobre cada um de Vocês com a intenção de que Vocês permaneçam em Jesus como os ramos permanecem na videira (cf. Jo 15,1-11), unidos com Ele e com Vocês mutuamente, pela mesma fé e pelo mesmo amor!

Abençoe a Vocês o Deus todo-poderoso Pai e Filho, e Espírito Santo!

Assinados: Os Pastores da Igreja na Polônia presentes na 378ª Reunião Plenária da Conferência do Episcopado da Polônia em Varsóvia, no dia 14 de março de 2018.

Confere:

+ Artur G. Miziński, Secretário-Geral da CEP

RESUMO – STRESZCZENIE

Z okazji uroczystości Najświętszej Maryi Panny Królowej Polski, obchodzonej 3 maja Episkopat Polski skierował do wspólnot polonijnych i Polaków żyjących za granicą okolicznościowy list pasterski. Powyżej publikujemy jego tłumaczenie w j. portugalskim, aby w ten sposób dotrzeć do większej liczby osób polskiego pochodzenia w Brazylii.

INTRODUÇÃO À CARTA DO PRESIDENTE DO SENADO DA POLÔNIA

No dia 6 de fevereiro de 2018 o Presidente da República da Polônia, Andrzej Duda, sancionou uma emenda à lei sobre o Instituto da Memória Nacional. Antes da sua assinatura, o conteúdo da lei tem sido muito emocionalmente criticado por políticos no mundo, bem como pela mídia. Sofreu acirrados ataques da parte de Israel, de ambientes judaicos de Nova York e de políticos de alguns países. Seguiu-se um ataque maciço contra a Polônia na mídia mundial.

O projeto de lei foi por quase dois anos analisado conjuntamente com autoridades de Israel, que não apresentaram restrições ao seu conteúdo. É por isso que o ataque de políticos desse país contra essa lei provoca um grande espanto...

A lei proíbe terminantemente a utilização da expressão “campos de extermínio poloneses” ou “campos de concentração poloneses”.

De acordo com a emenda à lei sobre o Instituto da Memória Nacional sancionada pelo Presidente Andrzej Duda, todo aquele que em público e contrariando os fatos atribuir à nação polonesa ou ao Estado polonês a responsabilidade ou a corresponsabilidade pelos crimes cometidos pelo III Reich Alemão ou outros crimes contra a humanidade, a paz e crimes de guerra – estará sujeito a uma multa ou à privação da liberdade por três anos. A mesma pena será imposta pela “ultrajante diminuição da responsabilidade dos verdadeiros autores desses crimes”. Não será penalizada a atividade científica e artística.

Visto que continuam a levantar-se no mundo vozes resultantes da incompreensão do tema, o Presidente do Senado da Polônia, Stanisław Karczewski, dirigiu-se à

Polônia

comunidade polônica pedindo a divulgação da sua carta onde isso seja possível.

Sejamos embaixadores do polonismo no ambiente em que vivemos!

Abaixo publicamos a carta do Presidente do Senado da Polônia à comunidade polônica mundial.

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

* Redator da revista Polonicus e membro do Conselho Polônico Consultivo junto ao Presidente do Senado da Polônia.



**PRESIDÊNCIA DO SENADO
DA REPÚBLICA DA POLÔNIA
Stanisław Karczewski**

Varsóvia, 7 de fevereiro de 2018.

*Prezados Senhores e Senhoras
Presidentes e Membros
de Organizações Polonesas e Polônicas,*

Há muitos anos, os poloneses na Polônia e no exterior defrontam-se com a lesiva, injusta e sobretudo falsa formulação “campos de concentração poloneses” e com acusações contra os poloneses pela coparticipação no Holocausto, que desrespeitam a nossa dignidade e o nosso orgulho nacional.

Em razão disso, já é tempo de a Polônia, livre há 29 anos, exigir a apresentação da verdade histórica. A lei adotada sobre o Instituto da Memória Nacional permitirá que se busque a verdade pela qual todos nos empenhamos.

A coletividade dos vinte milhões de poloneses e pessoas de origem polonesa residentes no mundo inteiro por diversas vezes tem demonstrado que pode apoiar eficazmente a razão de Estado polonesa. Isso tem ocorrido, por exemplo, quando nos empenhávamos pelo ingresso na OTAN e pelo justo lugar que nos cabia na família das nações europeias. Por isso, tendo em conta o bem da República da Polônia, dirijo-me

aos Senhores e às Senhoras com um apelo para que promovam todas as ações possíveis com o objetivo de que seja divulgada a verdade histórica.

Como nação, constituímos uma comunidade unida pela língua, pela cultura e pela história.

Na emenda do Parlamento Polonês à lei do Instituto da Memória Nacional, foi escrito: “Quem em público e contrariando os fatos atribuir à Nação Polonesa ou ao Estado Polonês a responsabilidade ou a corresponsabilidade pelos crimes nazistas cometidos pelo III Reich Alemão [...] estará sujeito a uma multa ou à privação da liberdade por 3 anos”. O teor dessa medida de forma alguma censura o debate público, restringe a atividade de pesquisa ou a criatividade artística. Serve unicamente a que da vida pública sejam eliminadas as mentiras sobre a coparticipação da Nação polonesa e do Estado polonês nos crimes cometidos em terras polonesas durante a Segunda Guerra Mundial.

Em seu pronunciamento, o Premiê Mateusz Morawiecki disse: “A mentira de Auschwitz não está somente na negativa dos crimes alemães, mas também em outras formas de falsificação da história. Uma das piores formas dessa mentira é a diminuição da responsabilidade dos verdadeiros autores – e a atribuição dessa responsabilidade às suas vítimas. Queremos lutar contra essa mentira em todas as suas formas [...]. Os campos de concentração em que foram exterminados milhões de judeus não eram poloneses. Essa verdade tem de ser preservada, por ser uma parte da verdade sobre o Holocausto”.

A reação da opinião mundial, e especialmente de representantes das autoridades de Israel à emenda da lei sobre o Instituto da Memória Nacional provocou na Polônia o espanto, visto que o projeto de lei era conhecido por todos os interessados.

Esperançosos, aguardamos pelos resultados do trabalho de uma equipe de especialistas convocada por Mateusz Morawiecki e Benjamin Netanyahu, primeiros-ministros da Polônia e de Israel.

Estou profundamente convencido de que esse é um bom caminho para a edificação de pontes entre ambas as nações, que há mil anos têm vivido lado a lado, cujas culturas mutuamente se interpenetravam.

A Polônia sofreu durante a Segunda Guerra Mundial perdas sem precedentes – 6 milhões de poloneses perderam a vida, entre eles 3 milhões de judeus poloneses. Perdemos uma boa parte do nosso território, vivenciamos deportações, exílios, campos de trabalhos forçados, a pilhagem do nosso patrimônio numa escala inimaginável, e finalmente a destruição da Varsóvia. Nossos pais sofreram a fome, o terror, a morte que grassou nas ruas das cidades e das aldeias. Perdemos a soberania, fomos deixados do lado soviético da “cortina de ferro”.

A respeito do dramático destino dos judeus, o governo da República da Polônia foi o primeiro a informar a coletividade internacional. No entanto naquela ocasião os aliados não reagiram aos relatórios apresentados por Jan Koziielewski-Karski. O mundo ouviu com indiferença a informação sobre o extermínio dos judeus que a Alemanha nazista estava promovendo em terras polonesas ocupadas.

Somente na Polônia o ato de prestar qualquer ajuda aos judeus estava sujeito à pena de morte para toda a família. Apesar disso os poloneses não permaneceram indiferentes ao destino dos judeus aprisionados nos guetos e exterminados nos campos de concentração alemães. Muitos poloneses perderam a vida salvando os judeus. Um especial testemunho disso é também a ação do Conselho de Ajuda aos Judeus

(criptônimo “Żegota”) – que funcionava junto à Delegação do Governo da República da Polônia para o nosso país.

A par de comportamentos que nos enchem de orgulho ocorreram atos infames, que de forma alguma definem a postura da nação polonesa. Esses foram casos isolados, aos quais o Estado Polonês Clandestino aplicava a pena de morte e que nós, atualmente, também decididamente condenamos.

Por muitos anos após a guerra a Polônia e os poloneses não podiam falar com sua própria voz, visto que não possuíam um Estado soberano. Naquele período não tínhamos influência na moldagem da opinião pública internacional, não podíamos defender-nos diante das calúnias.

Prezados Senhores e Senhoras!

A comunidade polônica mundial sempre tem apoiado a Polônia. Em diversos períodos da nossa história, como nos tempos sombrios do estado de sítio, essa comunidade tem apoiado as aspirações polonesas à recuperação da independência e da plena soberania. Tem se empenhado também para que a nossa voz fosse ouvida na arena internacional. A comunidade polônica tem preservado e cultivado os valores poloneses – o apego à liberdade, à tradição polonesa e à Igreja. A Polônia se lembra desse grande engajamento e se mostra grata pela ajuda demonstrada.

Acredito que também agora os nossos Compatriotas não nos decepcionarão. Acredito que pacientemente, conjuntamente edificaremos a compreensão com os ambientes judaicos nos diversos países, dando o testemunho da verdade sobre a Segunda Guerra Mundial.

Prezados Senhores e Senhoras!

Como presidente do Senado da República da Polônia, a quem cabe a proteção à comunidade polônica e aos

poloneses no exterior, dirijo-me a todos os Compatriotas no mundo inteiro com o apelo a que sejam documentados e reunidos todos os testemunhos das crueldades, dos crimes contra a humanidade cometidos durante a Segunda Guerra Mundial. As últimas testemunhas daqueles acontecimentos aos poucos vão se afastando. É preciso gravar as suas lembranças para a preservação da memória sobre as injustiças praticadas tanto contra os judeus como contra os poloneses, os ciganos e todos os prejudicados.

Peço que seja promovida a documentação e que se reaja contra as manifestações de antipolonismo, as formulações e opiniões que nos prejudicam. Peço que seja dada ciência às nossas embaixadas, aos consulados e consulados honorários a respeito de difamações que prejudicam o bom nome da Polônia.

Faço um apelo a que sejam organizados seminários, exposições, encontros, envios de correspondências a respeito de ações empreendidas com o objetivo de que eficazmente seja exigida a verdade histórica. Peço também que sejam utilizados os seus bons contatos de parceria alcançados por anos de colaboração com representantes das autoridades do seu país, autoridades locais e organizações sociais, inclusive as que representam outras minorias nacionais, para a propagação de informações honestas sobre a Polônia e os poloneses. Os meus diversificados contatos internacionais conscientizam-me todas as vezes de que temos no exterior muitos amigos comprovados, dispostos a empreender com a Polônia um diálogo de parceria e a se inserir na obra da defesa da boa fama da nossa Pátria. Todos os poloneses podem e devem ser embaixadores do polonismo. Estou convencido de que as ações empreendidas nessa intenção serão capazes de trazer numa perspectiva próxima efeitos mensuráveis e positivos,

tanto para a Polônia como para toda a comunidade dos poloneses que residem em diversos recantos do mundo.

Acredito que as ações promovidas pelos Senhores e pelas Senhoras serão uma ferramenta eficaz na luta pelo bom nome da Polônia e dos poloneses.

Stanisław Karczewski

RESUMO – STRESZCZENIE

Publikujemy odezwę, jaką Marszałek Senatu RP Stanisław Karczewski skierował do Polonii świata i jej organizacji w celu wyjaśnienia postawy władz polskich odnośnie niezrozumienia, jakie pojawia się w świecie jeśli chodzi o wydarzenia II wojny światowej. Niekiedy Polacy, którzy stali się ofiarami przestępstw Niemiec hitlerowskich, ukazywani są w prasie światowej, jako sprawcy, czy współwinni popełnienia zbrodni wojennych.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO 2018

**“Acolher, proteger, promover e integrar
os migrantes e os refugiados”**

Queridos irmãos e irmãs!

“O estrangeiro que reside convosco será tratado como um dos vossos compatriotas e amá-lo-ás como a ti mesmo, porque foste estrangeiro na terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus” (Lv 19, 34).

Repetidas vezes, durante estes meus primeiros anos de pontificado, expressei especial preocupação pela triste situação de tantos migrantes e refugiados que fogem das guerras, das perseguições, dos desastres naturais e da pobreza. Trata-se, sem dúvida, dum «sinal dos tempos» que, desde a minha visita a Lampedusa em 8 de julho de 2013, tenho procurado ler sob a luz do Espírito Santo. Quando instituí o novo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, quis que houvesse nele uma Secção especial (colocada temporariamente sob a minha guia direta) que expressasse a solicitude da Igreja para com os migrantes, os desalojados, os refugiados e as vítimas de tráfico humano.

Cada forasteiro que bate à nossa porta é ocasião de encontro com Jesus Cristo, que Se identifica com o forasteiro acolhido ou rejeitado de cada época (cf. Mt 25, 35.43). O Senhor confia ao amor materno da Igreja cada ser humano forçado a deixar a

sua pátria à procura dum futuro melhor.[1] Esta solicitude deve expressar-se, de maneira concreta, nas várias etapas da experiência migratória: desde a partida e a travessia até à chegada e ao regresso. Trata-se de uma grande responsabilidade que a Igreja deseja partilhar com todos os crentes e os homens e mulheres de boa vontade, que são chamados a dar resposta aos numerosos desafios colocados pelas migrações contemporâneas com generosidade, prontidão, sabedoria e clarividência, cada qual segundo as suas possibilidades.

A este respeito, desejo reafirmar que “a nossa resposta comum poderia articular-se à volta de quatro verbos fundados sobre os princípios da doutrina da Igreja: acolher, proteger, promover e integrar”. [2]

Considerando o cenário atual, acolher significa, antes de tudo, oferecer a migrantes e refugiados possibilidades mais amplas de entrada segura e legal nos países de destino. Neste sentido, é desejável um empenho concreto para se incrementar e simplificar a concessão de vistos humanitários e para a reunificação familiar. Ao mesmo tempo, espero que um número maior de países adote programas de patrocínio privado e comunitário e abra corredores humanitários para os refugiados mais vulneráveis. Além disso seria conveniente prever vistos temporários especiais para as pessoas que, escapando dos conflitos, se refugiam nos países vizinhos. As expulsões coletivas e arbitrárias de migrantes e refugiados não constituem uma solução idónea, sobretudo quando são feitas para países que não podem garantir o respeito da dignidade e dos direitos fundamentais.[3] Volto a sublinhar a importância de oferecer a migrantes e refugiados um primeiro alojamento adequado e decente. “Os programas de acolhimento

difundido, já iniciados em várias partes, parecem facilitar o encontro pessoal, permitir uma melhor qualidade dos serviços e oferecer maiores garantias de bom êxito”.[4] O princípio da centralidade da pessoa humana, sustentado com firmeza pelo meu amado predecessor Bento XVI,[5] obriga-nos a antepor sempre a segurança pessoal à nacional. Em consequência, é necessário formar adequadamente o pessoal responsável pelos controlos de fronteira. A condição de migrantes, requerentes de asilo e refugiados exige que lhes sejam garantidos a segurança pessoal e o acesso aos serviços básicos. Em nome da dignidade fundamental de cada pessoa, esforcemo-nos por preferir outras alternativas à detenção para quantos entrem no território nacional sem estar autorizados.[6]

O segundo verbo, proteger, conjuga-se numa ampla série de ações em defesa dos direitos e da dignidade dos migrantes e refugiados, independentemente da sua situação migratória.[7] Esta proteção começa na própria pátria, consistindo na oferta de informações certas e verificadas antes da partida e na sua salvaguarda das práticas de recrutamento ilegal.[8] Tal proteção deveria continuar, na medida do possível, na terra de imigração, assegurando aos migrantes uma assistência consular adequada, o direito de manter sempre consigo os documentos de identidade pessoal, um acesso equitativo à justiça, a possibilidade de abrir contas bancárias pessoais e a garantia duma subsistência vital mínima. Se as capacidades e competências dos migrantes, requerentes de asilo e refugiados forem devidamente reconhecidas e valorizadas, constituem verdadeiramente uma mais-valia para as comunidades que os recebem.[9] Por isso, espero que, no respeito da sua dignidade, lhes seja concedida a liberdade de movimento no país de acolhimento, a possibilidade de trabalhar e o acesso aos meios de telecomunicação. Para as pessoas que decidam regressar ao

seu país, sublinho a conveniência de desenvolver programas de reintegração laboral e social. A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança oferece uma base jurídica universal para a proteção dos menores migrantes. É necessário evitar-lhes qualquer forma de detenção por motivo da sua situação migratória, ao mesmo tempo que lhes deve ser assegurado o acesso regular à instrução primária e secundária. Da mesma forma, é preciso garantir-lhes a permanência regular ao chegarem à maioridade e a possibilidade de continuarem os seus estudos. Para os menores não acompanhados ou separados da sua família, é importante prever programas de custódia temporária ou acolhimento.[10] No respeito pelo direito universal a uma nacionalidade, esta deve ser reconhecida e devidamente certificada a todos os meninos e meninas no momento do seu nascimento. A situação de apátrida, em que às vezes acabam por se encontrar migrantes e refugiados, pode ser facilmente evitada através duma “legislação sobre a cidadania que esteja em conformidade com os princípios fundamentais do direito internacional”. [11] A situação migratória não deveria limitar o acesso aos sistemas de assistência sanitária nacional e de previdência social, nem à transferência das respetivas contribuições em caso de repatriamento.

Promover significa, essencialmente, empenhar-se por que todos os migrantes e refugiados, bem como as comunidades que os acolhem, tenham condições para se realizar como pessoas em todas as dimensões que compõem a humanidade querida pelo Criador.[12] Dentre tais dimensões, seja reconhecido o justo valor à dimensão religiosa, garantindo a todos os estrangeiros presentes no território a liberdade de profissão e prática da religião. Muitos migrantes e refugiados possuem competências que devem ser devidamente

certificadas e avaliadas. Visto “o trabalho humano, pela sua natureza, estar destinado a unir os povos”, [13] encorajo a que se faça tudo o possível para se promover a integração socio-laboral dos migrantes e refugiados, garantindo a todos – incluindo os requerentes de asilo – a possibilidade de trabalhar, percursos de formação linguística e de cidadania ativa e uma informação adequada nas suas línguas originais. No caso de menores migrantes, o seu envolvimento em atividades laborais precisa de ser regulamentado de modo a que se evitem abusos e ameaças ao seu crescimento normal. Em 2006, Bento XVI sublinhava como a família, no contexto migratório, é “lugar e recurso da cultura da vida e fator de integração de valores”. [14] A sua integridade deve ser sempre promovida, favorecendo a reunificação familiar – incluindo avós, irmãos e netos – sem nunca o fazer depender de requisitos económicos. No caso de migrantes, requerentes de asilo e refugiados portadores de deficiência, deve ser assegurada maior atenção e apoio. Embora considerando dignos de louvor os esforços feitos até agora por muitos países em termos de cooperação internacional e assistência humanitária, espero que, na distribuição das respetivas ajudas, se considerem as necessidades (como, por exemplo, de assistência médica e social e de educação) dos países em vias de desenvolvimento que acolhem fluxos enormes de refugiados e migrantes e de igual modo se incluam, entre os beneficiários, as comunidades locais em situação de privação material e vulnerabilidade. [15]

O último verbo, integrar, situa-se no plano das oportunidades de enriquecimento intercultural geradas pela presença de migrantes e refugiados. A integração não é “uma assimilação, que leva a suprimir ou a esquecer a própria identidade cultural. O contacto com o outro leva sobretudo a descobrir o

seu 'segredo', a abrir-se para ele, a fim de acolher os seus aspetos válidos e contribuir assim para um maior conhecimento de cada um. Trata-se de um processo prolongado que tem em vista formar sociedades e culturas, tornando-as cada vez mais um reflexo das dádivas multiformes de Deus aos homens".[16] Este processo pode ser acelerado pela oferta de cidadania, independentemente de requisitos económicos e linguísticos, e por percursos de regularização extraordinária para migrantes que possuam uma longa permanência no país. Insisto mais uma vez na necessidade de favorecer em todos os sentidos a cultura do encontro, multiplicando as oportunidades de intercâmbio cultural, documentando e difundindo as "boas práticas" de integração e desenvolvendo programas tendentes a preparar as comunidades locais para os processos de integração. Tenho a peito sublinhar o caso especial dos estrangeiros forçados a deixar o país de imigração por causa de crises humanitárias. Estas pessoas necessitam que lhes seja assegurada uma assistência adequada para o repatriamento e programas de reintegração laboral na sua pátria.

De acordo com a sua tradição pastoral, a Igreja está disponível para se comprometer, em primeira pessoa, na realização de todas as iniciativas propostas acima, mas, para se obter os resultados esperados, é indispensável a contribuição da comunidade política e da sociedade civil, cada qual segundo as próprias responsabilidades.

Durante a Cimeira das Nações Unidas, realizada em Nova Iorque em 19 de setembro de 2016, os líderes mundiais expressaram claramente a vontade de se empenhar a favor dos migrantes e refugiados para salvar as suas vidas e proteger os seus direitos, compartilhando tal responsabilidade a nível

global. Com este objetivo, os Estados comprometeram-se a redigir e aprovar até ao final de 2018 dois acordos globais (Global Compacts), um dedicado aos refugiados e outro referente aos migrantes.

Queridos irmãos e irmãs, à luz destes processos já iniciados, os próximos meses constituem uma oportunidade privilegiada para apresentar e apoiar as ações concretas nas quais quis conjugar os quatro verbos. Por isso, convido-vos a aproveitar as várias ocasiões possíveis para partilhar esta mensagem com todos os atores políticos e sociais envolvidos – ou interessados em participar – no processo que levará à aprovação dos dois acordos globais.

Neste dia 15 de agosto, celebramos a solenidade da Assunção de Maria Santíssima ao Céu. A Mãe de Deus experimentou pessoalmente a dureza do exílio (cf. Mt 2, 13-15), acompanhou amorosamente o caminho do Filho até ao Calvário e agora partilha eternamente da sua glória. À sua materna intercessão confiamos as esperanças de todos os migrantes e refugiados do mundo e as aspirações das comunidades que os acolhem, para que todos, no cumprimento do supremo mandamento divino, aprendamos a amar o outro, o estrangeiro, como a nós mesmos.

Vaticano, 15 de agosto de 2017

Solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria

FRANCISCO

Artigos

[1] Cf. Pio XII, Constituição apostólica *Exsul Familia*, Titulus Primus, I.

[2] Francisco, Discurso aos participantes no Fórum Internacional “Migrações e Paz” (21 de fevereiro de 2017).

[3] Cf. Intervenção do Representante Permanente da Santa Sé na CIII Sessão do Conselho da OIM (26 de novembro de 2013).

[4] Francisco, Discurso aos participantes no Fórum Internacional “Migrações e Paz”.

[5] Cf. Carta encíclica *Caritas in veritate*, 47.

[6] Cf. Intervenção do Observador Permanente da Santa Sé na XX Sessão do Conselho dos Direitos Humanos (22 de junho de 2012).

[7] Cf. Bento XVI, Carta encíclica *Caritas in veritate*, 62.

[8] Cf. Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e dos Itinerantes, Instrução *Erga migrantes caritas Christi*, 6.

[9] Cf. Bento XVI, Discurso aos participantes no VI Congresso Mundial para a Pastoral dos Migrantes e dos Refugiados (9 de novembro de 2009).

[10] Cf. Bento XVI, Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e Refugiado (2010); S. Tomasi, Intervenção na XXVI Sessão Extraordinária do Conselho para os Direitos do Homem sobre os direitos humanos dos migrantes (13 de junho de 2014).

[11] Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e dos Itinerantes e Pontifício Conselho *Cor Unum*, *Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas forçadamente desenraizadas* (2013), 70.

Artigos

[12] Cf. Paulo VI, Carta encíclica *Populorum progressio*, 14.

[13] João Paulo II, Carta encíclica *Centesimus annus*, 27.

[14] Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (2007).

[15] Cf Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e dos Itinerantes e Pontifício Conselho *Cor Unum*, *Acolher Cristo nos refugiados e nas pessoas forçadamente desenraizadas* (2013), 30-31.

[16] João Paulo II, Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado em 2005 (24 de novembro de 2004).

RESUMO – STRESZCZENIE

Zamieściliśmy powyżej przesłanie papieża Franciszka z okazji Światowego Dnia Migranta i Uchodźcy. W swoim słowie Ojciec św. kładzie nacisk na potrzebę otwarcia się na ludzi zmuszanych różnymi okolicznościami do wybierania migracji.

QUANDO RAIOU A LIBERDADE: O 11 DE NOVEMBRO DE 1918¹

*Francisco José dos SANTOS BRAGA**

O 11 de Novembro foi celebrado pela Polônia no período entre as duas Grandes Guerras como data cívica e feriado nacional. Depois da II Guerra Mundial, sob o regime comunista, o feriado foi rejeitado. Em conformidade com a doutrina (comunista), os governos puseram ênfase no impacto da Revolução Russa de 1917 como fator decisivo para a Polônia readquirir sua independência. Somente nos anos 70 do século passado começaram a aparecer as primeiras publicações históricas sérias a respeito de Józef Piłsudski e sua contribuição para o ressurgimento do Estado polonês. No fim dos anos 80, o povo polonês opôs-se ao sistema comunista, depositando flores no Túmulo do Soldado Desconhecido na data de 11 de Novembro. Em 1989, o 11 de Novembro foi restabelecido como o Dia da Independência.

O 11 de Novembro é um dia especial para os poloneses, comemorado como Dia da Independência, significando o retorno ao mapa dos Estados soberanos europeus depois de 123 anos de domínio estrangeiro. Naturalmente, retomar a independência não é um acontecimento que pode ser discutido em termos de uma data específica no calendário, mas antes na sequência de um processo longo e complexo. Essa data especial, contudo, marca uma série de acontecimentos importantes que dão ao dia um significado simbólico: o armistício de Compiègne é apontado

* Compositor, pianista, escritor, gerente do Blog do Braga e do Blog de São João del Rei-MG.

como o fim de uma longa e sangrenta I Guerra Mundial. A maioria das tropas alemãs, posicionadas em Varsóvia desde 5 de agosto de 1915, depuseram suas armas; Józef Piłsudski, o arquiteto e líder das Legiões, o político mais estimado daquele tempo, mantém conversações sobre assumir o comando e recriar o estado polonês "a partir da sucata".

O Estado Polonês foi varrido do mapa europeu depois da 3ª Partição da Polônia em 1795. As Partições da Polônia (1772, 1793 e 1795) dividiram o Reino Polonês entre seus três vizinhos poderosos: Rússia, Áustria e Prússia. As oportunidades de readquirir independência surgiu apenas no fim da I Grande Guerra, quando os três conquistadores foram derrotados. A primeira a entrar em colapso foi a Rússia, despreparada para levar em frente uma guerra prolongada. A abdicação do Imperador Nicolau II em fevereiro de 1917 e a tomada do poder pelos bolcheviques em novembro do mesmo ano conduziu à desintegração definitiva da máquina de guerra daquele país, seguida pela assinatura do Tratado de Brest-Litovsk (março de 1918) com a Alemanha. Também o segundo conquistador, Áustria, acabou por ser incapaz de dar continuidade à guerra e, com derrotas sucessivas e cada vez mais severas, seus antigos países-satélites começaram a ficar independentes. Um terceiro vizinho, a Alemanha, lutou por mais tempo.

Quando a independência finalmente veio em 1918, era não só o resultado de circunstâncias externas, isto é, dissolução dos impérios russo, germânico e austríaco no fim da I Guerra Mundial. Um fator igualmente importante foi o movimento de independência tanto dentro do país dividido quanto no exterior. A figura política dominante nesse movimento tornou-se Józef Piłsudski. Em 6 de agosto de 1914, vários dias depois de eclodir a I Guerra Mundial, seus legionários partiram de Cracóvia e atravessaram a fronteira

austro-russa. Piłsudski planejou incitar um levante no setor russo da Polônia. As raízes deste plano encontram-se nas tradições do Levante de Janeiro de 1863. Infelizmente, as realidades de 1914 eram diferentes, e o plano foi um fracasso. Contudo, o esforço de Piłsudski não foi completamente em vão, uma vez que a companhia se tornou o cerne das Legiões (inicialmente aliadas com a Áustria), uma fundação das futuras Forças Armadas Polonesas.

Tendo em vista que os líderes poloneses daquela época estavam divididos sobre os meios a serem empregados para recuperar a independência, uma alternativa à estratégia de Piłsudski era uma orientação pró-Rússia e anti-Alemanha. O mais notável representante do direito político era Roman Dmowski que chefiava o movimento da Democracia Nacional, que iniciou o estabelecimento de um Comitê Nacional (1914) com o objetivo de formar – numa aliança com a Rússia – um exército capaz de derrotar os Alemães. Contudo, devido ao ódio que os poloneses sentiam pela Rússia, causado pelas repressões que se seguiram aos levantes de 1830, 1863 e 1905, falharam os planos de Dmowski. Ele e outros líderes da Democracia Nacional emigraram para a Rússia e então para Lausanne, onde em agosto de 1917 estabeleceram o Comitê Nacional Polonês.

Em breve, a organização mudou-se para Paris. O Comitê Nacional Polonês tinha as ambições de formar um governo provisório polonês, já que representava a Polônia para os Aliados, formava as Forças Armadas Polonesas na França sob o comando do General Józef Haller, oferecia assistência aos poloneses residentes nos países ocidentais e contribuía para o progresso do caso polonês no Ocidente.

Desde o começo da I Grande Guerra, os três conquistadores da Polônia tentaram comprar dos poloneses uma sanção para o seu caso. Em 7 e 8 de agosto de 1914, os

alemães distribuíram brochuras com uma proclamação endereçada aos poloneses, assegurando-lhes "amizade germânica" e convocando ação conjunta contra a Rússia. Em 9 de agosto, os austríacos emitiram uma declaração idêntica. Em 14 de agosto, o comandante em chefe russo, Príncipe Nicolau Nikolaevich, publicou um manifesto prometendo unificação da Polônia sob o comando do imperador russo. Todas essas declarações eram basicamente dirigidas para um objetivo: recrutar soldados enquanto as ofertas políticas eram muito pouco claras, sendo antes promessas sem nenhum significado real. O caso polonês atraiu atenção internacional de novo em 1916 quando os Aliados começaram a obter vantagem sobre as Potências Centrais ².

Forçados pela situação, buscando atrair recrutas poloneses, os imperadores da Áustria e Alemanha proclamaram a formação de "um Estado independente dos territórios poloneses recuperados do comando russo, com uma monarquia constitucional hereditária" em 5 de novembro de 1916. Contudo, o manifesto não fez referência específica sobre a questão das fronteiras, o exército polonês ou política externa, bem como não respondeu à questão: quem seria o rei? Em vez disso, vários dias mais tarde, foram convocados voluntários para servir num exército polonês.

Várias semanas mais tarde, em 22 de janeiro de 1917, o presidente norte-americano Thomas Woodrow Wilson reconheceu como real "o surgimento da Polônia unida, independente e soberana".

O direito da Polônia à independência foi também reconhecido depois da revolução de fevereiro na Rússia na proclamação pelo Soviete de Petrogrado de Deputados Trabalhadores e Soldados e pelo Governo Provisório. Em dezembro de 1916, as autoridades alemãs e austríacas estabeleceram um Conselho de Estado Provisório. Era

esperado que cooperasse com as forças de ocupação no "desenvolvimento de instalações de administração do Estado". Contudo, os conquistadores não se apressaram para a reconstrução de um Estado polonês independente e para o estabelecimento de um exército polonês sob os cuidados de comandantes poloneses. Nessas circunstâncias, Piłsudski proibiu os legionários de prestar um juramento de lealdade durante o recrutamento ao assim chamado "Polnische Wehrmacht"³. Por essa razão, ele e outros legionários foram internados numa prisão em Magdeburg em 22 de julho de 1917.

Neste ínterim, a fama e prestígio de Piłsudski tinha atingido o ápice. A lenda que cercava Piłsudski permitiu-lhe assumir o comando do governo mais tarde, em novembro de 1918, com o consentimento da maioria da sociedade polonesa. Outra tentativa de preencher o vácuo político pelas potências de ocupação foi o estabelecimento do Conselho da Regência em 15 de outubro de 1917, composto pelo Arcebispo de Varsóvia, Aleksander Kakowski; pelo príncipe Zdzisław Lubomirski; e pelo latifundiário Józef Ostrowski. Os Regentes mantinham seu escritório no Castelo Real de Varsóvia, onde estava hasteada uma bandeira polonesa. O Conselho visava à fundação do futuro governo polonês.

Um importante apoio para o renascido Estado Polonês foram os 14 Pontos de Woodrow Wilson, um programa de paz anunciado pelo presidente norte-americano diante de uma sessão conjunta do Congresso em 8 de janeiro de 1918. O programa foi dedicado à Polônia, propondo o estabelecimento de um Estado Polonês independente que incorporasse uma terra nativa polonesa habitada por população incontestavelmente polonesa, desfrutasse de um livre e seguro acesso ao mar, a integridade política e territorial que deveria ser garantida por um tratado internacional.

Desde o outono de 1918, avançou rapidamente o processo de decadência da administração dos Estados de ocupação nos territórios poloneses. O Conselho da Regência estava formando um exército polonês e mantinha a Organização Militar Polonesa contando aproximadamente 20.000 homens. Os Estados de ocupação estavam se preparando para a retirada. Em tais circunstâncias, começaram a surgir em várias localidades os primeiros centros do governo polonês, tais como a Comissão Polonesa de Liquidação sob a liderança do Coronel Bolesław Roja em Cracóvia (28 de outubro de 1918) com vista a assumir o comando da administração da Áustria; o Conselho Nacional de Cieszyn Duchy (19 de outubro); ou o Governo Provisório do Povo da República Polonesa em Dublin (7 de novembro), conduzido por Ignacy Daszyński como Primeiro Ministro. O governo expediu uma Proclamação, um documento muito revolucionário, contemplando reformas radicais, isto é, uma rotina diária de 8 horas de trabalho.

Em 10 de novembro, Piłsudski, o único homem daquela época capaz de assumir o comando do governo, retornou a Varsóvia por um trem especial. Ele estava retornando da prisão de Magdeburg, onde tinha passado 16 meses. Na estação ferroviária recebeu as boas-vindas do Regente Lubomirski e do Comandante da Organização Militar Polonesa, Adam Koc, porém quis primeiramente encontrar-se com os representantes dos partidos políticos para atualizar-se da situação. O retorno do Comandante animou Varsóvia; o "Correio de Varsóvia" publicou um suplemento especial; a casa onde Piłsudski se hospedou foi cercada pelas multidões entusiasmadas. No dia seguinte, a última guarnição alemã depôs armas e a capital se viu livre. Em 11 de novembro, o Conselho da Regência devolveu o poder militar a Piłsudski. Três dias mais tarde, o Conselho foi dissolvido e Piłsudski foi

deixado com todas as prerrogativas. Em 16 de novembro, os Estados aliados receberam uma mensagem assinada por Piłsudski: "Como Comandante em chefe das Forças Armadas Polonesas, eu desejo informar os governos e nações beligerantes e neutros sobre a existência de um Estado Polonês Independente incorporando todos os territórios da Polônia unida". O 11 de Novembro marcou um início de uma fase difícil de restabelecimento do Estado a partir de três pedaços separados com suas características singulares.

Em janeiro de 1919, foram realizadas as eleições para o Parlamento Legislativo e em 10 de fevereiro, o Chefe do Estado, Józef Piłsudski, abriu a primeira sessão com as palavras: "O Parlamento Polonês será de novo o único soberano e governador em sua casa."

Fonte: <http://www.webring.org/l/rd?ring=jozefpilsudskiri;id=1;url=http%3A%2F%2Fpolcon%2Etripod%2Ecom%2Findepende nce%2Ehtml>

Notas explicativas

- ¹ Este material foi divulgado pela Agência de Informação Polonesa.
- ² As Potências ou Impérios Centrais é uma designação atribuída à coligação formada pela Alemanha e Áustria-Hungria durante a I Guerra Mundial, à qual se juntariam o Império Otomano e a Bulgária. O nome está relacionado com a posição central ocupada pela Alemanha e Áustria-Hungria no continente europeu.
- ³ Forças Armadas Polonesas, em alemão.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor przybliża czytelnikowi poranek 11 listopada 1918 r., kiedy zaświtała dla Polaków jutrzienka wolności i nadszedł czas organizowania Państwa we wszystkich jego strukturach.

O BRASIL, A COMUNIDADE POLONESA BRASILEIRA E A INDEPENDÊNCIA DA POLÔNIA EM 1918

*Jerzy MAZUREK**

No panorama dos movimentos migratórios da Europa para o Brasil, um lugar de relevo, embora numericamente não o mais significativo, cabe aos imigrantes poloneses. Numericamente, a imigração de terras polonesas apresenta-se ali inferior à proveniente da Itália, de Portugal, da Espanha, do Japão e da Alemanha. Entretanto as causas que provocaram a emigração têm sido as mesmas em todos esses países: a pobreza, o superpovoamento das aldeias, o insuficiente desenvolvimento industrial. No caso da Polônia, a emigração foi ainda influenciada pela emaranhada e complicada história desse país, com destaque para o imperialismo da Prússia, da Rússia e da Áustria, que, em 1795, após três consecutivas partilhas, apagaram a Polônia, durante 123 longos anos, do mapa político da Europa. A reconquista da independência polonesa, em 1918, foi antecedida por uma série de levantes malsucedidos, e seus combatentes, com receio das inevitáveis represálias por parte dos invasores, optaram pela emigração. A crise econômica e o conseqüente agravamento do quadro social do país na segunda metade do século XIX e no início do século XX aumentaram o número de emigrantes, que decidiram procurar em outras terras melhores condições de vida. A completar este quadro, temos, por fim, as duas

* Universidade de Varsóvia.

Guerras Mundiais, que causaram o exílio de novas gerações de poloneses à procura de um santuário, de um lugar ao sol.

A hospitaleira terra brasileira, portanto, que já recebera os primeiros poloneses ainda na época colonial, continuou acolhendo os não poucos imigrantes que nela aportaram durante os séculos XIX e XX. É de todo impossível listar os inúmeros militares, engenheiros, médicos ou artistas que – tendo em vista a carência de mão de obra qualificada naquela época – desempenharam um papel destacado no desenvolvimento do Brasil, tornando-se dele parte integrante. Por sua vez, as comunidades polonesas duradouras iniciaram-se com a vinda de camponeses. Quase 150 anos atrás, em agosto de 1869, chegaram ao porto de Itajaí, localizado no litoral da província de Santa Catarina, 16 famílias oriundas da Alta Silésia. Tais famílias deram início a um fluxo migratório de natureza colonizadora, que durou praticamente sem interrupção até a Segunda Guerra Mundial. Estima-se que tenham aportado ao país do Cruzeiro do Sul durante esse período 120 mil camponeses poloneses, que se concentraram nos três estados no sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A maioria das colônias polonesas era constituída de imigrantes camponeses-plebeus, com pouca instrução. O número de comerciantes, operários e intelectuais não chegava a 2% do contingente imigratório¹.

É importante observar que a luta pela independência da Polônia, empreendida por sucessivas gerações de

¹ Para mais informações a respeito da presença polonesa no Brasil antes da I Guerra Mundial cf.: K. GRONIOWSKI, *Polska emigracja zarobkowa w Brazylii 1871-1914*, Wrocław: Ossolineum, 1972; M. KULA, *Polono-Brazylijczycy i parę kwestii im bliskich*. Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2012; J. MAZUREK, *A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939)*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

poloneses, provocou reações de simpatia em diversas sociedades, inclusive na brasileira. No século XIX, a chamada questão polonesa era perfeitamente conhecida pelas elites brasileiras da época. Durante um espetáculo apresentado em Paris em apoio aos participantes do Levante de Novembro (de 1831), o imperador do Brasil Dom Pedro I exclamou: *Vive la Pologne!* Por sua vez seu sucessor, Dom Pedro II, concordou em ingressar como membro de uma associação patriótica polonesa com sede em Rappersville, na Suíça. Em 1907, na II Conferência Internacional da Paz em Haia, na Holanda, o representante do Brasil – Rui Barbosa, um eminente jurista e político, em seus inflamados discursos por diversas vezes pronunciou-se pela restituição da independência à Polônia².

No que diz respeito à participação do Brasil na I Guerra Mundial, inicialmente o país adotou um posição de neutralidade. Para as autoridades brasileiras, entrar em conflito com a Alemanha era desvantajoso por diversas razões. A diáspora alemã no Brasil era muito numerosa e tinha uma forte representação política. No governo do presidente Venceslau Brás o cargo de ministro das relações exteriores era ocupado por Lauro Müller – um brasileiro de ascendência alemã. Acreditava ele que, preservando a neutralidade, o Brasil poderia tirar vantagens de ambos os lados. No entanto, o Brasil passou a ser pressionado pela Inglaterra para entrar na guerra do lado dos aliados. A posição dos aliados, especialmente da França, era também apoiada pelos círculos intelectuais. E assim, depois que no dia 5 de abril de 1917 o cargueiro brasileiro “Paraná” foi afundado por um submarino alemão, o governo brasileiro rompeu as relações diplomáticas

² Cf. Zdzislaw MALCZEWSKI; Renata SIUDA-AMBROZIAK. *Tributo dos poloneses à Águia de Haia no 90º aniversário da morte de Rui Barbosa / Hołd Polaków dla Orła z Hagi w 90. rocznicę śmierci Rui Barbosy*. Curitiba, 2013, p. 7-9.

com a Alemanha. Dois meses depois, no dia 1 de junho, o Brasil revogou a sua declaração de neutralidade, e a armada brasileira começou a apreender os navios alemães estacionados no litoral brasileiro. O Brasil posicionou-se definitivamente ao lado dos Estados aliados no dia 26 de outubro de 1917, após ter declarado guerra à Alemanha. A sua participação nas ações armadas teve um caráter mais simbólico: dois cruzadores patrulhavam as águas do Atlântico Sul no litoral da África e foi enviada à França a Missão Médica Brasileira, juntamente com um grupo de oficiais³.

Após a eclosão do conflito europeu, envolveram-se nas questões da independência da Polônia também indivíduos do ambiente polônico. Tenho em mente aqui um pequeno grupo de intelectuais e de operários civicamente conscientizados. Da mesma forma que a sociedade polonesa no país de origem, eles estavam divididos nas chamadas orientações. Uma parte deles via o caminho à independência nos Estados centrais, isto é, a Austro-Hungria e a Alemanha, e uma outra parte, na Rússia, bem como nos seus aliados – a França e a Inglaterra.

Entre os principais entusiastas do primeiro bloco, isto é, dos partidários dos Estados centrais, estavam as pessoas ligadas com o Dr. Simão Kossobudzki, as quais formavam um grupo de convicções esquerdistas, que propagavam posturas laicas e anticlericais. Desde 1912 esse grupo publicava o semanário *Niwa* (Seara), e posteriormente o *Ogniwo* (Elo). Em março de 1913 os seus membros fundaram em Curitiba o Comitê de Defesa Nacional, que apoiava na Polônia a Comissão dos Partidos Confederados pela Independência, bem como a cotização em favor do Tesouro Militar Polonês. Essa corrente era também apoiada pelo mais antigo jornal

³ M. MALINOWSKI. *Brazylia. Republika 1889-2010*. Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2013, p. 92-97.

polônico no Brasil, o *Gazeta Polska w Brazyliai* (Jornal Polonês no Brasil), que desde 1912 era publicado pelos padres verbistas. Quando eclodiu a guerra, os “ativistas” anunciaram o seu acesso ao Comitê Nacional Central, com sede em Cracóvia.

O líder dessa corrente política era Józef Piłsudski, que personificava a ação armada, à qual se atribuíam grandes esperanças. Por isso, nos primeiros meses da guerra, alguns representantes desse grupo empreenderam a tentativa de viajar do Brasil à Europa. No final, conseguiram fazer isso apenas algumas pessoas; de portos brasileiros partiram: Juliusz Bagniewski, Roman Pleszewski, Eugeniusz Radliński (que reforçaram as fileiras das Legiões Polonesas); do porto em Buenos Aires: Aleksander Świrski, Władysław Wyróżębski e Wienczysław Piotrowski (que na França juntaram-se à chamada Legião dos Baioneses)⁴. Naquele período juntaram-se ao campo ativista algumas sociedades de Curitiba e do interior. A orientação favorável às Legiões foi apoiada, por exemplo, pela publicação quinzenal *Kolonista polski* (O colono polonês), editada e redigida pelo Pe. Antoni Cuber em Ijuí, pela Liga Polonesa de Porto Alegre⁵ surgida em 1906, pelo

⁴ A Legião dos Baioneses surgiu em agosto de 1914, na localidade de Bayonne, na França. Contava cerca de 200 soldados. O recrutamento à Legião foi suspensão após um protesto da embaixada russa. No final os Baioneses foram incorporados ao 1 Regimento Estrangeiro como a 2 Companhia do Batalhão C. As correspondências de Wyróżębski e Piotrowski eram publicadas em *Polak w Brazyliai*. Cf. W. PIOTROWSKI. *List z pola bitwy*, n. 2 de 6/1/1915, p. 2; *Z okopów*, n. 87 de 3/11/1915, p. 2-3; W. WYROZĘBSKI. *List z pola bitwy*, n. 61 de 4/8/1915, p. 2-3 (trechos da carta enviadas à redação pelo eng. Józef Angulski, de Tubarão).

⁵ Sprawozdanie półroczne z czynności rady Ligi Polskiej w Porto Alegre odczytane 26 XII 1916 r. w sali Polskiego Towarzystwa Dobroczynności Tadeusz Kościuszko. *Gazeta Polska w Brazyliai*, n.

Tygodnik Związkowy (Semanário da União) editado pelo professor Franciszek Hanas em Guarani das Missões (Rio Grande do Sul), bem como pela publicação satírica publicada em Curitiba por Witold Żongołłowicz *Człowiek leśny* (O homem do mato). Ao agrupamento acima juntaram-se o antigo colaborador de Warchałowski, professor da Sociedade das Escolas Populares, Konrad Jeziorowski, bem como Michał Sekuła e os imigrantes de antes da guerra Józef Czaki e Juliusz Szymański. Esse agrupamento instituiu em 1916 a União das Organizações Polonesas pela Independência, tendo Szymon Kossobudzki como seu presidente. O agrupamento partidário das Legiões proclamava os seus pontos de vista no semanário *Ogniwo* (O Elo), que em 1916 se transformou em *Pobudka* (Toque de Alvorada) e a seguir – a partir de meados de 1918 – começou a ser publicado como *Świt* (Alvorecer). Para “os objetivos de propaganda do movimento pela independência, pela defesa das ações e da honra das Legiões no exterior” – como escrevia Wierzbowski – contavam também com a *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil), propriedade do Pe. Trzebiatowski⁶.

A esse grupo dos “germanófilos”, como eram ironicamente chamados os partidários dos Estados centrais, opunha-se o grupo concentrado em torno de Kazimierz Warchałowski e o jornal por ele editado desde 1904 – o *Polak w Brazylii* (O Polonês no Brasil). Essa facção consolidou-se definitivamente nos primeiros meses de 1915. Seus membros eram partidários da cooperação com a Rússia, e também com os seus aliados: a França e a Inglaterra. Acreditavam eles que a cooperação com a Rússia contribuiria para a união de todas as

101 de 28/12/1916, p. 2-3; Stanisław LESIŃSKI. List otwarty do Sz. Ks. Józefa Anusza, Porto Alegre, wrzesień 1917 (arquivo do autor).

⁶ W. WIERZBOWSKI. Ruch niepodległościowy wśród ludności polskiej w Brazylii. *Niepodległość*, t. 9, 1934, p. 288

terras polonesas e, em consequência, para a independência da Polônia.

O nível das emoções nas polêmicas entre essas orientações atingiu uma escala incomum. O *Polak w Brazyliai* era acusado de servir ao tzar, de ser financiado pela Rússia e de servir aos seus interesses etc. Em apoio dessas teses Warchałowski era acusado de ter sido outrora um funcionário russo, o que aliás ele nunca negou⁷. Os partidários de Warchałowski também não mediam palavras, utilizando-se por vezes de argumentos pouco refinados:

O filho do Sr. Warchałowski, Jerzy, agrediu na Rua Aquidaban o Sr. Albin Tomczak, redator da *Gazeta Polska*. Iguamente o Sr. K. Warchałowski, em razão de um poema ofensivo publicado em *Gazeta Polska*, atacou e surrou atrás da igreja paroquial o proprietário do jornal, o Pe. Stanisław Trzebiatowski, que após a Missa estava justamente voltando para casa⁸.

O objetivo dos ataques dos partidários de Warchałowski era principalmente a *Gazeta Polska w Brazyliai*. Os partidários da corrente das Legiões no Brasil eram acusados de desinformar e enganar a colônia polonesa, mandando acreditar num “poderoso movimento revolucionário da Polônia, na conquista de Varsóvia, num Governo Nacional polonês e em ficções semelhantes”⁹. Esse era o pretexto pelo

⁷ Pro domo sua. *Polak w Brazyliai*, n. 31 de 21/4/1915, p. 2.

⁸ W. WIERZBOWSKI, op. cit., p. 289.

⁹ W. Łgarze i fanfaroni. *Polak w Brazyliai*, n. 13 de 13/2/1915, p. 2. “No último *Ogniwo* (Elo), transformado em *Wiadomości z wojny* (Notícias da guerra), de forma mentirosamente natural, para enganar os ingênuos, o Sr. Rodziewicz reporta-se a pessoas importantes que estariam lutando nas fileiras das legiões, o que deve ser uma prova de que os senhores da organização das legiões têm razão em apoiar

qual – como escrevia o *Polak w Brazylji* – eles arrancavam “os últimos tostões do bolso polonês para a legião galiciana sob comando russo, da qual se sabe que já há muito tempo passou ao serviço austríaco e cujo comando supremo se utiliza desse dinheiro para a propaganda da aliança polono-austríaca”¹⁰.

Em face da derrota da Rússia nas frentes de guerra, o *Polak w Brazylji* começou a enfatizar cada vez mais o significado da França na guerra que se travava. Acreditava-se que a vitória dos Estados da Entente, sob o comando da França, significaria a “libertação da Polônia”. “Ao perecer, a Polônia salvou a Primeira República. A Terceira República – escrevia Jerzy Kurnatowski – ao vencer, ressuscitará a Polônia!”¹¹. Essa concepção, diante do caos na Rússia após a derrubada do Império, tornava-se cada vez mais real. Via-se isso melhor ainda da perspectiva brasileira, principalmente quando o Brasil – depois que a marinha alemã afundou um navio cargueiro seu – rompeu as relações diplomáticas com a Alemanha e se juntou à guerra. Nessa situação Warchałowski convocou os compatriotas para uma assembleia em Curitiba para – como se escreveu – “leal e categoricamente definir a nossa relação com a nação brasileira e a posição que a colônia polonesa assumirá em caso de guerra”¹². A assembleia, que se realizou no dia 29 de abril na sede da Sociedade da Escola Popular, escolheu um comitê (representando os participantes)¹³ e aprovou uma resolução que foi entregue ao

os prussianos e negociar com o sangue polonês pela glória de Wilhelm e dos cavaleiros teutônicos”.

¹⁰ *Pro domo sua*, art. cit.

¹¹ Francja i Polska. *Polak w Brazylji*, n. 99 de 15/2/1915, p. 1-2.

¹² K. WARCHAŁOWSKI. Wiek polski. *Polak w Brazylji*, n. 32 de 24/4/1917, p. 3.

¹³ Entraram na sua composição: Józef Kopciuszyński, Kazimierz Warchałowski, Sylwester Piasecki, Bolesław Prysak, Stanisław

presidente do Estado do Paraná – Dr. Affonso Camargo¹⁴. A resolução expressava a solidariedade com a nação brasileira e o irrestrito apoio ao Brasil diante do conflito que se avizinhava¹⁵.

Enquanto preeminentes representantes da coletividade polonesa no Sul do Brasil estavam envolvidos na luta interna provocada pela orientação político-militar ou com a coleta de recursos, um pequeno grupo de poloneses estabelecidos no Rio de Janeiro empreendeu uma ação diplomático-propagandística em prol da independência da Polônia. A coletividade polonesa no Rio de Janeiro nunca foi numerosa. Antes da I Guerra Mundial não passava de 500 pessoas. Para pessoas que lutavam pela vida num país estrangeiro, tornava-se difícil encontrar tempo para a ação social. Os líderes da Sociedade Beneficente e Cultural Polonesa, fundada por Jadwiga Jahołkowska, escreviam a esse respeito a Ignacy Paderewski, que em 1911 havia vindo ao Rio com uma série de concertos:

A manutenção de uma Sociedade Polonesa no Rio de Janeiro é um peso grande demais para a pequena colônia

Słonina, Jan Łopuszyński, Stanisław Kłobukowski e Julian Malinowski.

¹⁴ Naturalmente a iniciativa do comício, da mesma forma que os empreendimentos seguintes desse tipo, contaram com os ataques dos partidários da concepção ativista. “Por conta própria te nomeaste representante da colônia polonesa local – lemos numa carta aberta a Warchałowski assinada por Michał Prevot – diante da sociedade brasileira. Convocaste uma assembleia, discursaste como um ditador, sendo na realidade apenas um usurpador. ‘Homem Providencial’! Não te esqueças de que para a convocação de assembleias é preciso ter a autorização da maioria da colônia polonesa local – é preciso ter uma mente clara e é preciso ser claro nas ações”. M. PREVOT. List otwarty. *Pobudka* n. 18 de 18/5/1917, p. 3.

¹⁵ *Wiec polski. Polak w Brazylii*, n. 34-35 de 1-4/5/1917, p. 2-3.

que aqui constituímos e, se agora ela já é a terceira tentativa seguida de levantar o Estandarte Polonês no Rio de Janeiro, não podemos nos livrar do terrível receio de que esse fato pode ser nada mais do que o terceiro anúncio do gemido de dor que nós, pobres náufragos, vamos emitir se também nesta terceira vez tivermos de soltar das nossas mãos essa bandeira que com tanto orgulho e amor carregamos¹⁶.

Tanto maior a admiração que deve despertar o fato de que os representantes deste pequeno grupo de poloneses, com o seu então presidente Jakub Kosiński, no dia 3 de outubro de 1916, entregaram a Rui Barbosa, conselheiro jurídico do governo da República Brasileira, um memorial com o pedido de apoio à causa da independência da Polônia. No ano seguinte a ação da colônia polonesa no Rio de Janeiro não apenas não cessa, mas até se intensifica. Serviu de impulso para isso um decreto do presidente da França Raymond Poincaré do dia 4 de junho de 1917 instituindo “um exército polonês autônomo permanecendo sob as ordens do comando comum francês e lutando sob o estandarte polonês”¹⁷. Alguns dias depois, por iniciativa de Edward Płużański, foi elaborado o estatuto do Comitê Nacional Polonês, que foi aprovado no dia 8 de julho de 1917 durante um comício da coletividade polonesa no Rio de Janeiro. Para seu presidente foi escolhido Jakub Kosiński, o cargo de vice-presidente foi ocupado por Witold Zaręba, e o de secretário – por Waclaw

¹⁶ AAN, Arquivo de Ignacy J. Paderewski, n. 618, Carta da administração da Sociedade Beneficente e Cultural Polonesa de 28/7/1911, c. 50-51.

¹⁷ R. DMOWSKI. *Polityka polska i odbudowanie państwa*, t. 2, Warszawa, p. 29; AAN, Pasta de S. Ludański, n. 1230-7II-39, Relato do major H. Abczyński ao subtenente S. Ludański de 23/10/1923, c. 195.

Teodorkowski¹⁸. No dia 16 de setembro a diretoria do Comitê Nacional Polonês saudou solenemente no Rio de Janeiro o tenente Henryk Abczyński, delegado da Missão Militar Franco-Polonesa¹⁹, que tinha vindo ao Brasil com o objetivo de recrutar voluntários para o Exército Polonês que se formava sob o comando do general Józef Haller²⁰. A missão de Abczyński, da mesma forma que as ações do Comitê Nacional

¹⁸ *Sprawozdanie Komitetu Narodowego Polskiego w Rio de Janeiro z działalności w roku 1917 przedstawione [...] na wiecu kolonii polskiej w dniu 3 II 1918 r.*, Rio de Janeiro, p. 6; T. S. GRABOWSKI. Polska akcja niepodległościowa w Brazylii podczas wielkiej wojny. *Przegląd Współczesny*, n. 205 (maio), 1939, p. (153); Komitet Narodowy Polski w Brazylii. *Dziennik Związkowy* (Chicago), 21 X 1917.

¹⁹ O tenente Henryk Abczyński nasceu a 12/3/1886 em Trąbin (distrito de Rypin) numa família tártara polonizada. Em 1909 concluiu a Escola Politécnica Imperial-Real em Lvov e trabalhou na indústria polonesa e francesa. Na França ingressou no Comitê dos Voluntários Poloneses para o Serviço no Exército Francês. Ao lado de Waclaw Gąsiorowski, foi um dos mais eminentes partidários da criação do Exército Polonês na França. Desde 15 de junho de 1917, na Missão Militar Franco-Polonesa. Para maiores informações, cf.: Krzysztof BUDZIŃSKI. Pułkownik inż. Henryk Abczyński (1886-1975). Zarys działalności wojskowej. *Rocznik Dobrzyński*, t. 2, 2009, p. 133-142.

²⁰ Infelizmente, até outubro de 1917 foram recrutados na França apenas 832 voluntários. Diante disso, a Missão Militar Franco-Polonesa enviou equipes especiais de recrutamento aos Estados Unidos, ao Canadá e ao Brasil. No decorrer de um ano, no acampamento nas margens do Niágara registraram-se para viajar à França 26 mil poloneses. No dia 10 de janeiro de 1918 foi formado o primeiro regimento de fuzileiros poloneses, composto principalmente de voluntários americanos. Em breve surgiu a primeira divisão, composta de 70% de poloneses de cidadania americana. Os soldados de Haller eram na maioria americanos. P. STAWECKI. *U źródeł niepodległości 1914-1918. Z dziejów polskiego czynu zbrojnego*. Warszawa, 1988, p. 219.

Polonês, e posteriormente as de Warchałowski, eram apoiadas pelo ministro plenipotenciário da França no Rio de Janeiro, Paul Claudel. Infelizmente, a ação de recrutamento para o Exército Polonês na França, apesar de ter sido apoiada pelo Comitê Nacional Polonês, não foi bem-sucedida. Viajaram à França apenas 12 voluntários: 10 do Rio de Janeiro (7 em outubro e 3 em dezembro de 1917) e 2 de São Paulo (em fevereiro de 1918)²¹.

Após a vinda de Abczyński a Curitiba – a pedido do conhecido escritor Waclaw Gąsiorowski – envolveu-se na ação de recrutamento o Sr. Warchałowski²². Por iniciativa sua, no dia 14 de outubro de 1917 realizou-se em Curitiba uma assembleia durante a qual foi feito um apelo ao ingresso no Exército Polonês na França²³. Infelizmente, a coletividade polonesa, desavinda e dividida, não apoiou esse projeto. Viam de forma crítica a missão de Abczyński sobretudo os partidários de Piłsudski. “Sim, a França necessita de pessoas, então para consegui-las está disposta a anunciar a formação de um exercito judeu, tártaro etc.” – escrevia já em agosto de 1917

²¹ *Sprawozdanie Komitetu Narodowego Polskiego w Rio de Janeiro...*, p. 8.

²² AAN, Documentos de J. e K. Warchałowski, n. 42, Carta de 9/8/1917.

²³ W. K. *Wiec Polski w Kurytybie*, n. 40 de 26/10/1917, p. 3-4; “Mas voltemos à assembleia: o Sr. Szukiewicz apresentou uma resolução declarando-se a favor do ‘exército polonês na França’ – escrevia em seu relatório Konrad Jeziorowski –, e então pediu a palavra o Sr. Żongołłowicz. Na questão da resolução o Sr. Żongołłowicz falou contra a formação do exército polonês na França, mas pouco do que ele disse pôde ser ouvido, visto que se levantou o Sr. Gross (o mesmo Sr. Gross que alguns anos antes havia sido o ‘senhor redator’ da *Gazeta Polska* e bailarino) e falou mais alto que o Sr. Żongołłowicz, xingando os alemães”. K. JEZIOROWSKI. Szanowny Obywatelu Redaktorze! *Pobudka*, n. 40 de 26/10/1917, p. 4.

Kazimierz Rzyziński no *Pubudka*²⁴. Dois meses depois o *Pobudka* escrevia: “Perguntemos o que é a missão do Sr. Abczyński. Recrutamento para o ‘Exército Polonês’? Não – uma luta contra a Polônia”²⁵. O *Gazeta Polska w Brazylji* acreditava, por sua vez, que os voluntários poloneses eram necessários à França como “carne de canhão”. O jornal sustentava a posição de que a única forma armada nativa eram as Legiões Polonesas²⁶.

No dia 26 de outubro de 1917 o Brasil declarou guerra à Alemanha e juntou-se às lutas ao lado dos Estados aliados. Alguns dias depois, a 13 de novembro de 1917, o ministro das relações exteriores do Brasil, Nilo Peçanha, em resposta a uma proposta de paz do papa Bento XV, sinalizou a possibilidade de reconhecer a independência da Polônia (“reconhecer [...] restituída a liberdade à Polônia”)²⁷. Uma expressão da situação política modificada no mundo foi também o memorial – assinado por Warchałowski e Kosiński – apresentado no dia 22 de novembro ao ministro das relações exteriores do Brasil. Nesse documento o governo brasileiro era informado a respeito da declaração do Governo Provisório russo de 29 de

²⁴ K. RYZIŃSKI. Armia Polska. *Pobudka*, n. 30 de 10/8/1917, p. 2-3; Dois meses depois o mesmo autor escrevia: “A nação, o governo polonês, os poloneses na França são contrários à formação de um ‘exército polonês’ na França, então ninguém tem a obrigação de apresentar-se a ele. Desejamos sinceramente a vitória à França, mas não lhe daremos o nosso próprio sangue, porque também ela não dará o seu por nós, porque a Polônia vai precisar de muito, muito sangue para si”. Idem. Armia Polska we Francji. Ibidem, n. 38 de 12/10/1917.

²⁵ Grajmy w otwarte karty. *Pobudka*, n. 41 de 2/11/1917, p. 3-4.

²⁶ Komedia werbunkowa. *Gazeta Polska w Brazylji*, n. 86 de 27/10/1917, p. 1.

²⁷ Resposta do Brasil à Proposta de Sua Santidade. *Brasil-Polônia*, n. 4 de 15/11/1921.

março de 1917 sobre a causa da independência da Polônia, da declaração do presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, sobre a necessidade um Estado polonês independente, bem como da posição favorável da Entente à causa da independência da Polônia. Os autores enfatizavam também o fato do surgimento, em Paris, do Comitê Nacional Polonês, cujo representante em território brasileiro era o Comitê Nacional Polonês²⁸. Além disso, no memorial havia um parágrafo em que se pedia o reconhecimento

da existência da nossa nacionalidade e a autorização para a instituição de uma organização política que tenha por objetivo servir de intermediária entre os nossos compatriotas emigrados e o governo brasileiro, bem como expedir certificados de nacionalidade aos poloneses²⁹.

Durante uma outra assembleia, que se realizou no dia 16 de dezembro de 1917 em Curitiba³⁰, com a participação do tenente Abczyński, foi instituído um Conselho Nacional de 25 pessoas, que por sua vez constituiu o Comitê Central Polonês, tendo Warchałowski como presidente³¹. Apesar dos distúrbios

²⁸ AAN, Documentos de J. e K. Warchałowski, n. 38, Cópia do memorial de 22/11/1917, c. 85-88.

²⁹ Ibidem, n. 158, Claudel, c. 15.

³⁰ O manifesto de convocação para a assembleia polonesa foi assinado por: K. Warchałowski, Dr. M. Szeliga-Szeligowski, Tadeusz Danielewicz, Stanisław Słonina, Sylwester Piasecki, Jan Łopuszyński, Feliks Szańkowski, Józef Dynarowski, Julian Malinowski, Józef Sikorski. Cf. *Wiece polski. Polak w Brazylii*, n. 96 de 7/12/1917, p. 3.

³¹ Foram escolhidos como seus membros: Tadeusz Danielewicz – vice-presidente e tesoureiro, Wojciech Szukiewicz – secretário, Sylwester Piasecki e Albin Wątroba – membros. *Polski Komitet Centralny. Polak w Brazylii*, n. 99 de 19/12/1917, p. 3. O Comitê Central Polonês desenvolveu a sua atividade em todo o território

iniciais – “provocando barulho e algazarra, alguns indivíduos tentavam perturbar as discussões”³² –, após o afastamento deles a reunião transcorreu num ambiente sereno. Encerrou-se à noite no Teatro Guáira com uma solenidade da qual participaram “representantes de autoridades estaduais, federais, militares e civis, bem como cónsules dos Estados aliados”³³. Esse foi um passo importante para que o Comitê Central Polonês fosse reconhecido oficialmente como a representação do Comitê Nacional Polonês em Paris. Tanto mais porque o Comitê obteve das autoridades brasileiras a autorização para expedir certificados de nacionalidade polonesa, e por um ato do dia 18 de janeiro de 1918 essas autoridades reconheceram o direito da Polônia à

brasileiro, e por isso possuía três comitês locais (no Rio de Janeiro – presidente Jakub Kosiński; em São Paulo – presidente Bolesław Nowicki e em Porto Alegre – presidente Żórawski). Existiam também delegações do Comitê Central Polonês em diversas localidades do Sul do Brasil, como Guajuvira, Palmeira, Irati, Ijuí, Porto União, São Mateus, Três Barras, Rio Negro, Lucena, Castro, Rio Claro, Cruz Machado, Vera Guarani, Erechim e São Feliciano.

³² *Wiec Polski. Polak w Brazylii*, n. 99 de 19/12/1917, p. 3.

³³ *Uroczystość polsko-brazylijska w teatrze Guaira*. *Ibidem*, n. 99 de 19/12/1917, p. 3. O sucesso de Warchałowski não podia ficar sem a resposta dos oponentes políticos. “Deixem de lutar contra a Polônia – escrevia W. Rodziewicz –, iniciem não uma luta de palavras, mas uma luta real com os alemães apoiando a Polônia que luta conosco, deixem de servir ao partido de Dmowski e de Piltz e sirvam à Polônia toda e a toda a nação, deixem de ridicularizar a Polônia diante dos outros e iniciem uma ação para a conquista do seu significado e respeito junto aos estranhos, deixem de brincadeiras infantis e ridículas de formação de governos, embaixadas e exércitos, e somente então poderemos falar de um trabalho comum e harmonioso em prol da Pátria e do povo polonês”. W. RODZIEWICZ. *Śmieszni są. Podudka*, n. 1 de 18/1/1918, p. 2-3.

independência e a possuir no Brasil a sua própria representação³⁴.

Com menor entusiasmo tratavam as autoridades brasileiras a ação de recrutamento dirigida por Abczyński e Warchałowski, o que resultava não somente – como em geral de acredita – de razões econômicas (da colheita em curso)³⁵, mas principalmente políticas. O governo brasileiro tratava os poloneses nascidos no Brasil como seus cidadãos. Após a declaração de guerra aos Estados centrais, o Brasil estava se preparando para operações bélicas (estava sendo elaborado um estatuto sobre o recrutamento geral). Eram essas as verdadeiras razões da aversão das autoridades à ação recrutadora. Apesar disso Abczyński e o seu companheiro Warchałowski realizaram duas visitas – no final de 1917 e no início de 1918 – às colônias polonesas no Paraná e no Rio Grande do Sul³⁶. “O clero combatia a minha ação dos púlpitos, ameaçando os colonos com os tormentos do purgatório se participassem das reuniões realizadas por mim” – escrevia Abczyński³⁷. Não foram de muita valia a esse respeito as

³⁴ AAN, Documentos de J. e K. Warchałowski, n. 38, Carta a H. Abczyński de 6/12/1917, c. 82.

³⁵ M. A. IGNATOWICZ. Polónia brazylijska wobec odzyskania niepodległości Polski w r. 1918. In: *Polónia wobec niepodległości Polski w czasie I wojny światowej*, red. H. Florkowska-Francic, M. Francic, H. Kubiak. Wrocław, 1979, p. 146.

³⁶ Cf. o ciclo de artigos de K. Warchałowski *Z objazdu po Paranie i Rio Grande do Sul*, bem como o ciclo de artigos intitulado *Pod sztandarem polskiego Orła*, publicado em *Gazeta Polska w Brazylii* no final de 1917 e no início de 1918; cf. também M. CHMIELEWSKI. *A Missão Polaca. O tenente Henrique Abczyński e o jornalista Casimiro Warchalewski no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1918.

³⁷ AAN, Pasta de S. Laudański, n. 1230-76-II-39, Relato do major H. Abczyński ao subtenente S. Laudański de 23/10/1923, c. 199.

vantajosas condições financeiras que eram oferecidas aos voluntários poloneses e às suas famílias³⁸, que eram bem mais vantajosas do que as oferecidas aos voluntários poloneses dos Estados Unidos que se alistavam no exército polonês na França. Infelizmente, apesar dos esforços, do campo de recrutamento em Curitiba, fundado na propriedade de Warchałowski no bairro de Bacacheri, partiram para a França pouco mais de 100 voluntários³⁹.

Os voluntários poloneses viajaram à França em vários grupos. O primeiro, contando 45 voluntários, partiu no dia 22 de janeiro de 1918. Foi conduzido pelo subtenente Jerzy Warchałowski, que em breve foi destinado ao estado-maior do general Haller⁴⁰. Um segundo grupo, contando 7 pessoas, partiu de Curitiba no dia 14 de fevereiro de 1918⁴¹. O terceiro grupo – contando 22 voluntários – foi comandado pelo redator de *Gazeta Polska*, o tenente Julian Malinowski. Esse grupo partiu de Curitiba em março e chegou a Marselha no dia 17 de julho de 1918⁴². Ludwik Warchałowski, filho de Kazimierz, comandou por sua vez o quarto grupo de voluntários, que partiu do Brasil em maio e desembarcou em Bordeaux em

³⁸ AAN. Pasta de J. e K. Warchałowski, n. 46, Warunki finansowe służby w Armii Polskiej we Francji, c. 77-80.

³⁹ O treinamento dos voluntários era realizado inicialmente na sede da Sociedade Tadeusz Kościuszko – Łączność i Zgoda, e a seguir na propriedade de Warchałowski, no bairro de Bacacheri. Cf. Obóz ochotników polskich w Brazylii. *Dziennik Związkowczy – Zgoda*, 28/3/1918, p. 2.

⁴⁰ *Polak w Brazylii*, n. 6 de 22/1/1918, p. 1.

⁴¹ *Ibidem*, n. 13 de 15/2/1918, p. 3.

⁴² *Ibidem*, n. 70 de 17/9/1918, p. 2-3. Os voluntários do terceiro grupo, de São Paulo, estiveram aos cuidados do Comitê Nacional Polonês local. Cf. AAN, Documentos de J. e K. Warchałowski, n. 46, Carta do Comitê Nacional Polonês de São Paulo de 6/6/1918, c. 47-48.

agosto de 1918⁴³. O quinto e último grupo partiu em julho de 1918 e era composto de 8 pessoas⁴⁴.

Muito importantes no processo de o Brasil reconhecer a independência da Polônia foram as decisões da Conferência que se realizou em Versalhes no dia 3 de junho de 1918 e na qual foi adotada uma resolução que afirmava: “A criação de uma Polônia unida, independente e com acesso ao mar constitui uma das condições para uma paz permanente e justa e para a restituição da legalidade à Europa”⁴⁵. Em território brasileiro esses propósitos eram postos em prática pelo legado francês Claudel; no dia 10 de agosto ele encaminhou a Peçanha uma nota na qual pedia o posicionamento do governo brasileiro em relações às questões mais importantes do ponto de vista da Polônia, por exemplo:

- 1) que o governo brasileiro reconhece a nacionalidade polonesa;
- 2) que, com o objetivo de dar a esse reconhecimento uma forma eficaz e prática, reconhece, a exemplo dos Estados Aliados, o Comitê Nacional Polonês e Paris como o órgão oficial da nacionalidade polonesa;
- 3) que unicamente o Comitê Central Polonês, como representante do Comitê Nacional Polonês em Paris, possui o título para agir e falar no Brasil em nome da Polônia, bem como para a expedição de certificados de nacionalidade⁴⁶.

⁴³ Ibidem, n. 39 de 24/5/1918, p. 2 e n. 65 de 27/8/1918, p. 3.

⁴⁴ AAN, Documentos de J. e K. Warchałowski, n. 40, c. 72-78.

⁴⁵ J. PAJEWSKI. *Odbudowa Państwa Polskiego 1914-1918*. Warszawa, 1978, p. 321.

⁴⁶ A nota do legado francês e as respostas do ministro das relações exteriores do Brasil foram publicadas pelo *Polak w Brazylii*: cf. Obie noty, n. 65 de 27/8/1918, p. 1-2.

Na resposta do dia 17 de agosto de 1918, encaminhada ao legado francês, o ministro das relações exteriores do Brasil anunciou oficialmente que o Brasil reconhecia a Polônia independente e unida. A nota continha também a afirmação de que “o Governo Federal reconhece assim a nacionalidade polona; reconhece também, com as demais nações aliadas, o Comitê Nacional de Paris, seu órgão legítimo, e dá ao Comitê Central no Brasil eleito pelo voto livre dos polonos a necessária força para falar em seu nome e conceder os certificados de sua nacionalidade”⁴⁷.

Com isso o Comitê Central Polonês tornou-se o representante oficial da coletividade polonesa no Brasil, bem como do Comitê Central Nacional em Paris. A solenidade da bênção e do hasteamento da bandeira na sede provisória do Comitê Central Polonês no Rio de Janeiro realizou-se no dia 31 de agosto de 1918. Participaram dela muitos políticos brasileiros (juntamente com Peçanha), legados dos Estados aliados (francês, belga, inglês, português, o representante do embaixador dos Estados Unidos, o *chargé d'affaires* russo), escritores e jornalistas. A bênção da bandeira foi realizada pelo salesiano Pe. Teodor Kólczycki, de Niterói.

Esse ato – dizia Warchałowski – que após o reconhecimento pelo Brasil da nacionalidade polonesa, bem como do direito à representação diante do Governo Brasileiro, permite-nos cobrir com o nosso estandarte, esse símbolo da

⁴⁷ Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores do Brasil no Rio de Janeiro, Livro 284/02/08, Nota do Ministério das Relações Exteriores à Legação Francesa, RE 10826 Exp. A carta do legado francês P. Claudel a Warchałowski após o recebimento da nota do governo brasileiro e a resposta de Warchałowski e os seus discursos ao ministro das relações exteriores do Brasil Nilo Peçanha e ao presidente da República foram publicados pelo *Polak w Brazylii* (n. 68 de 10/9/1918, p. 1-2) e por *Brasil-Polônia* (n. 4 de 15/11/1921).

independência e da soberania, uma nesga desta nobre terra brasileira, nos é duplamente caro e duplamente para nós comovente: significa, com efeito, a ressurreição da nossa Pátria⁴⁸.

De iure o governo brasileiro reconheceu o Estado polonês, e concretamente o governo de Ignacy J. Paderewski (16.01-09.12.1919) no dia 15 de abril de 1919. A solene entrega das credenciais pelo primeiro representante da República da Polônia, o legado Ksawery Orłowski, ao presidente dos Estados Unidos do Brasil, Epiácio Pessoa da Silva, realizou-se no dia 17 de maio de 1920.

Ao acreditar o Legado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário Ksawery Orłowski – o Governo da República da Polônia desejou comprovar quanto lhe é importante o estabelecimento das relações oficiais entre ambos os Estados – relações que *de facto* existem entre os nossos Estados já há mais de meio século. Há 52 anos da Polônia, riscada do mapa político da Europa pela primeira vez partiram os seus filhos para no Brasil buscar um céu mais sereno e uma sorte melhor que aquela que lhes proporcionava o jugo dos invasores. A Polônia não deixou de interessar-se pelos seus filhos forçados à emigração, que com a etiqueta de russos ou alemães trabalharam para o desenvolvimento deste maravilhoso país, tendo encontrado aqui o pão e uma outra Pátria⁴⁹.

Por sua vez, as credenciais do primeiro legado extraordinário e ministro plenipotenciário dos Estados Unidos

⁴⁸ Niepodległość Polski. *Kalendarz Polski w Brazylii 1919*, p. 87.

⁴⁹ J. MAZUREK. *Noventa anos das relações diplomáticas entre a República da Polónia e a República Federativa do Brasil*, Embaixada da Republica da Polónia, Brasília 2010, P. 4.

do Brasil, Rinaldo de Lima e Silva, foram recebidas pelo Chefe de Estado polonês, Józef Piłsudski, no dia 3 de junho de 1921.

O surgimento de uma Polônia independente foi para a comunidade polônica brasileira um acontecimento significativo. Despertou um entusiasmo incomum entre os emigrados e contribuiu para a intensificação da atividade sociocultural nas colônias polonesas. Ninguém já podia lançar contra o colono as ofensivas palavras “polaco sem bandeira”, o que mais dolorosamente afligia o emigrado da Polônia. A alegria pela recuperação da independência da Pátria distante não fez, porém, com que os imigrantes poloneses se esquecessem do país em que viviam – do Brasil. Em fevereiro de 1925, em Curitiba, capital do estado do Paraná, a coletividade polonesa local financiou – por ocasião do centenário da independência do Brasil – o monumento do “Semeador”, executado por um filho de imigrantes, João Zaco Paraná. A existência de uma numerosa coletividade polonesa no Brasil tem servido para cientistas, viajantes e escritores poloneses de inspiração para a abordagem da temática brasileira. O fruto disso é uma grande massa de trabalhos científicos, reportagens, memórias, contos e romances que descreve não apenas as condições de vida dos colonos poloneses, mas também o exotismo, a beleza e a riqueza da natureza brasileira.

Bibliografia:

Fontes de arquivos:

Arquivo de Documentos Novos (AAN) em Varsóvia
Coleções: Documentos de Janina e Kazimierz Warchałowski; Arquivo de Ignacy J. Paderewski, Pasta de Stanisław Laudański.
Arquivo Histórico do Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro

Nota do Ministério das Relações Exteriores à Legação Francesa, RE 10826 Exp., Livro 284/02/08

Imprensa:

Brazil-Polonia, 1921,
Gazeta Polska w Brazylii, 1915-1918
Dziennik Związkowy (Chicago), 1917-1918
Kalendarz Polski w Brazylii, 1919
Niepodległość, 1934
Pobudka, 1917-1918
Polak w Brazylii, 1915-1918
Przegląd Współczesny, 1939
Rocznik Dobrzyński, 2009

Fontes impressas:

CHMIELEWSKI, Miguel. *A Missão Polaca. O tenente Henrique Abczyński e o jornalista Casimiro Warchalewski no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: 1918.

DMOWSKI, Roman. *Polityka polska i odbudowanie państwa*, t. 2. Warszawa: Pax, 1988.

GRABOWSKI, Tadeusz Stanisław. Polska akcja niepodległościowa w Brazylii podczas wielkiej wojny. *Przegląd Współczesny*, n. 205 (maio), 1939.

Sprawozdanie Komitetu Narodowego Polskiego w Rio de Janeiro z działalności w roku 1917 przedstawione [...] na wiecu kolonii polskiej w dniu 3 II 1918 r. Rio de Janeiro, 1918.

WIERZBOWSKI, Witold Teofil: *Ruch niepodległościowy wśród ludności polskiej w Brazylii*. *Niepodległość*, t. 9, 1934.

Dissertações:

BUDZIŃSKI, Krzysztof. Pułkownik inż. Henryk Abczyński (1886-1975). Zarys działalności wojskowej. *Rocznik Dobrzyński*, t. 2, 2009, p. 133-142.

GRONIOWSKI, Krzysztof. *Polska emigracja zarobkowa w Brazylii*. Wrocław: Ossolineum, 1972.

IGNATOWICZ, Maria Anna: Polonia brazylijska wobec odzyskania niepodległości Polski w r. 1918. In: *Polonia wobec niepodległości Polski*

czasie I wojny światowej, red. H. Florkowska-Frančič, M. Frančič, H. Kubiak. Wrocław: Ossolineum, 1979.

KULA Marcin: Postawa Polonii brazylijskiej wobec asymilacji a odrodzenie Polski w 1918 r. *Przegląd Zachodni*, n. 5/6, 1977.

_____. *Polono-Brazylijczycy i parę kwestii im bliskich*. Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2012.

MALCZEWSKI, Zdzisław; SIUDA-AMBROZIAK, Renata. *Tributo dos poloneses à Águia de Haia no 90º aniversário da morte de Rui Barbosa / Hołd Polaków dla Orła z Hagi w 90. rocznicę śmierci Rui Barbosy*. Curitiba, 2013.

MALINOWSKI, Mariusz: *Brazylia. Republika 1889-2010*, Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2013.

MAZUREK, Jerzy: *Piórem i czynem. Kazimierz Warchałowski (1872-1943) – pionier osadnictwa polskiego w Brazylii i Peru*. Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2013.

_____. *A Polónia e seus emigrados na América Latina (até 1939)*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

_____. *Noventa anos das relações diplomáticas entre a República da Polónia e a República Federativa do Brasil*. Brasília: Embaixada da Republica da Polónia, 2010.

PAJEWSKI, Janusz: *Odbudowa Państwa Polskiego 1914-1918*. Warszawa: PWN, 1978.

STAWECKI, Piotr: *U źródeł niepodległości 1914–1918. Z dziejów polskiego czynu zbrojnego*. Warszawa: WIH, 1988.

RESUMO – STRESZCZENIE

Brazylia jako pierwszy kraj Ameryki Łacińskiej uznała niepodległość Polski. Był to wielki sukces Polonii brazylijskiej, a przede wszystkim jednego z jej liderów – Kazimierza Warchałowskiego (1872-1943). Jego energia, upór i ofiarność doprowadziły do efektów, w które mało kto uprzednio wierzył. Stanowiło to zwieńczenie jego piętnastoletniego pobytu w Brazylii. Poznał w tym czasie czołowych polityków brazylijskich, m.in. Ruy Barbosę (1849-1923), prezydenta Republiki – Venceslau Brása (1868-1966), czy Nilo Peçanhę (1867-1924). Ich zaangażowanie w sprawę

Artigos

polskie było także oznaką rosnących aspiracji Brazylii do odgrywania znaczniejszej roli na arenie międzynarodowej. I wojna światowa przyniosła Polsce niepodległość, Brazylii zaś miejsce w przy stole konferencji pokojowej w Wersalu. Wszystkie postulaty Brazylii zostały uwzględnione. Dzięki zaangażowaniu wojennemu wzrosło międzynarodowe znaczenie Brazylii.

TADEUSZ STANISŁAW GRABOWSKI (1881-1975)

*Julian MAŚŁANKA**

O que me estimula a escrever o presente esboço a respeito do Professor Grabowski é a minha próxima convivência com ele na última década da sua vida. Com efeito, eu o visitava com frequência no antigo prédio na Rua Kościuszko, especialmente após a morte de sua esposa (26/11/1970), onde residia sozinho, num apartamento de duas peças. Muitas vezes também o Professor nos visitava na nossa residência na Rua Starowiślna, onde às vezes aparecia sem avisar, e uma vez veio em circunstâncias absolutamente incomuns, já após a meia-noite. Isso aconteceu durante o frio inverno de 1970/71. Ele explicou essa sua inesperada vinda numa hora tão incomum dizendo que havia perdido as chaves do seu apartamento, o que não era verdade, pois as chaves estavam no bolso do seu casaco. Certamente não podia encontrar a casa, andou muito no bonde noturno e desembarcou nas proximidades do Correio Central, tendo-se lembrado de que nós residíamos nas proximidades.

Tadeusz Stanisław Grabowski nasceu no dia 15 de janeiro de 1881 em Huczek, perto de Dobromil, na época no distrito de Przemyśl. Seu Pai, Władysław, um líder em prol da independência (fundador da seção da Sociedade Ginástica Polonesa “Falcão” em Jarosław), trabalhou como advogado em Dobromil, e a seguir em Jarosław, onde seu filho concluiu

* Julian Maślanka (n. 1930), historiador da literatura, professor emérito da Universidade Jaguicllônica em Cracóvia, autor de diversas obras dedicadas à literatura e à cultura do Iluminismo e do Romantismo.

a escola fundamental e média, tendo obtido no ginásio local a maturidade humanística em 1900. Naquele mesmo ano iniciou os estudos na Universidade Jagiellônica (UJ), na área da filologia polonesa, eslava e clássica, onde foram seus professores os eminentes eruditos Kazimierz Morawski (literatura romana), Leon Sternbach (literatura grega), Jan Rozwadowski (linguística comparada), Stanisław Tarnowski e Stanisław Windakiewicz (literatura polonesa), Marian Zdziechowski (literatura croata e russa), Józef Tretiak (literatura ucraniana). Após cinco semestres de estudos na UJ, durante os três semestres seguintes (1903-1904) estudou em Zagreb, e a seguir, a partir do segundo semestre de 1904, passou seis meses na recém-criada Universidade de Belgrado, para em 1905 novamente voltar a Zagreb, onde escreveu um livro sobre a moderna literatura croata intitulado *Współczesna Chorwacja* (Croácia contemporânea), planejado para três volumes. No primeiro volume, publicado em Lvov em 1905, apresentou principalmente a obra do romancista Ksawery Sandor Gjalski; no segundo, a obra poética de Silvije Krajevcić (Lvov, 1908) e o terceiro volume, sobre a obra dramática de Ivo Vojnović, não foi publicado, visto que não foi concluído.

No período de 1905/1906 estudou na Universidade Carlos em Praga, e no segundo semestre de 1906 ganhou uma bolsa para conhecer os eslavos orientais e familiarizar-se mais de perto com a mais recente literatura ucraniana, bielorrussa e russa. Grabowski concluiu a sua obra *Lehr und Wanderjahere* (Anos de aprendizagem e de viagens) na Universidade de Viena, onde naquele tempo se assinalou um florescimento da eslavística (V. Jagic, V. Vondrák e outros). Foi também nessa universidade que obteve o doutorado com base na dissertação *Silvije Krajevcić und seine Dichtung* (Silvije Krajevcić e sua poesia), e exatamente cinquenta anos depois (no dia 18/7/1961) realizou-se nessa universidade a solene renovação do

doutorado do nosso eslavista. Dessa forma, após mais de dez anos de estudos (1900-1911) em diversas universidades, aos 30 anos de idade Grabowski estava perfeitamente preparado para o trabalho científico como eslavista, visto que havia dominado as línguas, a cultura e a literatura de diversas nações eslavas, além de ter visitado quase todos os países eslavos, o que no caso de um eslavista era muito importante.

Tendo voltado a Cracóvia, Grabowski começou a trabalhar na UJ como professor das línguas servo-croata e búlgara, e eventualmente da checa e russa. Trabalhou, além disso, em ginásios de Cracóvia, como no Ginásio de S. Jacinto na Rua Sienna.

No início do século XX a Universidade Jagiellônica tornou-se um forte centro de eslavismo em escala europeia, e Cracóvia, um importante centro do ideal eslavo. Foi ali que, em dezembro de 1901, por iniciativa dos professores da UJ Marian Zdziechowski e August Sokołowski, surgiu o Clube Eslavo, congregando cerca de 50 cientistas, articulistas e pessoas da cultura. O órgão desse Clube era o periódico mensal *Świat Słowiański* (O mundo eslavo), que nos anos 1905-1914 foi editado com a redação de Feliks Koneczny (1862-1949), posteriormente conhecido historiólogo, com uma informação adicional: “dedicado aos estudos eslavos e à análise dos assuntos eslavos do ponto de vista polonês”, e no qual publicava artigos e resenhas também o Prof. Grabowski.

Numa carta de 2/1/1905 a Wojciech Kętrzyński, Koneczny escrevia que o objetivo da referida publicação seria “a divulgação do conhecimento real dos assuntos eslavos e, além disso, a luta contra a ganância pangermânica, solidariamente com os checos, eslovenos, croatas, e o reavivamento entre os eslavos da simpatia à causa polonesa, a

tentativa de esboçar um programa para o encontro de um *modus vivendi* com a Rússia”¹.

Naquele período observa-se uma nítida animação dos humores libertários entre as nações eslavas privadas da liberdade, situação em que se encontravam todos os eslavos, com a exceção da Rússia. Anteriormente apenas os poloneses haviam tentado derrubar o jugo da dominação estrangeira pela força através de sangrentos levantes, após os quais – como se sabe – ocorreram brutais repressões. Por isso também restou, ao menos por algum tempo, a busca pacífica desse mesmo objetivo, que aliás se tem manifestado entre os eslavos já na primeira metade do século XIX, para lembrar o movimento cultural e ao mesmo tempo político denominado *ilirismo* na Croácia, Dalmácia e Eslovênia, ou os ideais da “solidariedade eslava” – da união cultural dos eslavos proclamada pelo escritor eslovaco Jan Kollár. Os lemas que apresentavam a necessidade de uma aproximação mútua dos eslavos em razão do parentesco étnico, que têm aparecido pelo menos desde o romantismo com o nome de *eslavofilia*, tinham em geral um diversificado embasamento político. As nações privadas da posse de um Estado autônomo buscavam alcançar a liberdade num nível possivelmente original: desde a autonomia parcial até a independência total. O império russo, por sua vez, utilizando-se dos ideais eslavófilos para os seus próprios objetivos, proclamados também (embora com outro nome) em boa medida por alguns russos de ideias antidespóticas (p. ex. A. I. Hercen ou M. A. Bakunin), buscava a união dos eslavos, mas sob o seu domínio. Essas tendências são definidas com o termo geral *pan-eslavismo*, que não é unívoco, e junto a diversos partidários apresenta até

¹ Apud: BILIŃSKI P., *Feliks Koneczny (1862-1949), Życie i działalność*. Warszawa, 2001, p. 84.

conteúdos políticos opostos. Igualmente a Áustria procurava adaptar os ideais eslavófilos aos seus próprios objetivos políticos. Em meados do século XIX, o então ministro das religiões e da cultura, Leo von Thun, apresentou um programa denominado *austroeslavismo*, que consistia na autonomia cultural para os eslavos que entravam na composição da monarquia dos Habsburgos, com a condição de que eles desistissem da busca da independência política. A favor dessa concepção pronunciou-se (num congresso eslavo em Praga em 1848) p. ex. o historiador e político checo Frantisek Palacky, aliás com grandes méritos para o movimento do “despertar” checo e para o renascimento nacional do Estado checo.

*

Na biografia de Grabowski podem ser destacados diversos períodos, mas, quanto à sua atividade por assim dizer pública, distinguiremos três. O primeiro: desde a última etapa dos estudos eslavísticos, isto é, em Praga no ano acadêmico 1905/6, até a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914. Nesses anos ocorre a sua intensiva atividade científica e surge um grande número de diversas publicações, a respeito das quais falaremos a seguir.

O segundo período, sensivelmente mais longo, iniciou-se em 1915, quando, após ter ingressado nas Legiões², depois de um breve período na frente de guerra e de trabalho no escritório de imprensa do Departamento Militar das Legiões, foi encaminhado para o trabalho propagandístico na Turquia e na Bulgária. Principalmente a sua atividade em Sófia, nos anos 1916-18, foi proveitosa, visto que organizou ali

² Legiões Polonesas na Primeira Guerra Mundial – destacamentos militares voluntários que nos anos 1914-17 lutaram ao lado dos Estados Centrais. (N. do T.)

e editou em búlgaro o *Boletim polonês*, bem como publicou algumas brochuras a respeito de assuntos poloneses, entre as quais o volume intitulado *Bylgari i Poljaci* (Os búlgaros e os poloneses), (Sófia, 1916, p. 160). Esses méritos foram reconhecidos pelo governo da Polônia renascida, e Grabowski ingressou no serviço diplomático, primeiramente como *chargé d'affaires*, e a seguir como legado da Polônia em Sófia, período em que desenvolveu mais ainda a atividade no campo da aproximação de ambas as nações. Colaborou com a publicação da *Revista Polono-Búlgara* (órgão da Sociedade da Amizade Polono-Búlgara, fundada em Sófia) e apoiou a “Biblioteca Polonesa”, publicada com o patrocínio dessa sociedade, no âmbito da qual foram publicados nove volumes contendo traduções de obras da literatura polonesa, bem como trabalhos originais.

Após a sua volta à Polônia em 1925, por dois anos foi diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda no Ministério das Relações Exteriores, e em 1927 foi nomeado ministro plenipotenciário e legado extraordinário da Polônia no Brasil, posto em que permaneceu até 1938. Após a volta a Varsóvia, por um ano, após o eclosão da Segunda Guerra Mundial, trabalhou no cargo de diretor do Instituto da Cooperação Cultural com o Exterior.

Nos anos da ocupação alemã participou em Varsóvia do ensino clandestino, que as autoridades da ocupação puniam severamente, inclusive com a morte. Foi esse o destino que encontrou, por exemplo, o jovem eslavista Dr. Jerzy Bąbała, que dava aulas a um pequeno grupo de estudantes numa residência particular em Varsóvia. A Gestapo deteve todos eles, e ele foi enviado ao campo de concentração em Majdanek, onde em breve pereceu; o que aconteceu com os outros, não se sabe. Durante o Levante de Varsóvia os alemães

queimaram a biblioteca de Grabowski, que contava alguns milhares de volumes, e do que ele mesmo foi testemunha.

O terceiro período na vida do Prof. Grabowski iniciou-se em 1945, quando se tornou professor de eslavística histórico-literária na UJ. Após a devastação da guerra e da ocupação que envolveram os recursos humanos e materiais (p. ex. as bibliotecas destruídas), teve de organizar essa área de estudos desde os fundamentos e, naturalmente, dar aulas. Aliás não somente em Cracóvia, mas nos anos 1946-47 lecionou também na recém-aberta Universidade de Wrocław, e nos anos 1951-53 também na Universidade de Varsóvia. Facilmente se pode imaginar como era difícil o deslocamento nas condições do pós-guerra daquele tempo. Aposentou-se tarde, somente aos 80 anos de idade (1960).

*

Do ponto de vista científico, foi muito proveitoso na vida de Grabowski o período de dez anos de 1905-1914. Foi então que foram publicadas as anteriormente citadas duas partes da *Croácia Contemporânea* (1905 e 1908), bem como as duas séries de estudos publicadas em Cracóvia em pequenos volumes. Na primeira série, com o sobretítulo comum *Szkice i rozprawy z piśmiennictw słowiańskich* (Esboços e dissertações de escritos eslavos) entraram os trabalhos: *Anton Askerc, poeta słoweński* (Anton Askerc, poeta esloveno) (1906), *Liryka Mihovila Mikolicia* (A lírica de Mihovil Mikolic) (1906), *Orzeszkowa* (1906), *Najnowsza historia literatur południowosłowiańskich* (A mais recente história das literaturas sul-eslavas) (1909) e *Zygmunt Krasiński w literaturach*

słowiańskich (Zygmunt Krasiński nas literaturas eslavas) (1914)³.

E na segunda série, chamada *Através dos Eslavos*, até a Primeira Guerra Mundial foram publicados seis títulos: *S. S. Bobczew, historyk, publicysta i słowianofil bułgarski* (S. S. Bobtchev, historiador, articulista e eslavófilo búlgaro) (1910), *Romantyzm polski wśród Słowian. Wpływy i pokrewieństwa* (O romantismo polonês entre os eslavos – influências e afinidades) (1910), *Sprawa grobu i szczątków Władysława Warneńczyka. Przegląd źródeł, materiałów i pamiątek* (A questão do túmulo e dos restos mortais de Ladislau de Varna – Uma revista das fontes, dos materiais e das lembranças) (1911), *Komisariat królewski w Chorwacji wobec odrębności państwowej* (O Comissariado real na Croácia diante da diversidade nacional) (1912), *Słoweński poemat na tle polskim: A. Zaklija-Ladinskiego “Vilkovo”* (Um poema esloveno com fundo polonês: “Vilkovo” de A. Zaklij-Ladinski) (1913), *Dzieło rosyjskie o ks. Piotrze Skardze* (Uma obra russa sobre o Pe. Piotr Skarga) (1913). Essa série foi completada pelo Prof. Grabowski com dois ensaios no período de entreguerras: *Bułgaria po przewrocie 1923-1926* (A Bulgária após a revolução 1923-1926) (Warszawa, 1926), e

³ O Prof. Grabowski me telefonou no dia da morte de sua esposa. Fui então à sua casa e conversamos por várias horas. Foi então que ele me presenteou com o volume que contém esses cinco trabalhos e escreveu a seguinte dedicatória: “Ao caro e digno Colega na UJ, Julian Maślanka, como lembrança dos trabalhos comuns e das difíceis vivências finais, dedica esta elucubração juvenil T. St. Grabowski. No triste dia 26 de novembro de 1970”. – Alguns meses depois, numa visita que nos fez (o que costuma fazer muitas vezes sem se anunciar), ofereceu-nos uma brochura de sua autoria intitulada *Ruś – Ukraina a rządy rosyjskie* (A Rússia Polonesa e a Ucrânia e os governos russos) (Kraków, 1916), da série “Biblioteca Eslava”, com a dedicatória: “Aos estimados Julian e Barbara Maślanka, meus prezados amigos. 19/5/1971. Grabowski”.

Polska a Słowiańszczyzna. Historyczny rzut oka na polskie słowianofilstwo (A Polônia e os eslavos – Um olhar histórico sobre a eslavofilia polonesa) (1927), e muitos anos depois, após a Segunda Guerra Mundial, ele deu continuidade a esse ciclo apresentando mais sete dissertações, algumas delas não em forma de livros, mas como artigos em revistas.

Na obra de Grabowski há ainda um terceiro ciclo, com o sobretítulo geral *Z słowiańskiej teki* (Da pasta eslava), do qual constam 12 trabalhos; dessa vez, trata-se de artigos publicados os anos 1907-1911 em *Świat Słowiański* (O mundo eslavo), entre os quais, por exemplo: *Słowacki wśród Słoweńców: przekłady V. Molego* (Słowacki entre os eslovenos: traduções de V. Mole) (1909), *Liudevit Gaj, ojciec odrodzenia chorwackiego* (Liudevit Gaj, o pai do renascimento croata) (1909), *Dramat polski na scenie zagrzebskiej: 1850-1911* (O drama polonês nos palcos de Zagreb: 1850-1911) (1911), *Na Kosowym Polu* (No campo de Kosovo) (1911).

Por ocasião dos 90 anos do nascimento do Prof. Grabowski foi organizada em Cracóvia (24/5/1971) uma sessão científica em sua presença, na qual foram apresentadas algumas comunicações. Um dos alunos do aniversariante, Włodzimierz Kot, expôs as pesquisas do Prof. Grabowski sobre as literaturas e a cultura das nações eslavas⁴, exibindo uma síntese estatística, da qual resulta que com a literatura e a cultura da Croácia se relacionam 56 publicações, da Eslovênia – 30, da Sérvia, da Bósnia e Montenegro – 24, da Macedônia – 15, da Bulgária – 73, da Lusácia – 46, da Chéquia – 62, da Eslováquia – 20, da Bielorrússia – 21, da Ucrânia – 18 e da Rússia – 32. Disso tudo, mais ou menos um quarto foi

⁴ KOT, W. Tadeusz Stanisław Grabowski (w dziewięćdziesięciolecie urodzin). *Zeszyty Naukowe UJ. Prace Historycznoliterackie*, n. 21 (1971), p. 175-194. Desse trabalho (de um colega prematuramente falecido) extrai uma série de informações para o presente esboço.

publicado por Grabowski nas línguas dessas nações. Kot distinguiu ainda um grupo separado (88 trabalhos) de temática polonística ou da fronteira da polonística e da eslavística. Além disso, há na obra de Grabowski publicações em alemão, francês e português (do período brasileiro). No total, portanto, a sua bibliografia contém cerca de 500 publicações. Trata-se de uma grande bagagem, que merece ser enfatizada tanto mais porque na atividade científica eslavista de Grabowski há uma lacuna de cerca de 30 anos (serviço diplomático e ocupação alemã). Após uma análise mais detalhada dessa bagagem pode-se afirmar com plena convicção que ele teve uma enorme contribuição no campo da eslavística histórico-literária polonesa, especialmente antes da Primeira Guerra Mundial. Parece também que as suas realizações não têm sido devidamente apreciadas⁵.

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł przedstawia sylwetkę Prof. Tadeusza Stanisława Grabowskiego (1881-1975), który w latach 1927-1938 był ambasadorem RP w Brazylii. Prof. Grabowski był wybitnym filologiem i slawistą, który studiował i rozwinął swoją działalność naukową na UJ w Krakowie oraz na uczelniach wielu krajów słowiańskich. Jego liczne dzieła na temat literatur i kultury narodów słowiańskich, napisane w różnych językach, stanowią nieoceniony dorobek, lecz wydaje się, że dotychczas jego dokonania nie zostały należycie docenione.

⁵ P. ex., por uma estranha coincidência, foi deixado de lado no volume: MICHALIK, J. e WALECKI, W. (red.). *Uniwersytet Jagielloński: Złota księga Wydziału Filologicznego* (Universidade Jaguellaônica: Livro de ouro do Departamento de Filologia), Kraków, 2000.

QUEM É O CULPADO PELO HOLOCAUSTO?

*Renata SIUDA-AMBROZIAK**

Durante a II Guerra Mundial, a minha terra tornou-se o palco da maior carnificina que se pode imaginar. Em cada esquina morreram dezenas, centenas, ou milhares de pessoas. Essa situação de praticamente cada um de nós, poloneses, ter perdido os familiares tem a ver muito com a memória da Guerra e do Holocausto na Polônia e com as controvérsias recentes ligadas às mudanças na narrativa e no discurso internacional sobre a II Guerra Mundial em geral e o Holocausto em particular.

Parece que por razões ideológicas, econômicas e políticas, as interpretações do crime contra a humanidade que aconteceu nos tempos da guerra estão começando a ser desenvolvidas de maneiras novas, surpreendentes e, ao mesmo tempo, bem perturbadoras. Especialmente quando aparecem as tentativas para explicar o Holocausto pela “coautoria” dos poloneses e aparece no discurso diplomático a expressão “campos de concentração poloneses”.

Vejamos simplesmente os fatos – o Holocausto foi planejado e preparado pela Alemanha nazista, mas executado na Polônia ocupada. Antes da guerra a Polônia gozava da maior concentração de judeus na Europa e da segunda maior do mundo, depois dos Estados Unidos. Foi decerto precisamente por causa da numerosa população judaica na Polônia que os locais de extermínio foram estabelecidos pelos

* Professora Doutora, Universidade de Varsóvia.

nazistas no território polonês. Mas o Holocausto foi institucionalmente organizado e sistematicamente levado a cabo pelos alemães nazistas.

A II Guerra Mundial eclodiu com a agressão da Alemanha nazista na Polônia, em 1 de setembro de 1939. Em 17 de setembro de 1939, segundo o Tratado de Ribbentrop-Molotov, também as tropas soviéticas invadiram a Polônia, colaborando perfeitamente na destruição do país com os nazistas. Nas terras polonesas sob ocupação soviética, os judeus, junto com os poloneses, foram enviados aos campos de trabalho penais ou brutalmente executados com tiros covardes na cabeça dos prisioneiros desarmados (Katyn, Miednoye).

Ainda em 1939 os nazistas começaram a criar no território polonês ocupado as grandes concentrações de judeus nos guetos urbanos (o maior – de Varsóvia com 400 mil pessoas) e a estabelecer os primeiros campos de concentração (primeiro Stutthof, e em 1940 Auschwitz – uma verdadeira fábrica de morte com câmaras de gás e crematórios, onde se matavam até 20 mil pessoas diariamente, usando Zyklon-B e monóxido de carbono). Naquele tempo os poloneses já tentaram fazer o alarme sobre o que estava acontecendo, passando informações precisas sobre o Holocausto para os aliados. Infelizmente, sem resultados. Havia voluntários poloneses que entravam nos campos de concentração nazistas para descrever a realidade, mas naquele tempo ninguém ouvia. Mais até – alguns governos europeus colaboravam tranquilamente com o III Reich do Hitler...

Em 1941 foi emitido pelos nazistas um decreto sobre a aplicação da pena de morte aos poloneses que ajudavam aos judeus a sobreviver, por exemplo escondendo-os nas suas casas – em nenhum outro país ocupado pelos alemães estava em vigor uma lei tão rigorosa como na Polônia. Logo depois, em 1942, apareceu o plano para a "solução final da questão

judaica na Europa" – o extermínio em massa da população judaica nos campos de concentração na Polônia. Ao mesmo tempo o Dr. Josef Mengele começou os seus experimentos médicos criminosos no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, e os alemães nazistas começaram a liquidar os guetos e a deportar os seus habitantes aos campos de concentração. Em 19 de abril de 1943, começou a revolta armada dos judeus no gueto de Varsóvia – um gesto de desespero contra a sua liquidação. O levante durou até 8 de maio de 1943. Depois de sufocar brutalmente a revolta, os nazistas proclamaram oficialmente o Terceiro Reich "limpo de judeus".

No dia 24 de julho de 1944, no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, num só dia foram mortos cerca de 40.000 seres humanos. Foi um recorde na história da indústria nazista de morte. Em 1 de agosto de 1944 o exército subterrâneo polonês promoveu um levante em Varsóvia. Intensos combates com a Alemanha duraram até 2 de outubro de 1944, resultando na matança de quase 200 mil varsovienses. A cidade ficou quase completamente destruída.

Em 25 de novembro de 1944, Himmler ordenou explodir as câmaras de gás e os crematórios de Auschwitz-Birkenau e apagar os vestígios do assassinato em massa. Em 18 de janeiro de 1945 as tropas SS alemãs começaram a evacuar o campo – 66 mil prisioneiros foram levados para o Ocidente na "marcha da morte", que matou mais de 15 mil seres humanos. Em 26 de janeiro de 1945 – tropas soviéticas, agora aliadas, libertaram o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, onde ainda havia 7.000 esqueletos-prisioneiros. Em 30 de abril de 1945 – Adolf Hitler cometeu suicídio no bunker em Berlim.

A guerra resultou na morte de mais de 6 milhões de cidadãos poloneses, dos quais 3 milhões eram judeus

poloneses. Muitos deles sobreviveram graças à ajuda dos poloneses. Atualmente, o título de “Justo entre as Nações do Mundo”, outorgado àqueles que arriscaram conscientemente as suas vidas para salvar aos judeus, foi dado a mais de 6 mil cidadãos poloneses – o maior número entre todas as nações do mundo.

No entanto, o agressor que invadiu a Polônia em setembro de 1939, organizando o Holocausto de uma maneira fria, bem pensada e sistêmica, depois de 1945 teve uma chance do desenvolvimento democrático e econômico sem precedentes graças à situação da Guerra Fria. A Polônia ficou atrás da Cortina de Ferro, destruída, saqueada pelos alemães e soviéticos e traída pelos aliados, que a deixaram, depois de se ter aproveitado dos cientistas poloneses quebrando o famoso código de Enigma e dos milhares dos soldados poloneses lutando no Ocidente, entre eles os famosíssimos pilotos poloneses que defenderam Londres dos bombardeios dos nazistas, à mercê de Stalin e da “democracia popular” proclamada pela União Soviética, vista pela maioria esmagadora da população como uma outra ocupação. As tropas polonesas, incluídas no exército aliado, nem foram convidadas para comemorar o final da II Guerra Mundial...

Mais ainda – a divisão entre “perpetradores e agressores” e “vítimas”, tão claramente visível durante e logo depois da guerra, cedeu agora lugar às discussões já não tão unilaterais. Por isso os poloneses reagem muitas vezes emocionalmente. No nosso olhar, a maneira como a II Guerra Mundial e o discurso do Holocausto estão sendo ultimamente apresentados parece absurda, concentrando-se nos poucos casos de colaboradores poloneses e omitindo a generalizada fraternidade dos poloneses e judeus na luta e a ajuda dos poloneses aos judeus durante o Holocausto, confirmada por pesquisas detalhadas. As narrativas históricas comprovadas

estão dolorosamente colidindo com os pontos de vista dos que frequentemente nem passaram pela ocupação alemã, mas acham que possuem o direito de colocar a culpa naqueles que em razão dela passaram pelo maior sofrimento...

Em tal situação torna-se cada vez mais difícil manter indiscutível a verdade sobre a Guerra e o Holocausto. Parece que agora a cada dia aumenta a tensão, provocando terremotos nas relações internacionais pela atitude estranha da “divisão da culpa pelo Holocausto” entre os agressores e as vítimas.

A Polônia perdeu na guerra quase 40% dos seus cidadãos, entre eles judeus. O destino dos judeus poloneses durante o Holocausto não foi algo único ou separável do destino da etnia polonesa em geral. Mas agora fala-se antes de tudo sobre o antissemitismo na Polônia durante a guerra ou a indiferença dos poloneses em relação aos judeus fechados nos guetos ou nos campos de concentração. Infelizmente, não mostrando os fatos acima expostos, por exemplo as punições com a morte aplicadas àqueles que aparentemente não sabiam mostrar essa indiferença, assim como a todos os membros das suas famílias... Ou a indiferença cruel dos aliados frente aos relatórios sobre o Holocausto providenciados pelos poloneses nos primeiros anos da Guerra.

Sim, com certeza houve aqueles poloneses que foram pagos pelos judeus pela ajuda. Houve outros que chantageavam e ameaçavam denunciá-los. Pessoas sem honra e sem vergonha. E os historiadores têm que se deparar com isso. E se deparam. Assim deveria ser. Porque em cada grupo há pessoas diferentes, decentes e indecentes. Nunca somos todos santos. Mas é difícil dizer, preservando a verdade histórica, que foram, na sua maioria, os poloneses que ajudaram no Holocausto ou que os campos de concentração eram "campos poloneses", como se ouve hoje pelo mundo. Os

poloneses, na sua esmagadora maioria, nunca se renderam durante a guerra, nunca colaboraram com os nazis, contruindo o maior movimento de resistência aos ocupantes, jamais visto no mundo na forma de todo o Estado Polonês Subterrâneo e arriscando a vida dos seus familiares para salvar as vidas dos judeus, apesar de conhecerem bem demais as consequências das suas ações – são eles os mais numerosos entre os "Justos do Mundo".

Por isso, as perguntas e as dúvidas estranhas que se ouvem agora sobre os poloneses, que, estando numa situação quase que igualmente precária, deveriam ter-se arriscado ainda mais para ajudar os judeus, mostram uma lógica bem perversa – em frases como "os nazistas não teriam aniquilado tantos judeus se os poloneses se tivessem oposto mais àquela matança", uma vítima judia torna-se mais inocente e mais importante do que as outras, polonesas.... Mas somente aos olhos de Hitler os judeus constituíam uma categoria especial, e pensar desse modo equivale a aceitar a lógica dos assassinos nazistas. A vida humana tem sempre o mesmo valor, independentemente da nacionalidade, religião, gênero, raça, nível de educação... Dizer que alguns valem mais e outros menos, que é preciso sacrificar uns para salvar os outros é mais uma barbaridade. "Não matarás!". E ponto final. Assim nunca precisarás te justificar. E procurar "bodes expiatórios".

Mas as tensões continuam voltando e reaparecendo, causando uma grande indignação na Polônia com a política histórica consciente, que quer livrar da responsabilidade pelo Holocausto os seus autores, criando uma imagem antisemita dos poloneses e repercutindo no mundo dos meios de comunicação de massa, com o aparecimento de expressões como "campos de concentração poloneses". A ignorância histórica prejudica tanto a verdade como a sagrada memória das vítimas, tanto judeus como poloneses, conduzindo à

relativização do crime hediondo da guerra e do Holocausto, inextricavelmente entrelaçados.

Por isso é um grande desafio para nós – não deixar esquecer as recordações e memórias, não deixar manipular os fatos históricos, não permitir que a verdade histórica se torne uma “verdade aplicada”, na qual foram os poloneses antisemitas que começaram a II Guerra Mundial, atacando a Alemanha, construíram sozinhos os campos de concentração para se aniquilarem a si mesmos, mataram-se a si mesmos nos levantes e tiroteios nas ruas. Ainda mais, exterminaram a maioria da sua própria população de origem judia, que precisamente na Polônia, por muitos séculos, encontrou a paz, a estabilidade e as possibilidades de se desenvolver econômica e culturalmente, sem as perseguições ocorridas no resto da Europa. Não parece isso um absurdo total? Infelizmente, é assim a nossa “politicamente correta”, a nova “verdade histórica” sobre a Guerra e o Holocausto...

RESUMO – STRESZCZENIE

W związku z nowelizacją ustawy o IMP pojawiło się w prasie międzynarodowej wiele dyskusji na temat drugiej wojny światowej. Autorka w sposób bardzo jasny przedstawia sytuację Polski napaadniętej przez Niemcy hitlerowskie. Na postawione w tytule pytanie, autorka stara się ukazać rzeczywistość, jaka zapanowała podczas wojny na ziemiach polskich.

UMA RELEVANTE AÇÃO EDUCACIONAL E CULTURAL DOS PADRES VICENTINOS NO SUL DO BRASIL

Mariano KAWKA*

A Congregação da Missão (*Congregatio Missionis* – CM) é uma comunidade religiosa de sacerdotes e irmãos, fundada na França, por S. Vicente de Paulo (1581-1660), em 1625, com o nome de ordem religiosa de S. Lázaro, razão pela qual os padres vicentinos são por vezes também denominados lazaristas. A congregação dos chamados Padres da Missão foi fundada para a evangelização dos campônios pobres, tendo como lema “Evangelizare pauperibus misit me” (O Senhor me enviou para evangelizar os pobres). Na Polônia, para onde a congregação se expandiu ainda durante a vida do fundador (em 1651), os seus membros são conhecidos como “Padres Missionários” (*Księża Misjonarze*).

No início do século XXI os Vicentinos chegavam a cerca de 4 mil e estavam presentes em 86 países. A administração da comunidade religiosa cabe a um superior geral. Na assembleia geral do dia 5 de julho de 2016 foi eleito para esse cargo o Pe. Tomaz Mavric CM.

No Brasil, os Padres Vicentinos estão presentes desde 1820, quando os dois primeiros missionários vieram de Portugal e fixaram residência em Caraça-MG, dando origem à atual província do Rio de Janeiro. Desde 1967 existe também a província vicentina de Fortaleza, instituída a partir da antiga vice-província dependente da Holanda (desde 1927). E no Sul

* Professor e tradutor, membro do Conselho Editorial de *Polonicus*.

do Brasil atua a chamada Província do Sul, que se originou dos Vicentinos vindos da Polônia em 1903.

Da Polônia ao Brasil

No final do século XIX já se havia formado no Sul do Brasil uma numerosa colônia polonesa, a partir da imigração maciça iniciada havia três décadas, quando o primeiro grupo de imigrantes poloneses se estabeleceu em Brusque, Santa Catarina, em 1869, e depois se transferiu aos arredores de Curitiba (Pilarzinho), em 1871. No Paraná, já havia naquela época cerca de 80 mil imigrantes poloneses, dos quais cerca de 3 mil moravam em Curitiba e nas redondezas. E havia apenas 9 padres poloneses, todos do clero secular, para dar assistência religiosa a esses imigrantes.

Foi então que, em 1899, atendendo a numerosos e insistentes pedidos, o primeiro bispo de Curitiba, D. José de Camargo Barros, solicitou ao superior geral da Congregação da Missão, Pe. Antoine Fiat, padres poloneses para atender às necessidades espirituais do grande número de imigrantes no Paraná.

Os quatro primeiros Vicentinos poloneses a se instalarem no Sul Brasil foram: Pe. Boleslau Bayer, Pe. Hugo Dylla, Pe. Francisco Chylaszek e o Ir. Alexandre Wengrzyn. Eles chegaram ao Brasil em 1903 e se estabeleceram inicialmente na colônia Tomás Coelho, nos arredores de Curitiba. Com o passar dos anos novos Padres Vicentinos vinham da Polônia e assumiam paróquias, inicialmente no Paraná, mas depois também em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Entre 1903 e 1921 os padres poloneses da congregação trabalhavam no Sul do Brasil sob a direção de um superior regional. Em 1921 o superior geral da Congregação da Missão, Pe. François Verdier, de comum acordo com o visitador de Cracóvia, Pe. Kacper Słomiński, criou a vice-

província polonesa do Brasil. Em 1969, foi criada a província (Congregação da Missão Província do Sul), pelo superior geral Pe. James William Richardson.

Atualmente (2017), a Província do Sul dos Padres Vicentinos conta com 2 bispos, 70 padres e 1 irmão. Dos padres, 4 são poloneses e 66 brasileiros. A província desenvolve a sua atividade em 16 paróquias, 2 rádios e na TV Araucária e em 3 caminhões-capela da Pastoral Rodoviária. Além das paróquias, 2 padres dão assessoria aos Vicentinos Leigos (Sociedade de São Vicente de Paulo) em São Paulo e Minas Gerais e à Família Vicentina: Voluntárias da Caridade, Juventude Mariana etc.

O recurso da imprensa

Desde o início da sua presença no Brasil, os Vicentinos poloneses perceberam que a imprensa seria uma ferramenta extremamente útil para o seu trabalho na promoção da ação religiosa, mas também educativa e cultural.

Quando os religiosos dessa congregação vieram ao Paraná, existia em Curitiba um órgão de imprensa editado em polonês, chamado *Gazeta Polska w Brazylui* (Jornal Polonês no Brasil). Seu proprietário, o Sr. Leon Bielecki, católico, deixava o jornal à disposição dos padres para uma eventual comunicação com os leitores católicos. Em 1905 surgiu mais um jornal polonês, o *Polak w Brazylui* (O Polonês no Brasil), este um órgão de conteúdo radical, anticlerical, provocando animosidade entre o clero e os imigrantes poloneses aqui estabelecidos. Em 1908 o Sr. Leon Bielecki decidiu retornar definitivamente à sua pátria, a Polônia. Propôs aos padres a compra do jornal, mas eles não contavam com recursos financeiros para isso. Sob nova direção, O *Gazeta Polska* colocava entraves ao trabalho dos padres, igualando-se, às vezes, ao *Polak w Brazylui*, que em 1920 se encontrou em

precárias condições financeiras. Os padres Vicentinos aproveitaram a ocasião para entrar no campo cultural através da imprensa. Foi criada a Sociedade Editorial Lud, na qual os padres detinham a maior parte das ações.

A Sociedade Editorial Lud, naturalmente, adquiriu do *Polak w Brazylji* somente o material tipográfico, não a sua ideologia. Foi fundado um novo jornal, o *Lud* (O Povo), de orientação religiosa e que procurava definir os interesses do povo polonês em sua nova pátria, antevendo a política integracionista, mas sem olvidar a nacionalidade de origem, suas tradições culturais e sua índole religiosa. Em 1921 o Pe. Estanislau Piasecki assumiu a direção do jornal *Lud*, permitindo que as atividades socioculturais promovidas pelos padres tomassem novas direções.

Paralelamente ao *Lud*, foi criada uma revista mensal intitulada *Przyjaciół Rodziny* (Amigo da família), que circulou de 1923 a 1934. O *Lud*, por sua vez, teve uma vida mais longa. Inicialmente de edição semanal, de 1930 a 1940 era editado duas vezes por semana. Teve então a sua atividade interrompida em consequência da política nacionalizadora de Getúlio Vargas, que proibia toda e qualquer edição em língua estrangeira. Para compensar aos assinantes, prejudicados com o fechamento do jornal, a redação do jornal entrou em contato com a revista *Skarb Rodziny* (Tesouro da família), editada nos Estados Unidos, importando exemplares para suprir o período da anuidade paga.

O jornal voltou a circular somente após o término da II Guerra Mundial e a queda do governo de Getúlio Vargas. A nova Constituição brasileira, de 1946, não fazia qualquer restrição à imprensa em língua estrangeira. A oitava página do jornal passou a ser redigida em português a partir de 1955. A partir de 1968, também a sétima página era publicada em português.

A tiragem do *Lud* ultrapassou os 4 mil nos anos 1930-40. A média dos assinantes oscilava entre 3 mil a 3.600, até 1965. A partir daquela data, o número de assinaturas diminuiu sensivelmente, em decorrência, principalmente, da nova feição da colônia polonesa, constituída em sua maioria por filhos e netos dos imigrantes, que, naturalmente, já estavam bem integrados à nova pátria, inclusive no uso preponderante da língua portuguesa. Mesmo nessas condições o jornal perdurou por mais alguns anos, enfrentando crescentes dificuldades. Houve tentativas de prosseguir com a sua publicação, inclusive com a mudança do título para *Nowy Lud* (Novo Lud) e formato menor, mas, com a intensificação das dificuldades e a desvalorização da moeda, em 1999 o jornal encerrou a sua publicação, após longos anos de serviços prestados à comunidade polônica brasileira.

Os padres vicentinos editavam também almanaques anuais: a partir de 1922 o *Kalendarz Przyjaciela Ludu* (Almanaque do Amigo do Povo) e a partir de 1927 o *Kalendarz Ludu* (Almanaque do Lud). Esse almanaque anual, publicado até 1973, traz em seu conteúdo um farto e variado material referente à colonização polonesa no Brasil.

Em 1962 a redação do jornal *Lud* passou por uma remodelação, transformando-se na Gráfica Vicentina Ltda. (posteriormente Vicentina Gráfica e Editora), que se constituiu numa das fontes de renda da província. Esta empresa também enfrentou um período de dificuldades e acabou tendo o seu funcionamento interrompido em 2009.

Promoção da educação e cultura

Em contato com os colonos poloneses os Padres Vicentinos descobriram a existência de uma lacuna cultural. A assistência religiosa, somente, não era suficiente. Os colonos, engajados na tradição, logo após a construção de uma capela

ou igreja pensavam na fundação de uma escola para os seus filhos, com frequência agregada a uma sociedade, para a promoção dos seus interesses comuns. Os professores dessas escolas eram geralmente improvisados. Muitas vezes era escolhido para essa função simplesmente algum colono mais instruído. Não havia escolas brasileiras nas colônias polonesas, e o ensino, evidentemente, era promovido em polonês. Com o tempo, algumas delas passaram a ser bilíngues e contavam com professores que eram submetidos a cursos adequados. Os Padres Vicentinos assumiram seriamente a incumbência de organizar o ensino, construir novas escolas e formar professores. Vale a pena mencionar que já os primeiros Vicentinos poloneses vindos ao Paraná se preocuparam com isso: o Pe. Chylaszek fundou a escola de Dom Pedro II, e o Pe. Bayer abriu uma escolinha junto à igreja de S. Miguel, em Tomás Coelho, e nas colônias de Roça Velha e Lagoa Suja. Com o apoio desses padres, uma outra escola foi construída junto à igreja de Nossa Senhora das Dores pelo Sr. Pedro Fila.

Na realidade, houve a criação de um grande número de escolas desse tipo, espalhadas pelos três estados meridionais do Brasil, algumas de inspiração religiosa, outras de feição laica e até antirreligiosa. Essa ampla rede de escolas polonesas desenvolveu-se amplamente no Brasil, porém teve a sua atuação interrompida nos final dos anos 1930 pela política nacionalizadora do presidente Getúlio Vargas.

O surgimento da Polônia independente em 1918 e o estabelecimento das relações diplomáticas com o Brasil em 1920 consolidaram o movimento escolar e cultural em torno de duas correntes, tendo dado origem ao surgimento de duas instituições, que buscavam a promoção das escolas de acordo com os seus ideais. Em 1920, os defensores do ensino laico fundaram, em Curitiba, uma sociedade denominada Associação das Sociedades Escolares *Kultura* (Cultura). Logo

surgiu a reação, e em 1921 os Padres Vicentinos fundaram a Associação das Escolas Polonesas Católicas *Oświata* (Educação). Entre os fundadores da associação estavam os padres João Rzymelka e Estanislau Piasecki. No momento da fundação dessa associação, congregaram-se a ela 39 escolas – 22 dirigidas por leigos – com 920 alunos, e 17 dirigidas por religiosas – com 1.170 alunos, totalizando 2.690 alunos, além de 28 sociedades. As divergências entre os dois grupos diziam respeito principalmente ao ensino religioso nas escolas, que nas escolas orientadas pela *Kultura* era opcional e dependia da autorização da diretoria. As escolas congregadas na associação *Oświata*, sob a influência dos padres, consideravam o ensino religioso matéria obrigatória. A polêmica entre as duas facções encontrava eco nos órgãos de imprensa editados por ambas: *O Lud* (O povo) a favor das escolas católicas, e o *Świt* (Aurora) a serviço da *Kultura*.

A Associação *Oświata* teve de enfrentar grandes desafios. A formação de professores era uma exigência premente para a sobrevivência da Sociedade. Esse problema se agravou quando o português se tornou matéria obrigatória nas escolas particulares. A *Oświata* encarou a exigência com serenidade, selecionando professores, ministrando cursos de português, geografia e história do Brasil, além de matérias próprias constantes do currículo inicial. O curso preparatório de professores era intensivo e funcionava em horário noturno. A primeira turma, diplomada em 1923, compunha-se de 30 elementos. Esses cursos tiveram prosseguimento nos anos 1924 e 1925.

Em Curitiba, méritos inestimáveis para a educação apresentou o Ginásio Henrique Sienkiewicz, fundado em 1923 pelo verbista Pe. Teodoro Drapiewski. Nele trabalharam também o Pe. Estanislau Piasecki e o Ir. Alexandre Wengrzyn. Esse ginásio teve por vários anos como diretor o Prof. Modesto

Falarz. Importa mencionar que em Mallet, no Paraná, já funcionava, desde 1911, o Ginásio Nicolau Copérnico, este pertencente à ala laica e “progressista”. Em Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul, também funcionou nos anos 1928-1943 o Ginásio Ladislau Reymont, fundado graças aos empenhos do Pe. João Wróbel CM, do Prof. Ceslau M. Biezanko e outros.

No seu empenho pela organização do professorado, a *Oświata* também instituiu em 1924 o Círculo dos Professores das Escolas Cristãs no Brasil, que congregava professores leigos e professoras pertencentes a congregações religiosas femininas (Filhas da Caridade, Irmãs da Sagrada Família, Irmãs Bernardinas). No mesmo ano foi instituída uma “Escola Itinerante”, a cargo do Prof. José Stańczewski, que promovia cursos de aperfeiçoamento nas colônias, com grande benefício para a juventude.

Consciente de que a substância alimentadora da cultura é o livro, a *Oświata* destinou verbas à criação de um fundo para fins editoriais, fundação e manutenção de bibliotecas. Em seu décimo aniversário, a biblioteca central da *Oświata* possuía uma biblioteca de 3.217 obras. Em 1932, a *Oświata* instituiu um Fundo Editorial, para custear edições de livros didáticos e outros. Foi considerável o número de obras publicadas por essa Associação e pela redação do jornal *Lud*, figurando entre elas os manuais para o ensino da língua polonesa e portuguesa e os dicionários do Pe. José Joaquim Góral: *O Dicionário polonês português* (1927) e o *Dicionário polonês-português* (1930).

Em 1936 a *Oświata* ainda tomou a iniciativa de instituir a União da Juventude Católica Polonesa. Com esse objetivo a associação escolheu um delegado especial na pessoa do Pe. Juliano Janiewski, a quem foi confiada a tarefa de desenvolver a ação na área dos estados meridionais. Infelizmente, a

borrasca nacionalizadora impediu o desenvolvimento dessa associação.

As realizações da *Oświata* constituem-se numa contribuição inestimável para melhorar o nível cultural do imigrante ou do brasileiro de origem polonesa. Mas a Associação das Escolas Católicas *Oświata* também sofreu o impacto da ação nacionalizadora do presidente Getúlio Vargas e encerrou as suas atividades em 18 de julho de 1943.

Casa do Estudante (*Bursa*)

Em todas as assembleias da *Oświata*, os delegados reivindicavam que fosse aberto em Curitiba um internato que proporcionasse assistência aos jovens estudantes do interior. Em consequência disso os Padres Vicentinos, amparados pela *Oświata*, fundaram em 1923 uma casa do estudante ou internato, mais conhecido pelo seu nome polonês *Bursa*. A instituição abrigava jovens provenientes dos três estados meridionais que frequentavam escolas públicas de ensino médio ou superior. O interesse associativo da juventude crescia de intensidade, culminando com a realização do 1º Congresso da Juventude Católica Polonesa no Brasil, em 10 de janeiro de 1937. A Associação da Juventude Polono-Católica tinha ligação estreita com a *Oświata*, uma vez que os padres, orientadores da juventude, também dirigiam essa entidade. Todo contato entre a juventude e a *Oświata* era realizado por intermédio do Pe. Juliano Janiewski, delegado dessa associação para coordenar movimentos da juventude católica.

Entre 1923 e 1940 passaram pela *Bursa* 110 estudantes. Vários deles se tornaram médicos, dentistas, professores, advogados, engenheiros etc. Essa instituição lançou no “mercado social” muitos líderes beneméritos em diversos setores da vida social. Os diretores da *Bursa* foram: o Pe. Estanislau Piasecki no período 1923-1929 e o Pe. João Pałka no

período 1929-1938. A *Bursa* encerrou as suas atividades em 1938, quando foi fundado o Seminário Menor S. Vicente de Paulo.

Seminário e Faculdade

Ainda durante o funcionamento da *Bursa* alguns jovens se sentiram atraídos para a vida religiosa e, para se tornarem sacerdotes, foram estudar em Cracóvia, na Polônia. Mas as dificuldades do novo ambiente fizeram com que eles desistissem do primitivo propósito.

O Seminário Menor S. Vicente de Paulo começou a funcionar em 1939. No seu primeiro ano de funcionamento contou com 11 meninos provenientes dos três estados sulinos. Eles residiam no seminário e estudavam no Instituto Santa Maria, dos Irmãos Maristas. O seu primeiro diretor foi o Pe. Juliano Janiewski, que voltou à Polônia naquele mesmo ano por motivos de saúde. Nos anos seguintes a direção do seminário foi confiada aos padres Tadeu Dziedzic, Vítor Dewor e José Damek.

Em 1943 os seminaristas deixaram de estudar no Instituto Santa Maria e passaram a ter aulas no próprio seminário, que para isso foi ampliado em 1947. Com o passar dos anos o número dos seminaristas ia aumentando, o que levou a Congregação da Missão a construir um seminário mais amplo em Araucária, que foi inaugurado em 1954.

O número de seminaristas variava entre 40 e 120 durante os anos de 1956 a 1960. Nos anos seguintes o número oscilava entre 130 a 160. O recorde foi atingido em 1971, quando o número de seminaristas chegou a 178.

Com a abertura do seminário em Araucária, o seminário menor, em Curitiba, passou a ser seminário interno e maior. Antes de ser aberto o seminário maior em Curitiba, os primeiros candidatos foram enviados a Paris, à Casa Mãe dos

Padres da Congregação da Missão, para a conclusão dos estudos filosóficos e teológicos. Em 1947 partiu o primeiro grupo e em janeiro de 1949, o segundo grupo. Foram enviados seis candidatos, mas destes apenas dois foram ordenados sacerdotes: o Pe. Lourenço Biernaski em 1954, em Dax, e o Pe. Domingos Wisniewski em 1955, em Paris.

O Curso Clássico no Seminário Maior, em Curitiba, foi inaugurado em 1953. Em 1964 esse curso foi transferido para o Seminário Menor em Araucária, e o noviciado ficou para ser feito somente depois do Curso Clássico, e não logo após o término do curso ginásial, como ocorria anteriormente.

Os seminaristas maiores realizavam os estudos de filosofia e teologia no Instituto dos Padres Capuchinhos, no Instituto dos Padres Franciscanos (Convento Bom Jesus) e no *Studium Theologicum* dos Padres Claretianos.

Mais tarde, os Padres Vicentinos fundaram o Instituto Vicentino de Filosofia (IVF), que funcionou nos anos 1980-2006 e pelo qual passaram aproximadamente 3.300 estudantes, de 53 diferentes instituições religiosas, além de estudantes leigos. Esse Instituto deu origem à atual Faculdade Vicentina (FAVI), que em 2007 abriu as suas atividades com o curso de Filosofia, mas no mesmo ano ampliou as suas atividades para um Curso de Especialização em Espiritualidade e em 2008 abriu o Bacharelado em Teologia. Além dos cursos de Filosofia e Teologia, a FAVI também conta com diversos cursos de especialização, os quais já formaram mais de 2.500 alunos nos últimos dez anos. Comprometida com a promoção social, oferece cursos de extensão em parceria com outras instituições.

O seminário é por definição um estabelecimento de ensino que habilita para o sacerdócio. Contudo, observa-se nessa área de atuação dos Padres Vicentinos que somente uma pequena parcela dos seminaristas (tanto menores como

maiores) enveredou por esse caminho. Para um observador superficial, isso poderia ser interpretado como uma marca de insucesso. Entretanto, da mesma forma que no caso da *Bursa*, um grande número daqueles que tiveram acesso ao ensino e à educação dentro dos muros do seminário passou a ocupar dentro da sociedade funções de destaque nas áreas mais variadas da atividade humana, levando adiante e espalhando as sementes da elevada formação intelectual e humanística a que ali tiveram acesso.

E os ex-seminaristas certamente não se esquecem disso. Uma prova disso é que no dia 14/04/1998 foi fundada a AFAVI – Associação da Família Vicentina, uma associação privada congregando ex-seminaristas da Congregação da Missão, que procura preservar esse vínculo com ela, ao mesmo tempo em que desenvolve ações de cunho social. A AFAVI tem a sua sede na paróquia de Santa Cândida (Rua Padre João Wislinski, 755), em Curitiba.

Por sua vez os padres formados demonstraram uma atuação significativa em áreas diversas, mesmo fora da Congregação. Merecem destaque também os quatro que se tornaram bispos: Dom Izidoro Kosinski, Dom Domingos Wisniewski, Dom Ladislau Biernaski e Dom José Carlos Chacorowski.

Arquivo Polônico

Os Padres Vicentinos deixaram a sua história em registros escritos que são hoje fontes preciosas para o estudo das suas realizações, mas também para o estudo da história da imigração polonesa no Brasil. Alguns deles, como o Pe. João Pitoń, demonstraram uma preocupação especial com essa preservação da memória histórica.

Um grande acervo de documentos e publicações nessa área se encontra guardado no Arquivo Polônico na Casa

Central dos Padres Vicentinos em Curitiba. Esse arquivo, hoje sob a supervisão do Pe. Lourenço Biernaski, é um tesouro inestimável para os pesquisadores e os estudiosos da história da imigração polonesa no Brasil.

Uma prova disso é que nos últimos anos a Universidade de Varsóvia tem enviado professores e arquivistas para digitalizar e colocar o arquivo na internet, preservando assim o acervo e tornando possível o acesso aos documentos para pesquisas.

Conclusão

Os milhares de imigrantes poloneses que aportaram ao Brasil atraíram também um grande número de religiosos e religiosas que vieram realizar em terra brasileira a tarefa básica da sua missão: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura!” (Mc 16,15). Eles têm cumprido essa missão literalmente e de forma variada, de acordo com o carisma específico que norteia sua vida e ação. Coube aos Padres Vicentinos de raízes polonesas uma parcela significativa dessa ação, e nesses 115 anos eles se têm mostrado capazes de promovê-la em diversas áreas, inclusive no campo educacional e cultural, com competência e eficácia, pelo que se tornam merecedores da profunda homenagem e gratidão da comunidade polônica brasileira.

Bibliografia:

BIERNASKI, Lourenço. **Quem foram, o que fizeram, esses missionários...** Curitiba: Gráfica Vicentina Editora, 2003.

PAŁKA, Jan. Trzysta lat zbożnej pracy polskich księży misjonarzy. **Kalendarz Ludu 1951**. Curitiba, 1951, p. 19-24.

PITONÍ, Jan. Związek Oświata. **Kalendarz Ludu 1971**. Curitiba, Gráfica Vicentina Ltda., 1971, p. 171-190.

SZERŁĄG, Aleksander. Starania o polskich księży 65 i 60 lat temu. **Kalendarz Ludu 1957**. Curitiba, 1957, p. 42-48.

VV. AA. **75 anos de presença dos Padres Vicentinos**. Curitiba: Gráfica Vicentina Ltda., 1978.

WACHOWICZ, Ruy C. As escolas da colonização polonesa no Brasil. **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. Vol. II. Curitiba: Imprimax Ltda., 1970.

RESUMO – STRESZCZENIE

Od połowy XIX w. tysiące emigrantów polskich przybyłych do Brazylii dały początek w tym kraju licznej i prężnej wspólnocie polonijnej. W nowym środowisku i w nowej ojczyźnie starali się oni przechować swoją tożsamość religijną i kulturalną. W tym względzie mogli liczyć na pomoc i wsparcie polskich księży i polskich siostr zakonnych, którzy podążając ich śladami rozwinęli swoją działalność w Brazylii. Artykuł eksponuje działalność polskich Księża Misjonarzy św. Wincentego a Paulo w trzech południowych stanach brazylijskich (Parana, Santa Catarina i Rio Grande do Sul). Ich pierwsza grupa przybyła do Brazylii w 1903 r. W następnych latach przybywali nowi księża z Polski. W 1921 r. utworzyli oni w Brazylii swoją wiceprowincję a w 1969 r. tzw. Południową Prowincję Księża Misjonarzy, obecnie już z przewagą księży Brazylijczyków. Podczas swojej 115-letniej obecności, ci Księża Misjonarze o polskich korzeniach rozwinęli w południowej Brazylii szereg znaczących akcji, nie tylko religijnych, ale również oświatowych i kulturalnych.

DO PASSO INCERTO À REMADA IMPERFEITA*

*Luciano FIALKOWSKI ***

*Não há lugar, não há pousada para o ser
Vamos ao confim, que é para onde nos move
O que nos falta. Na distração a medida.
O que encontramos, senão os
restos de tudo na
Palavra?*

Introdução

Inventar nomes. Criar imagens do vivido, esse pode ser o passo do fazer literário, quando nos dispensa conhecer o passo da origem, trazendo ao leitor a experiência da incompletude e do infinito. A perfeição que falta à existência, eis o espaço onde brota a ficção, o romance, o conto, e a que mais se aproxima de seu complemento, a poesia. Criar cenários para o passo humano, vivido, mas não percebido, que

* Este texto foi apresentado pelo autor durante VI Vitrine Literária Polônica do Brasil realizada aos 22 a 22 de outubro de 2017 em Curitiba-PR.

** Neto de imigrantes poloneses. Nasceu em Dois Vizinhos-PR. Mestrado em Educação pela UFRGS, sobre alfabetização poetizada. Psicoanalista e poeta, pesquisa e escreve sobre a polonidade e o sentido de seu pertencimento a uma etnia. Endereço eletrônico do autor: lucianopoet@gmail.com

retorna pela forma literária, e nomeá-lo, onde coabitam o falso e o verdadeiro, o luxo e a escória, realidade e ficção, a alegria e o desalento, ao colocar em marcha o ser, impedindo que se congele ante o susto de existir. É nesse sentido que se diz que a palavra é mágica, desde seu cavernal início. Capaz, por exemplo, de recriar a condição mais ínfima e frágil de uma serpente como a mais perigosa e temida e, a partir daí, a palavra serpente carrega o sentido que lhe foi dado, escondendo em suas letras o signo da traição, da tentação, do pecado, do ardil, do horror, ou simplesmente sendo lembrada em seu mundo sem som, que é hora em que o ser se encontra com o horror do que seria ele viver num mundo sem a palavra. Cultivemo-la.

Mundo Concreto

Os primeiros habitantes derivados de terras europeias, identificados como poloneses, se estabeleceram no Sul do Estado do Paraná, por volta do final do século XIX. Em pequenas colônias onde, em meio a seus labores, cultivavam seus valores e costumes, e continuaram a falar a língua, seja em casa com seus filhos, nos encontros religiosos, com seus padres vindos especialmente para esse fim, seja no ensino das escolas, com as aulas dadas naquela língua e festas comemorativas, sempre com música e cânticos em polonês.

Em seu cotidiano, de predomínio da atividade agrícola, a população passou a se defrontar com o problema do ataque de serpentes venenosas, que causavam, inclusive, muitas mortes. Através da gestão de entidades públicas da época, foi desenvolvido um projeto em parceria com o Instituto Butantã de São Paulo, para fornecer soro antiofídico. Porém, a grande quantidade exigida pelas comunidades levou

o Instituto a distribuir gaiolas para captura dessas serpentes vivas. Em troca, recebiam o soro, fator que resolveu o problema a um só tempo para ambos. Acontecimentos como as mortes, seguidas depois por essa ação solidária, entraram para o discurso e para a história¹. Mas, teve também outra consequência indireta: o mundo de dentro da comunidade, ainda concentrado, quase uma extensão do que viviam na Polônia, seu país de origem, finalmente se abriu, tal a ruptura de uma placenta, para o mundo de fora. De certa forma, foi aí que aconteceu o parto daqueles europeus, agora brasileiros – momento em que o imigrante se viu atravessado pelas águas entre sua cultura e língua, bifurcando-se àquelas que vinham atender ao espírito da nova terra, e assim produzindo o colorido dessa mistura, com a qual hoje nos regozijamos, enquanto descendentes, gerações depois daquele momento. Somos, na vitrine do tempo, os polônicos da hora brasileira.

Mundo Abstrato – Reflexos da Existência

De costas para tudo o que se sucede, a serpente só tem a língua bifurcada, com sensores para detectar, e só pela frente, tudo o que pode lhe devorar (predador), quanto o que permite que sobreviva (sua presa). A serpente, assim dividida, resume sua presença na natureza: entregue às circunstâncias, que indicam se avança ou recua, se ataca ou se aquieta. Nessa lista de tão poucas opções perante a vida, qualquer uma se sustenta num fio de navalha, por onde se desloca de barriga, e traça sua trajetória, sem dar tempo de se tomar por trágica. Equilibrada nesse fio, faz dessa lâmina também seu ponto de repouso, sob pena de ser dilacerada por ela mesma, entre essas duas possibilidades. É desse lugar misterioso também, que nos

¹ Não sabiam, no entanto, que essa atitude viria a se chamar, no tempo, de ‘ecológica’.

revela sobre o engano, quando a associamos ao mitológico medo humano por serpente. Pois não é exatamente dela que temos medo, mas, por vê-la tocar no fio de navalha onde assenta sua (nossa?) Existência e por onde se realiza ou sucumbe em seu-ser-de-ser-serpente-sem-saber, em oposição ao saber sobre a morte, que abrevia o tempo humano de mesma duração e eternidade. Ela nos ensina sobre esse andar por um fio, venenoso, cortante, enquanto lado assustador da existência e da brevidade da vida. No entanto, não encontramos uma sequer que não se encontre, antes de tomar qualquer um dos lados, em completo estado de repouso – um saber que possui muito antes do primeiro mestre zen, muito antes do primeiro bote. O que sabe ela sobre uma realidade, que exsuda horror, e a cada movimento seu, sem que se mova, a não ser no ponto exato de ser atacada ou de caçar, porém sem nunca sofrer por antecipação? Para não se desgastar, confunde-se com o próprio fio por onde desliza e assim, sua lâmina invisível nem sonha a hora em que algo de si vai se perder, sua peçonha, na direção de supri-la ante sua fome. O caminho que se abre, é tudo o que não se sabe – e novamente a coloca, de sangue frio, entre a quietude da espera e o movimento, como a resposta instintiva de um passo.

Mar ...

O que é um passo? Alguém aí saberia responder? O que é uma remada? Sabem? Os imigrantes poloneses para acessarem a um novo mundo, decidiram-se por um passo. E, por uma remada, atravessaram os mares. Porém, imersos no alvoroço da travessia, nunca puderam saber o que é um passo. Mergulhados com suas fibras em seus remos, nunca souberam o que seja uma remada. Para dizer que é na distração que

acontece o passo e no respirar que toma força a remada. Na distração do passo o instante em que a sorte é lançada.

Passo e remada foram, antes, pedra monolítica à beira de um precipício junto ao rochedo (Europa). Que ao se encher de um desejo, se parte em duas para criar movimento e se bifurca. Essa pedra inaugural do passo e remada torna-se, entre as pedras frias do eterno rochedo que permanece, a pedra que se esqueceu que é pedra, se aqueceu, se rompeu para se perder de passo no abismo, por se lançar incompleta, desde o porto, no espaço incerto, quando se transforma em força e energia que transporta. E agora no oceano, um pêndulo que não pensa em retorno, simplesmente se lança e se torna flecha exposta ao tempo, a empurrar a esperança para algum desfecho.

Os polônicos, descendentes e resultantes do passo e da remada, receberam e são ao mesmo tempo, esse passo e essa remada, através da qual, só depois que aconteceu, viram-se humanidade – falantes entre línguas. Por serem eles o destino do passo e remada ante novos abismos para o ser. São a herança de um passo dado, e da remada perfeita que não se sabe. Que por eles prosseguiu, sempre almejando um saber sobre o passo e a remada que os funda – é isso que se abre como uma questão, quando os descendentes se colocam como tal, num país multirracial, de tantas diferentes origens. Seríamos, aqui nesta VI Vitrine, os que, distraídos, em reencontro buscando tocar na superfície ainda quente do passo daquelas gentes em desembarque? Onde estarão? De onde vieram, naquele pretérito ‘agora’ sem saber? Como inventaram essa Saga, ou se foram mesmo precipitados a colocarem-se em remos por uma contingência, forjada em

atropelo nas veias da existência e terem que dar outro destino ao precipício a que foram lançados?

O que lhes resta, aos descendentes, assim incompletos? Serem apologistas daquele passo, se já foi dado e não sabido, tornando-se assim inertes ao devir? Serem apenas o eco da dor da remada que separou mundos, corações e épocas, sempre na expectativa de um sobressalto trágico? Serem apóstatas, de costas ao desconhecerem ou negarem que são fruto de um passo? Ou serem os que promovem o ser de humanidade que carregam, sabendo de sua diferença, para afirmá-la entre tantas, em cálido convívio com a herança de sua gente, em afazer, sonho, arte e vida?

Resistência

Um novo mundo pode ser um veneno, para quem, no conforto do poder e da posse, já não se dispõe ao passo. Porém, quando se trata de sobrevivência, é um remédio, embora amargo. No depois, alguns podem ficar no deslizar por queixas, mal-estar, que os lança ao notívago bote do trágico, outra direção para o mesmo navio sem volta. E ali, o que desfila é o abandono, o desamparo, a solidão. Nenhuma história. Nem um saber se constrói – perde-se o sonho no vacilo errático do bote. Desfaz-se por si mesma, e todas as opções se reduzem quanto a sua transmissão, porque simplesmente não há o que transmitir.

Outros, porém, fiam no sonho que se produz, na noite de quem dorme sobre o fio, que se desdobra em movimento, a partir do vínculo com o passo incompleto ancestral, e a propulsão que os move, com seu remo deixando para trás todo sofrimento da origem, porque não mais lhe pertence. O

mundo que lhe foi mostrado é o de sempre: em falta, incompleto, a ser recriado, decifrado e operado, costurado com as fibras do seu ser. E aqueles valentes de quem herdaram o passo e a remada, estarão a fluir e influir, desde o vapor de sua remota aposta, passo dado, chegada incerta e andança incompleta – para finalmente estar presente em seus sobrenomes (embora muitos perdendo letras), na lógica que rege seu pensamento, no espírito que integra a transcendência ao vivido cotidiano, basta que sigam pelo fio, o laço que os une ao mesmo barco que, afinal, é por onde, na distração, se dão todas as partidas e acontecimentos para o ser.

Ouvimos histórias. Passagens que podem vir a se tornar discurso e texto literários. Contos, romances, ensaios, poemas, são formas que sequenciam o que permite a existência vívida do passo incerto e da remada imperfeita a se perpetuarem em seus efeitos – e, especialmente aqui levando consigo o traço polonês – para sua distração, em novos quadros da composição simbólica, em cada novo ser que passar ou se cruzar com a sua pertença.

...Era uma vez, certo imigrante europeu, lidando com cobras vivas, num mundo em que o passo se confunde com a própria vida tentando agarrá-la pelo seu antídoto, e os remos à deriva esquecidos na mesma correnteza... Assim poderia se iniciar um texto literário, ou um convite para que surjam novas obras entre os que se decidem pelo passo da escrita, remando ou rimando com as letras no tempo. Seja como for, para que isso aconteça, alhures estaremos também, em diferentes endereços desse traço original, distraídos ao incompleto e ao imperfeito.

Artigos

Não há lugar, não há pousada para o ser

Vamos ao confirm, que é para onde nos move

O que nos falta. Na distração a medida.

O que encontramos, senão os restos de tudo

Na Palavra?

Cuidado com as cobranças!

Dziękuję bardzo!

RESUMO – STRESZCZENIE

Tekst porusza, początkowo, nieco z historii Polaków w Brazylii, skupiając się na aspektach świata konkretnego i świata abstrakcyjnego (ponownego) istnienia istoty polonijnej. Głównym celem jest przechadzanie się, poprzez dialog poezji i literatury, po tych światach, w których imigranci i Brazylijczycy potomkowie Polaków budują swoją historię, przechowują swoją kulturę oraz – jeden z głównych elementów swojej spuścizny – język. Impreza pt. „Literacka witryna polonijna w Brazylii” stanowi jedno z najważniejszych wydarzeń, które się przyczyniają do tego, by takie dialogi mogły być ustanowione, umożliwiając przewartościowanie kultury polskiej w Brazylii.

PATRIMÔNIO CULTURAL POLONÊS: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES CRIATIVAS

*Schirlei Mari FREDER**

*Mario PROCOPIUCK***

*Mayara BORMANN AZZULIN****

1. INTRODUÇÃO

O Brasil resulta de formação multiétnica que se expressa em códigos culturais diversos apropriados pelo patrimônio cultural nacional, a exemplo daqueles códigos que permitem a organização de territórios urbanos sob a influência de diferentes grupos que, por meio de seus saberes e de sua cultura, atribuem identidades a lugares e formam paisagens urbanas específicas (SLODKOWSKI 2009). Nesses contextos, a riqueza do patrimônio material e imaterial vinculada à cultura, se profundamente compreendida e habilmente utilizada coletivamente, pode abrir importantes perspectivas

* Schirlei Mari Freder, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: schirlei.freder2@gmail.com

** Mario Procopiuck, professor do Programa de Pós-graduação em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: mario.p@pucpr.br

*** Mayara Bormann Azzulin, estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo e bolsista de iniciação científica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: mayarabormann@gmail.com

para novas bases de desenvolvimento pautadas na ideia de cidades criativas.

Para compreender o patrimônio gerado por grupos sociais locais é possível fazê-lo pela memória coletiva, reconstituindo comportamentos e costumes historicamente formados para compreender de modo contextualizado as características, o status e a função na sociedade de agentes implexos em diferentes regimes políticos vigentes ao longo do tempo. Em mudanças de regime político determinados eventos que já estavam cristalizados na memória seletiva tendem a ser filtrados e reinterpretados, dando origem a novas formações coletivas (KYRYDON 2013, p.58), o que pode ser lido a partir das diferentes funções que as cidades exerceram ao longo de décadas para gerar especificidades territoriais resultantes da institucionalização de condicionantes políticos, sociais e econômicos (NOLASCO 2002, p.58-59).

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é levantar e compreender as contribuições da etnia polonesa para a configuração das cidades brasileiras de Itaiópolis, no Estado de Santa Catarina (SC) e Guarani das Missões, no Estado do Rio Grande do Sul (RS), ambas na região Sul do Brasil, observando a configuração dos seus espaços e territórios desde a chegada dos primeiros imigrantes no final do século XIX, passando pela grande urbanização brasileira na década de 1970, até os dias atuais.

2. AS CIDADES CRIATIVAS

Tradicionalmente, grande parte dos setores econômicos que contribuíram para as transformações ocorridas no século XIX teve sua base na indústria tradicional, que se utilizou de matéria-prima tangível e finita em processos de transformação. A nova economia, especialmente aquela

vinculada à indústria criativa, diferencia-se por utilizar como matéria-prima a criatividade e o conhecimento para gerar novos produtos e serviços (ISAR 2008, p.80-81). Com recursos infinitos e menos susceptíveis à escassez, a criatividade e o conhecimento têm reestruturado sistemas econômicos das sociedades com bases na economia criativa, principalmente em face do declínio industrial e da emergência de novas relações econômicas pautadas na dimensão do intangível. Em primeiro momento, novas estratégias concebidas nessas bases passaram a ser utilizadas em políticas de desenvolvimento urbano, especialmente em cidades que sofreram impactos com a desindustrialização. Na atualidade, bem além de enfrentar os desafios de revitalização de espaços urbanos, a economia criativa assume relevância crescente quando se trata de desenvolvimento sustentável.

Iniciativas que envolveram a regeneração urbana podem ser ilustradas com a criação de bairros ou *clusters* culturais e de turismo em contextos urbanizados. Porém, como proposto pela Comissão Europeia (1999), o interesse também se estende para a revitalização de pequenas e médias cidades a partir da identificação de características e potencialidades para o desenvolvimento de ações vinculadas à cultura e ao turismo. Entre tais iniciativas estão, por exemplo, aquelas voltadas para revalorizar patrimônios construídos, o regionalismo e o localismo (FERREIRA 2013, p.35). Nesse contexto de reativação e de mobilização de centros urbanos para novas perspectivas, a economia criativa surge com significativas potencialidades para, a partir de recursos intangíveis locais, abrir novos caminhos para o desenvolvimento local sustentável.

Em um contexto abrangente e voltado para a geração de resultados tangíveis, a ideia de cidade criativa vem sendo desenvolvida para associar a dinâmica socioeconômica das

idades às atividades culturais que lhes são próprias, a partir do fomento ao desenvolvimento do potencial criativo de diferentes agentes que desempenham suas atividades em espaços e contextos urbanos (UNCTAD 2010, p.12-19). No campo conceitual, o termo cidade criativa perpassou por várias etapas ao longo das últimas décadas. O ponto de partida ocorreu nos Estados Unidos, na década de 1980, representado pela contribuição da classe artística preocupada com a valorização econômica para suas criações. Depois de alguns anos, iniciativas como essas surgiram no Reino Unido e na Austrália e, os anos 1990, se expandiram também para regiões da Europa. Isso tem tornado claros os sinais de que a classe artística passou a ocupar papel central para que uma cidade pudesse ser criativa (LANDRY 2011, p.7-9). Em sentido amplo, as classes artísticas incluem, por exemplo, os profissionais que atuam no desenvolvimento de soluções tecnológicas, em criações culturais, na produção de artesanato etc.

O termo “cidade criativa” pode ser visto, portanto, como um projeto político que possa permitir que os cidadãos que ali vivem possam usufruir de um ambiente tolerante e livre para escolher seu estilo de vida (VIVANT 2012, p.23).

Para o caso das cidades criativas, Landry (2010, p.13-14), aponta para as perspectivas que envolvem uma cidade criativa: (a) como infraestrutura artística e cultural de suporte ao segmento artístico e cultural e também com infraestrutura institucional que seja adequada à área; (b) como economia criativa, no sentido de incentivar as artes, o patrimônio cultural, as indústrias da mídia e do entretenimento; (c) sinônimo de uma classe criativa – quando a sociedade estimula um novo sistema centrado no ser humano e não mais num sistema centrado no corporativismo, além do investimento das cidades em alta tecnologia – deve ter como

fundamental a preocupação com a oferta de diversificadas experiências culturais; (d) fonte de estímulo à cultura da criatividade, no sentido de ir além da preocupação em atender aos requisitos anteriores para compreender a cidade como um sistema que integra várias organizações (setor público, privado e comunitário), que se inter-relacionam e desenvolvem ações conjuntas na busca das melhores soluções (LANDRY 2010, p.13-14).

Para Strickland (2011) o turismo é um fator importante que formará a cidade criativa, porque este fator será “definido por meio das pessoas, ideias, culturas e experiência, e atribuirá essas características às pessoas ou aos mercados [...] trazendo consigo seus valores crenças, ideias e visões de mundo”. Para o autor, nas economias cada vez mais interdependentes, compartilhar riqueza, cultura e ideias faz parte da cidade do futuro. Sendo assim o turismo contribuirá com as mudanças que ocorrerão em todas as instâncias, quer seja no governo ou na comunidade, e também será proativo no sentido de influenciar o desenho da cultura no desenvolvimento na cidade do futuro (STRICKLAND 2011, p.53).

As perspectivas inovadoras da ideia de economia criativa e de cidades criativas são fundamentais no presente trabalho para captar a dinâmica produzida e reproduzida nas cidades de Itaiópolis/SC e Guarani das Missões/RS, a fim de compreender como tais cidades utilizaram instrumentos de gestão urbana e de políticas públicas para apoiar manifestações étnicas e preservação de patrimônio histórico e cultural da etnia polonesa.

3. METODOLOGIA

A pesquisa possui natureza exploratória, permitindo, assim, aproximação e familiarização com o

problema e abrindo possibilidades de aprimorar ideias e de gerar hipóteses (GIL 2002, p.41). A abrangência da pesquisa, conforme demonstrado na Figura 1, é constituída das cidades de Itaiópolis, localizada no Estado de Santa Catarina (SC) e Guarani das Missões, localizada no Estado do Rio Grande do Sul (RS), ambas na região Sul do Brasil e com forte incidência de poloneses.

Figura 1 - Mapa das localizações geográficas dos municípios de Itaiópolis e Guarani das Missões



Fonte: Os autores, 2017.

Desse modo, para compreender de que maneira a etnia polonesa contribuiu para a configuração dessas cidades foram definidos os objetivos geral e específicos descritos no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Objetivos de pesquisa

Objetivo geral	Compreender as contribuições da etnia polonesa para a configuração das cidades brasileiras de Itaiópolis/SC e Guarani das Missões/RS
Objetivos	1. Levantamento documental do patrimônio material e imaterial para manutenção e/ou

específicos	<p>preservação de patrimônio histórico da etnia polonesa;</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. Levantamento dos equipamentos urbanos, monumentos históricos, expressões populares, festividades e celebrações que contenham a representação étnica e simbólica da cultura polonesa; 3. Elaboração de documento descritivo para as duas cidades brasileiras; 4. Análise contextual dos dados coletados para explicitar cenários e delinear perspectivas sobre as políticas culturais (material e imaterial) associadas à etnia polonesa no âmbito das cidades criativas..
--------------------	--

Fonte: Os autores

As etapas iniciais se constituíram de uma revisão bibliográfica acerca de cidades criativas e patrimônio cultural. No campo empírico, por meio de pesquisas nos websites das prefeituras foi realizada pesquisa acerca da legislação dos municípios, como componente de condicionamento político, e também de elementos que pudessem demonstrar as expressões do patrimônio cultural, material e imaterial, ao longo do tempo.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nas duas primeiras subseções que seguem são apresentados dados e as análises realizadas em relação às duas cidades e, subseqüentemente, são apresentados os resultados globais do estudo.

4.1 GUARANI DAS MISSÕES, RIO GRANDE DO SUL

O município de Guarani das Missões foi fundado em 27/05/1959, sendo colonizado principalmente por suecos, poloneses, italianos, alemães, russos, portugueses, austríacos, espanhóis, ucranianos (IBGE 2017). Essa formação policultural associada com o ritmo do mundo em processo de globalização, por um lado, tende a gerar a elisão das bases da cultura de determinada etnia, mas, por outro, desperta a necessidades de intervenções por meio de políticas públicas para a preservação e resgate de valores culturais (SLODKOWSKI e HEIDRICH 2011). Nesse sentido, no presente trabalho, são importantes os esforços para a caracterização de simbologias, signos e códigos culturais materiais e imateriais que se fizeram presentes ao longo do tempo especificamente relacionados à cultura polonesa.

Historicamente, a escolha dos poloneses por Guarani das Missões decorreu da recomendação direta do clero católico, representado pelo Padre Cuber, no *Kalendarz Polski* (Calendário Polônês), no ano de 1898:

Levando em conta condições tão vantajosas, a Colônia de Guarani deverá tornar-se o ponto de convergência para todos os imigrantes poloneses que estão espalhados entre outros grupos étnicos, porque lá, entre estranhos, estão expostos ao perigo, muito natural, de perderem as características de sua nacionalidade; no entanto aqui, unidos por condições tão favoráveis, poderão fundar um núcleo permanentemente típico, tendo comunicações fáceis com as demais colônias do Estado do Paraná [...] aqueles poloneses espalhados entre estranhos; para esses seria de bom alvitre e conforme a oportunidade, a venda de suas propriedades a sua mudança para Guarani (CUBER, 1975, p. 40 apud KRAVCZYK, 2013).

Com isso, o Padre Cuber incentivou para que se estabelecesse um polo da cultura étnica polonesa, como Capital Polonesa dos Gaúchos, o que foi oficializado em 2009 (CUBER, 1975, apud KRAVCZYK, 2013).

Ao longo do tempo, a cidade, mesmo recebendo a influência de outras etnias, conseguiu preservar significativos elementos da expressão cultural polonesa, conforme apontado no Quadro 1.

Quadro 1 – Quadro síntese da análise da cidade de Guarani

Tipo de expressão cultural	Síntese de indicativos do cumprimento do objetivo
Patrimônio Material	Arquitetura: Portal da Cidade; Incentivo Fiscal: isenção de impostos para construções e reformas em construções típicas polonesas, por meio da Lei 2399/2009.
Patrimônio Imaterial	Festividades: Polfest; Ensino do idioma polonês, nas escolas municipais, desde 1997; Religiosidade e símbolos religiosos: estátua em homenagem ao Papa João Paulo II; Santuário da Nossa Senhora de Czestochowa, padroeira da Polônia; Artesanato: utiliza técnicas e tipologias tradicionais polonesas; Trajes típicos: confecção de roupas típicas e as danças folclóricas.

Fonte:
Os autores.
das Missões - RS

4.2 ITAIÓPOLIS, SANTA CATARINA

A cidade de Itaiópolis reúne uma vasta gama étnica e os registros apontam que os primeiros colonos chegaram em 1891 e eram de origem inglesa. Logo em seguida foram os imigrantes de diferentes regiões da Europa. Nesse cenário migraram cerca de cinco mil poloneses por conta da lei criada na época pelo governo imperial. Na política imperial havia previsão de que o imigrante fosse alocado em determinado estado (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo), beneficiando-se com facilidades para aquisição de um lote de terra, animais, sementes e mantimentos (JUNIOR, 1960). Como decorrência dessa política, a colonização de Itaiópolis foi marcada pela presença de imigrantes poloneses, que formaram o povoado onde hoje se localiza a cidade, que conquistou a emancipação em 1918.

Na atualidade, Itaiópolis conta com sua população concentrada nas áreas rurais. Os principais setores produtivos da região são da agropecuária e os serviços de ordem secundária, mostrando que as principais empresas geradoras de empregos são as microempresas. Esse perfil da cidade foi reforçado pela lei do plano diretor de Itaiópolis, nº 7/2008, que proibia a formação de conjuntos urbanos em áreas rurais e valorava medidas para o desenvolvimento rural. As atividades turísticas eram incentivadas, mas sob o crivo do Conselho da Cidade, formado por 14 membros da sociedade civil e política, com finalidade de fiscalizar, avaliar e validar programas de políticas públicas locais.

A preservação da cultura local tem sido reforçada no município com o apoio do Programa Santa Catarina Rural, que traz incentivos para a exploração do turismo dentro das propriedades. As ações que apoiam o Turismo Rural na Agricultura Familiar (TRAF) contam com o envolvimento da

população, tendo como ideia fundamental o turismo pedagógico e apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). No Quadro 2 é apresentada a síntese da análise do município.

Quadro 2 – Quadro síntese da análise da cidade de Itaiópolis -

Tipo de expressão cultural	Síntese de indicativos do cumprimento do objetivo
Patrimônio Material	Arquitetura: Sede da Prefeitura Municipal; Igreja de Santo Estanislau, tombada pelo IPHAN em 2007; Incentivo Fiscal.
Patrimônio Imaterial	Festividades; Ensino do idioma polonês, nas escolas municipais, desde 1997; Artesanato: utiliza técnicas e tipologias tradicionais polonesas; Grupo Folclórico: <i>Więzy Polskie</i> ; Artesanato: <i>pisanki</i> .

Fonte: Os autores
SC

Em relação à jurisdição relacionada ao patrimônio em Itaiópolis, a Lei Orgânica nº 03/1990, no art.156, do inciso IV, determina que é de responsabilidade do município proteger documentos, obras, bens de valor histórico, artístico e cultural, monumentos e paisagens naturais, como os sítios arqueológicos no âmbito federal e estadual, e deixa a cargo do poder público realizar os tombamentos.

5. CONCLUSÃO

Nos municípios estudados foi identificada a presença de importantes de contribuições da etnia polonesa, como, por

exemplo, na tipografia construtiva e na vivacidade atual dos imateriais culturais: arte, música, tradições e costumes. Esses traços representativos da influência polonesa no *modus vivendi* de comunidades nas cidades estão enraizados de maneira suficientemente forte, que permite caracterizar comunidades singulares em diferentes espaços geográficos. No contexto da vida rural, também são fortes os traços culturais representados, como, por exemplo, a utilização do idioma polonês.

Algumas dificuldades foram encontradas devido à escassez de informações, possivelmente por deficiência de meios para divulgação, e também pela ausência na sistematização de dados vinculados à etnia polonesa.

De modo sintetizado, os resultados do cumprimento dos objetivos específicos desse estudo são apresentados no quadro a seguir:

Objetivos específicos	Síntese de indicativos do cumprimento do objetivo
Levantamento documental do patrimônio material e imaterial para manutenção e/ou preservação de patrimônio histórico da etnia polonesa;	Foram encontrados instrumentos de gestão urbana em Guarani das Missões, na Lei 2399/2009; e em Itaiópolis/SC na Lei Orgânica 03/1990 em ambos os municípios, as legislações foram encontradas nos sites das prefeituras.
Levantamento dos equipamentos urbanos, monumentos históricos, expressões populares,	Localizaram-se diversos elementos que representam a cultura polonesa nas duas cidades, entretanto em Guarani das Missões (Portal

festividades e celebrações que contenham a representação étnica e simbólica da cultura polonesa;	Guarani das Missões, Parque das Exposições, Santuário da Nossa Senhora de Czestochowa e a praça João Paulo II) possui uma quantidade de bens maiores comparados a Itaiópolis (Prefeitura Municipal de Itaiópolis e Igreja de Santo Estanislau).
Elaboração de documento descritivo para as duas cidades brasileiras;	Ambas as cidades pesquisadas foram caracterizadas de acordo com os instrumentos de gestão urbana e políticas públicas culturais locais; o patrimônio imaterial e as organizações culturais polonesas existentes.
Análise contextual dos dados coletados para explicitar cenários e delinear perspectivas sobre as políticas culturais (material e imaterial) associadas à etnia polonesa no âmbito das cidades criativas.	A análise contextualizada permitiu uma percepção mais apurada das aplicações das políticas públicas, já que ambas as cidades apresentaram não somente no perímetro urbano políticas públicas aplicadas. Além disso, é visto que em relação a âmbito regional, é encontrada interferência de legislação nacional o que permitiu comparar as duas cidades.

Fonte: Os autores.

Quadro 3 – Síntese analítica dos resultados

Conclui-se, desse modo, que esta etnia apresenta raízes culturais e que os grupos sociais que compõem essas cidades influenciaram no seu desenvolvimento singular, tanto no âmbito cultural quanto na estética e nas características da

arquitetura local. Porém é importante ressaltar que, apesar da existência de legislação que proteja este patrimônio, são prementes as necessidades de preservação das tipologias tradicionais de construção e de incentivos para o desenvolvimento cultural. Apesar do inevitável hibridismo cultural que vem ocorrendo nas últimas décadas, as localidades apresentadas ainda se apresentam asseguradas e fortalecidas como cidades com singularidades culturais e como cidades criativas.

Referências

Ferreira, Ana Maria. Turismo, Cultura e Regeneração Urbana: o renascimento das pequenas e médias cidades. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, v.20. p. 31-39. 2013.

Gil, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Ibge. *Cidades*. 2017, Acesso: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang=>, em: Acesso em 31 de julho de 2017.

Isar, Yudhishtir Raj. *Visão global: das inquietações conceituais a uma agenda de pesquisas*. In: *Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento*. Ana Carla Fonseca Reis, (Org.). São Paulo 2008.

Kyrydon, Alla. *Fixação espaço temporal da memória coletiva na dimensão da identidade: discurso teórico e prática ucraniana*. In: *Brasil-Ucrânia: Linguagem, cultura e identidade*. José Adilçom

Campigoto e Regina Chicoski, (Orgs.). Jundiaí: Paco Editorial, 2013. p. 156.

KRAVCZYK, Mariane Virginia. POLFEST: a construção da identidade cultural polonesa em Guarani das Missões, RS. 2013.

Landry, Charles. *A cidade criativa*. In: *Relatório de Economia Criativa*: UNCTAD, 2010.

_____. *Cidade Crativa: a história de um conceito*. In: *Cidades Criativas- Perspectivas*. Ana Carla Fonseca Reis e Peter Kageyama, (Orgs.). São Paulo: Garimpo Soluções & Creative Cities Productions, 2011.

Nolasco, Loreci Kottschalk. Cidade, cidadania e moradia: a perspectiva histórica da instituição de direitos. *Revista Jurídica*, UNIGRAN, Vol 4, p. 47-68, Jul./Dez.

Slodkowski, Aline Carlise. A cultura polonesa no município de Guarani das Missões-RS: uma contribuição para o ensino da geografia nas 3ª séries do ensino fundamental. *10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia* 2009.

Slodkowski, Aline Carlise e Heidrich, Álvaro Luiz. Territorialidade polonesa em Guarani das Missões/RS. *GEOMAE*, 2, p. 37-49.

Strickland, Bill. *Cidade Crativa*. In: *Cidades Criativas- Perspectivas*. Ana Carla Fonseca Reis e Peter Kageyama, (Orgs.). São Paulo: Garimpo Soluções & Creative Cities Productions, 2011.

Unctad. *Relatório de Economia Criativa 2010*. São Paulo: p. 394. 2010.

Vivant, Elsa. *O que é uma cidade criativa?* São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł omawia wpływ imigrantów polskich na powstanie dwóch miast w południowej Brazylii: Itaiópolis, w stanie Santa Catarina, i Guarani das Missões, w stanie Rio Grande do Sul. Imigranci z Polski osiedlili się w tych miejscowościach pod koniec XIX w. Mimo upływu czasu i integracji z miejscowym społeczeństwem elementy przywiezione przez tamtych imigrantów pozostają żywe i widoczne w tych miastach powstałych z dawnych kolonii polskich. Te cechy polskie, w postaci duchowej czy materialnej, są wartościowane i przechowywane przez kolejne pokolenia dawnych imigrantów oraz przez miejscowe społeczeństwo.

MUSEU DO NEON

*Texto e Fotos: Izabel LIVISKI**

Durante minha visita à Polônia recentemente, em uma viagem de estudos, tive a oportunidade de conhecer diversos museus, todos dotados de tecnologia de ponta e alta interatividade, mas houve um que particularmente chamou minha atenção, o Museu do Néon ou *Neon Muzeum*, localizado em um centro criativo e renovado de Varsóvia, o Soho Factory, no bairro de Praga. O espaço já foi uma fábrica de munição, onde também eram feitas as motocicletas durante a Guerra Fria. Trata-se de um grande galpão com centenas de sinais produzidos em néon e que contam um pouco da história da Polônia. Além desse incrível museu, podem-se encontrar galerias, escritórios de arte e design, pequenos estúdios de cinema, bares e restaurantes no “descolado” Soho Factory, local que realmente se tornou uma usina de criatividade e inovação.

Os sinais em néon foram produzidos na década de 50 e 60 do século passado, um período conturbado na história do país, época em que a União Soviética dominava a Polônia e outros países da Europa Centro-Oriental. Os soviéticos achavam que

* Fotógrafa e professora, doutora em Sociologia pela UFPR. Foi a primeira mulher a trabalhar como fotojornalista no Jornal Gazeta do Povo em Curitiba-Pr. onde atuou durante 12 anos. Atualmente pesquisa questões da imagem ligadas a temas sociais, como presídios, comunidades socialmente vulneráveis, direitos humanos e inclusão visual. É articulista permanente, e Coeditora da Revista ContemporArtes, onde escreve sobre Fotografia e Artes Visuais (Coluna INcontros) e sobre a Cultura Polônica (Coluna Polonaises).

o néon era um material publicitário que vinha ao encontro dos princípios socialistas, como uma forma de consumo ordenada e padronizada, delegando a designers e arquitetos a tarefa de criarem luminosos que foram colocados em estabelecimentos de todo o país. As placas indicam de forma minimalista o tipo de estabelecimento ou de produto comercializado. Em alguns, o design e as cores traduzem a ideologia do Partido Comunista, como um deles que indica um restaurante chinês, para que os poloneses se acostumassem com a culinária da pátria do "camarada" Mao Tse-Tung.



O *Neon Muzeum* foi fundado em 2005, e é totalmente dedicado à documentação e à preservação desses luminosos originais que a partir da queda da União Soviética estavam fadados a desaparecer. Segundo seus fundadores, David Hill e Ilona

Karwińska: "Nossa instituição tem se empenhado apaixonadamente na enorme tarefa de pesquisar e restaurar os últimos remanescentes sobreviventes da campanha de 'grande neonização' em todo o antigo Bloco do Leste. Nossos esforços contínuos foram creditados com o início de um novo renascimento do néon em toda a Polônia; um movimento que culminou na abertura do primeiro e único museu desse tipo na Europa".



Trata-se de uma coleção permanente que contém centenas de sinais de néon deslumbrantes e outros artefatos eletrográficos, muitos dos quais foram desenhados pelos grandes artistas da época – que eram os responsáveis pela mundialmente famosa escola de cartazes polonesa. "Quando você visita o nosso museu, você será atingido pela pura inventividade e características únicas de uma forma de arte até então desconhecida – que nasceu da revolução, serviu como

propaganda estatal e floresceu durante o período pós-guerra da Polônia", continuam David e Ilona.



"Com base em mais de uma década de esforços de preservação e pesquisa, iniciamos uma campanha para proteger os últimos sinais de néon importantes dentro de seu cenário urbano original. Nós chamamos esta campanha de sucesso e de ação bem-sucedida, como 'Ação de Renovação!' E já restabelecemos alguns dos sinais mais emblemáticos de Varsóvia, como a sereia Syrenka na Ul. Grójecka, e o incomparável 'Mydła Farby' (Soap & Paint) na Ul. Nowolipki, além de recriar o icônico sinal de néon 'Jaś i Małgosia' para uma nova cafeteria com o mesmo nome na Al. Solidarności", concluem seus idealizadores.

Acrescentam ainda que "nossa equipe de voluntários experientes e entusiasmados está à disposição para ajudar os visitantes e grupos maiores e manter o *Neon Muzeum* aberto

cinco dias por semana – além de hospedar outros eventos especiais, exibições de filmes, visitas guiadas e passeios especiais. O Museu é uma instituição totalmente privada e não busca nem recebe financiamento público. São os visitantes e apoiadores que financiam diretamente esse grande acervo que tem a missão de preservar e restaurar artefatos únicos de néon para as gerações futuras".



A entrada custa cerca de 10 zlóti, um pouco menos de dez reais, e o museu fica em um bairro de fácil acesso. Assim, recomendamos que todos que passem por Varsóvia aproveitem para conhecer o fascinante Polish Neon, que faz parte de um luminoso mas também sombrio passado histórico da Polônia.

Mais informações:

<http://www.neonmuzeum.org/pages/contact.html>

Endereço: Soho Factory, Mińska 25, Praga District, 03-808
Varsóvia, Polónia.

Horário: 12h00–17h00

Telefone: +48 665 711 635



RESUMO – STRESZCZENIE

Zwiedzając Warszawę autorka miała okazję odwiedzić prywatne Neon Muzeum. W zamieszczonym powyżej tekście stara się przedstawić to nietypowe miejsce, w którym zebrane zostały eksponaty z czasów socjalizmu: oświetlenia neonowe, które wykorzystano do propagandy narzuconego Polsce systemu.

POSADZY, Ignacy. *Na trilha dos peregrinos*. Poznań: Wydawnictwo Agape, 2018, pp. 328.

Cláudia Regina KAWKA MARTINS*

O livro, publicado neste ano em que se comemoram os 60 anos do trabalho da Sociedade de Cristo no continente americano, é a tradução para o português, feita por Mariano Kawka, da obra originalmente publicada na Polônia, em 1938, no original intitulada *Droga pielgrzymów*, e escrita pelo padre da Sociedade de Cristo Ignacy Posadzy. O livro é baseado no diário de viagem da visita que o padre Posadzy fez às colônias polonesas situadas no Brasil e também na Argentina, no Uruguai e no Paraguai no início dos anos 30. Trata-se de um relato muito interessante sobre as condições de vida e de trabalho dos imigrantes poloneses na América do Sul e também de aspectos da história do Brasil do período. Nesse sentido, destacam-se os efeitos da Crise de 29 para a economia cafeeira do nosso país, a qual provocou a queda dos preços do café e afetou os agricultores, bem como as impressões sobre a Revolução de 30, que marcou a transição do governo controlado pelos oligarcas do café para a chamada Era Vargas, período da história do Brasil que vai de 1930 a 1945, em que Getúlio Vargas foi o presidente.

A leitura do livro nos traz as impressões de um padre totalmente dedicado à causa divina e polonesa e, mais do que isso, de uma pessoa extremamente observadora e inteligente, um intelectual que se relacionava bem com todos, desde o mais simples camponês que vivia no interior do país, em

* Professora de História do Colégio Militar de Curitiba.

condições ainda bastante precárias, até o presidente do Estado da Paraíba destituído pela Revolução de 30, com quem o acaso o reuniu em uma viagem de trem do Espírito Santo ao Rio de Janeiro. As interessantes observações do padre Ignacy nos aproximam do que era o Brasil naquela época, um país tão diferente do atual em certos aspectos, como na questão do transporte de passageiros, em que os trens e navios eram muito utilizados entre cidades maiores, e também nas dificuldades de se andar pelo interior do país, onde muitas vezes só era possível ir a cavalo ou atravessando os rios a nado. O autor também nos aproxima do cotidiano das pessoas, do hábito de se tomar café preto com muito açúcar o dia todo e das dificuldades encontradas pelos milhares de imigrantes poloneses que para cá vieram em busca de uma nova vida, que foi muito mais difícil do que eles poderiam ter imaginado. O trabalho incessante nas lavouras, o clima quente, a saudade do inverno e da neve e da convivência mais estreita em razão do frio que unia mais a família. No início da década de 30 eram mais ou menos 200 mil poloneses num Brasil de 36 milhões de habitantes. “Em todo o Brasil não há um lugar ou uma cidade onde não se encontre um polonês” (pág. 104).

A obra tem início com a viagem de navio da Europa para o Rio de Janeiro e as impressões da vida que os poloneses levavam na então capital do país. Logo em seguida iniciam-se os relatos sobre a visita feita às colônias polonesas no Estado do Espírito Santo: Colatina, Águia Branca – a mais jovem colônia polonesa do Brasil da época, Monte Claro, Lage Itá, Patrimônio de Santo Antônio dos Polacos – a primeira colônia polonesa nesse Estado, de 1873, Córrego da Anta, Baunilha, bem como ao Aldeamento dos Índios, uma reserva indígena que ainda resistia com apenas “12 homens, 7 mulheres e 8 crianças”. É emocionante perceber a alegria que a presença de um padre, ainda mais sendo um padre polonês, produzia

naqueles imigrantes que havia anos não participavam de uma missa, de um casamento religioso, de um batismo, que morriam sem a santa confissão. Para um povo tão religioso como o polonês, não ter um padre por perto era muito difícil. Mas mesmo assim construía-se pequenas igrejas ou capelas, cemitérios, erigia-se uma cruz.

Há também trechos do livro que chegam a ser cômicos: “No dia seguinte acordo cedo, porque alguém me pega pelo dedão do pé e depois foge rapidamente. É Rili, de sete anos de idade, filha do meu anfitrião, que queria apenas verificar se um padre tinha os dedos dos pés como as outras pessoas, porque nunca havia visto um padre” (pág. 73). E assim ia o padre Ignacy andando de colônia em colônia, através das plantações de café, falando de Deus àquelas famílias numerosas geralmente com mais de dez filhos, ensinando as orações, batizando as crianças. “Assim se propagava o Reino de Deus na mata selvagem. Assim renasciam aquelas criaturas esquecidas do sertão” (pág. 74). São relatos lindos, que emocionam.

Depois do Espírito Santo, o padre Ignacy dirige-se de trem ao Rio de Janeiro, a São Paulo – onde muitos poloneses trabalhavam como operários, a Aparecida, e então volta à capital do País, onde participa das festividades do Ano Novo de 1931. Do Rio para Santos de avião, em seguida de navio costeiro para Paranaguá, para visitar os imigrantes poloneses que estavam no Paraná. Ali passa uns dias em Curitiba, onde “sente-se a Polônia por toda parte” (pág. 127), para então dirigir-se ao interior do Estado: Ponta Grossa, Taió, Ipiranga, Ivaí, Ervalzinho, Apucarana, povoados indígenas, Cândido de Abreu – o último núcleo no oeste do Paraná, Prudentópolis, Irati, Marechal Mallet, Rio Claro, São Mateus do Sul, Três Barras, Mafra. Em Santa Catarina, a região de Itaiópolis, onde é muito interessante o relato sobre o encontro dos primeiros

colonos poloneses da região com os índios Botocudos, no início muito difícil, mas depois a aproximação. Depois a volta ao Espírito Santo e ao Rio de Janeiro, para então conhecer o Uruguai, a Argentina e o Paraguai e as colônias polonesas desses países. O padre Ignacy também foi a Foz do Iguaçu e conheceu as Cataratas, foi a Florianópolis, Nova Trento, Pinheiral, Nova Galícia, Laguna, Cocal – onde abençoou a nova igreja que levou tanto tempo para ser construída, Braço Esquerdo, Massaranduba, Braço do Norte, Itajaí, São Francisco.

No último mês da viagem, julho de 1931, mais uma vez a visita aos colonos do Espírito Santo e a volta para o Rio de Janeiro, onde em 31 de julho embarcou de volta à Polônia. Os últimos dias no Brasil são de muita emoção, e a chegada à Polônia, também: “E terminou a saudade, a dor polonesa que a gente sente. (...) mas a alegria é sufocada pela tristeza. O emigrado, o irmão não voltará! Não voltará talvez jamais...”

E assim acaba o relato de viagem do padre Ignacy Posadzy, um relato belíssimo e repleto de emoção sobre a vida dos imigrantes poloneses nas colônias da América do Sul no início da década de trinta do século passado. Sem dúvida alguma vale a leitura e a emoção que ela nos transmite a cada novo capítulo, a cada novo lugar.

RESUMO – STRESZCZENIE

Ks. Ignacy Posadzy na polecenie kard. Augusta Hlonda, Prymasa Polski przebywał dwa razy w Brazylii w okresie międzywojennym, aby na miejscu zapoznać się z sytuacją polskich osadników. Po powrocie do Polski przedstawiał Prymasowi Polski warunki życia naszych emigrantów. Owocem tych odwiedzin jest książka „Drogą pielgrzymów”, która doczekała się tłumaczenia na język portugalski.

A MORTE DE CONHECIDOS MEMBROS DA POLONIDADE BRASILEIRA:

No final do ano passado partiram desta vida três ilustres representantes da coletividade polônica no Brasil. Publicando alguma informação sobre os falecidos: Jerzy MILEWSKI, Dom Isidoro KOSINSKI CM, Frans KRAJCBERG, desejamos levar ao conhecimento dos nossos leitores as figuras destes influentes dois poloneses e um polônico e ao mesmo tempo fazemos o registro para a história da presença polonesa no Brasil.

Jerzy MILEWSKI violinista

Faleceu, na data de 23 de junho de 2017, em Curitiba, o violinista Jerzy Milewski, aos 70 anos, vitimado por um câncer no sistema digestivo. Polonês de Varsóvia, Jerzy conheceu, em 1968, a pianista brasileira Aleida Schweitzer, com quem se casou, vindo a morar no Brasil. Naturalizou-se brasileiro em 1972, fixando residência no Rio de Janeiro.

Durante quatro anos, de 1973 a 1977, foi spalla da Orquestra Sinfônica Brasileira. Com grande interesse pela música brasileira e popular, Jerzy tocou e gravou com importantes instrumentistas e compositores do País, como Luiz Eça, Paulo Moura, Paulinho da Viola, Sivuca, Altamiro Carrilho, Rafael Rabello, Francis Hime, Milton Nascimento e Djavan, entre outros. Dedicou grande parte de sua vida à pesquisa das obras dos compositores do Brasil.

Criador de **Concertos Didáticos**, Jerzy ensinava música em escolas, universidades e principalmente às crianças das comunidades do Rio de Janeiro. O violinista e sua mulher, Aleida Schweitzer, também formaram o **Duo Milewski**, para a

apresentação de um vasto repertório que ia de autores da música clássica, como Mozart e Brahms, até o chorinho.

Jerzy Milewski deixa, além da viúva, duas filhas e quatro netos*.

Dom Izidoro KOSINSKI, CM bispo emérito de Três Lagoas

A 15 de setembro de 2017 morreu aos 85 anos o bispo emérito da Diocese de Três Lagoas (MS), Dom Izidoro KOSINSKI, CM.

Dom Izidoro estava internado no Hospital Nossa Senhora das Graças, em Curitiba. Já com a saúde debilitada pela idade, o quadro clínico de Dom Izidoro se agravou devido a um acidente que havia sofrido há alguns anos.

Dom Izidoro era o filho de João Kosinski e Antonina Rosól. Nasceu dia 1 de abril de 1932 em Tomás Coelho, perto de Araucária (PR). Concluiu a escola básica e média em Curitiba. Nos anos 1951-57 estudou filosofia e teologia em Curitiba. Foi ordenado sacerdote no dia 21 de dezembro de 1957, em Curitiba. Era membro da Congregação dos Padres Vicentinos. Fez estudos de história e geografia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Durante os estudos, auxiliava nas paróquias dos vicentinos (Orleans, Abranches). Foi também professor no seminário dos vicentinos em Araucária e em Curitiba. No dia 6 de fevereiro de 1966 foi nomeado pároco em Mafra (SC), onde sob a sua supervisão foram construídas diversas capelas. Desde 1978 exercia a

* Revista **Concerto**, nº 241, agosto 2017, p. 8, seção Contraponto (Notícias do mundo musical), in <http://www.concerto.com.br/contraponto.asp?id=3767> (visitado aos 01/09/2017)

função de vice-provincial e conselheiro da província meridional dos vicentinos. No dia 20 de janeiro de 1980, assumiu a paróquia de S. Vicente em Curitiba. No trabalho paroquial demonstrou desvelo pelos descendentes dos imigrantes poloneses. Distinguiu-se por um profundo respeito diante das tradições e dos costumes poloneses. Falava fluentemente o polonês. No dia 24 de julho de 1981 foi sagrado bispo em Curitiba. Exerceu por 18 anos a função de ordinário na diocese de Três Lagoas, no Estado do Mato Grosso do Sul. No dia 7 de janeiro de 2009, por causa da idade, renunciou ao governo da diocese, tornando-se bispo emérito*.

Frans KRAJCBERG
escultor, pintor e fotógrafo

No dia 15 de novembro de 2017 morreu, aos 96 anos, Frans KRAJCBERG, escultor, pintor e fotógrafo polonês, radicado no Brasil desde 1948. Apesar de não ser naturalizado, considerava-se brasileiro. Notabilizado por seu engajamento, usava a arte para abordar questões ambientais. Utilizava troncos e raízes de árvores queimadas em incêndios para esculpir.

Nasceu em Koziénice, no sudoeste da Polônia. Era filho de judeus, e sua família foi vítima do Holocausto, mas Krajcberg escapou dos nazistas fugindo para a extinta União Soviética. Em 1941, alistou-se no Exército de seu país e lutou na II Guerra. Após o fim do conflito, mudou-se para a Alemanha e ingressou na Academia de Belas Artes de Stuttgart. Lá se aproximou do movimento expressionista. Aos

* Zdzislaw Malczewski SChr, *Solicitude não apenas com os patrícios. Missionários poloneses no Brasil*, Curitiba 2001, p. 136; www.cnbb.org.br

27 anos, emigrou para o Brasil, incentivado pelo artista russo-francês Marc Chagall (1887-1985). Em São Paulo, expôs duas pinturas na I Bienal de Arte, em 1951. Morou, depois, no Paraná e no Rio de Janeiro. Em 1972, passou a residir em Nova Viçosa (BA), onde estava construindo um museu. Morreu no Rio de Janeiro, de causas não divulgadas*.

RESUMO – STRESZCZENIE

Śmierć zabrała pod koniec ubiegłego roku trzy osobistości, które swoją pracą w Brazylii przyczyniły się pośrednio do wzmocnienia prestiżu społeczności polskiej w tym kraju. Odeszli: Jerzy Milewski – skrzypek, biskup Izidoro Kosinski CM i Frans Krajcberg – rzeźbiarz, malarz i fotograf.

* *Veja*, 22 de novembro de 2017, p. 36.

**O PROF. WALDEMIRO GREMSKI
É RECONDUZIDO
AO CARGO DE REITOR DA PUCPR**

*Mariano KAWKA***

No dia 14 de dezembro de 2017, o Prof. Dr. Waldemiro Gremski foi empossado para um segundo mandato no cargo de reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

O Prof. Gremski nasceu numa família de origem polonesa na colônia Serrinha, antigamente pertencente ao município da Lapa e atualmente situada no município de Contenda, na região metropolitana de Curitiba. Iniciou seus estudos na escola local, tendo continuado a sua formação no Seminário dos Padres Vicentinos, em Araucária e Curitiba.

Formado em História Natural (atualmente Ciências Biológicas) pela então Universidade Católica do Paraná, o Prof. Gremski realizou seu doutorado na Universidade de São Paulo. A partir de 1971 foi professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde permaneceu até 2002. Nesse período ascendeu à categoria de professor titular, exercendo a docência na graduação e pós-graduação, além de atuar como pesquisador e orientador de mestrado e doutorado, com mais de 60 trabalhos publicados em periódicos indexados internacionalmente.

Realizou 3 pós-doutorados, na Universidade de Estocolmo, na Suécia, Universidade de Connecticut, nos

** Professor, tradutor, lexicógrafo, membro do Conselho Editorial de *Polonicus*.

Estados Unidos e no Ludwig Institute for Cancer Research, no Hospital do Câncer em São Paulo.

Ainda na UFPR fundou e coordenou o Mestrado e Doutorado em Biologia Celular e Molecular, foi Diretor do Setor de Ciências Biológicas, além de Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação. No decorrer da Gestão do Ministro Cristóvam Buarque à frente do MEC, foi Diretor de Programas de Qualificação da Secretaria de Educação Superior, sendo responsável pela proposta de criação, entre outros programas hoje vigentes no país, do PROUNI.

A partir de 2002 transferiu-se para a PUCPR, sendo responsável pela implantação da política de pós-graduação, pesquisa e inovação na universidade, hoje responsável pela posição de destaque da PUCPR nos rankings nacionais e internacionais, colocando-a como a melhor universidade entre as públicas e privadas do Paraná e a terceira entre as privadas do país. Exerceu a função de Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação até dezembro de 2013, quando, a convite do Grupo Marista e da Arquidiocese de Curitiba, assumiu a reitoria da instituição, à qual foi reconduzido em 2017, para um novo mandato.

No seu discurso de posse o Prof. Gremski fez um relato da ação por ele desenvolvida frente à PUCPR, bem como apresentou as linhas mestras da atuação que pretende desenvolver no próximo mandato.

A solenidade de posse do reitor Gremski, que se realizou no campus da PUCPR em Curitiba, foi muito prestigiada pela comunidade acadêmica e engrandecida pela presença de autoridades diversas, familiares e amigos, o que abrilhantou esse importante evento na vida universitária, mas também da vida polônica na capital paranaense.

Homenagem do Município de Contenda-PR

No dia 27 de junho de 2018, o Professor Waldemiro Gremski, reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), foi agraciado com o título de Cidadão Benemérito de Contenda, em reconhecimento pelo seu desempenho como professor e pesquisador, além de gestor universitário. A homenagem foi proposta pelos vereadores Fábio Cavalim e João Gilmar Fiatkoski e aprovada por unanimidade pela câmara municipal.

**PEREGRINAÇÃO DA RELÍQUIA
DE S. JOÃO PAULO II
À COMUNIDADE DE S. CASIMIRO,
NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

*Pe. Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

No dia 27 de junho de 2012, atendendo a um pedido meu anteriormente apresentado por carta, recebi das mãos de Sua Eminência o Cardeal Stanisław Dziwisz uma relíquia do Grande Papa João Paulo II, para que visitasse as comunidades polônicas no Brasil. No decorrer desses quase seis anos, a relíquia de S. João Paulo II percorreu os estados do Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A relíquia peregrina às comunidades polônicas, casas religiosas, bem como paróquias brasileiras, de acordo com o pedido apresentado pelo pastor local.

No domingo 5 de março de 2018 tive a alegria de estar na comunidade polônica de S. Casimiro, presente e ativa na região montanhosa do Rio Grande do Sul.

No estado do Rio Grande do Sul a coletividade polônica é estimada em mais de 600 mil pessoas. Descendentes dos colonos poloneses podem ser atualmente encontrados em diversas regiões do estado. Tanto nas cidades grandes, como a capital, Porto Alegre, em diversos municípios, como no interior, dedicados à agricultura.

A mais de cem quilômetros da capital do estado estende-se uma belíssima cadeia de montanhas, região em que se estabeleceram em grande número os imigrantes italianos.

* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

Essa região é assinalada por uma nítida característica desse grupo étnico: os vinhedos situados nas encostas dos morros, a típica arquitetura italiana, especialmente nas cidades pequenas e nas colônias. Na mencionada região, no mar da coletividade étnica italiana, encontramos também concentrações geralmente pequenas que formam comunidades polônicas. Trata-se de ilhotas muito interessantes de polonidade nesse imponente mar da presença italiana.

Uma dessas ilhotas de polonismo nessa região montanhosa é a Linha 14 de Julho, onde encontramos a comunidade de S. Casimiro (situada no município e na paróquia de Cotiporã), distante cerca de 150 quilômetros da capital. Os primórdios dessa comunidade remontam ao ano 1897. Nesse vale, em meio à belíssima paisagem montanhosa, estabeleceram-se os imigrantes poloneses. Eles receberam lotes de 25 ou 30 hectares de terra. Infelizmente, couberam aos poloneses as mais difíceis áreas montanhosas, visto que antes deles vieram os imigrantes italianos. Nas difíceis condições daquele tempo, os nossos laboriosos colonos transformaram as matas virgens em campos cultiváveis, construíram as suas residências, bem como uma pequena igreja, cujo padroeiro se tornou S. Casimiro. No decorrer desses mais de cem anos vieram as novas gerações daqueles primeiros imigrantes, mas o espírito da fé e do polonismo, como num revezamento, foi transmitido aos sucessivos herdeiros da geração daqueles primeiros imigrantes poloneses.

Com frequência o progresso civilizacional e técnico se introduz não apenas na vida de indivíduos, mas também de diversas comunidades. Isso garante a melhoria das condições da vida diária, mas às vezes se introduz como um ladrão, arruinando tudo aquilo que tem sido construído com tanto trabalho e dedicação. Há alguns anos a tranquila vida comunitária da comunidade polônica de S. Casimiro foi

perturbada pelo projeto da construção de uma represa no rio próximo. O Brasil se utiliza do recurso dos seus rios para neles construir represas e assim aumentar o seu potencial de energia elétrica. A construção da represa colocou a coletividade polônica diante de um dilema. Uma parte do que havia sido construído por gerações, os campos cultiváveis, as casas, bem como a histórica igreja de S. Casimiro deviam ser cobertos pelas águas. No entanto, graças à decidida postura da comunidade polônica, foi possível chegar a um consenso com os responsáveis pela construção da barragem. Os proprietários das casas e das terras cultiváveis ganharam em outro lugar o que haviam perdido. A instituição responsável pela construção da represa comprometeu-se a transferir para um outro lugar seguro o cemitério e a igreja.

Quando no domingo 5 de março de 2018 cheguei para visitar os nossos valorosos polônicos com a relíquia de S. João Paulo II, pude convencer-me pessoalmente da veracidade do que me haviam contado. Na metade de um declive foi removida uma massa de terra a fim de preparar um lugar adequado para a nova realidade. A área foi aplainada, e nela se encontra o novo cemitério. Foi edificado também um mausoléu especial, no qual foram depositados os restos mortais daqueles que estavam sepultados no antigo cemitério. Na parede do mausoléu foi colocada uma placa com os nomes daqueles cujos restos mortais foram transferidos do local do antigo sepultamento. A pouca distância do cemitério, foi construída uma pequena igreja de alvenaria. Pelas suas dimensões, esse santuário me lembra muitos lugares de culto semelhantes situados no interior do Brasil. Visto que a comunidade não é grande, a igreja é suficiente para os fiéis de origem polonesa que nela se reúnem. Uma outra edificação erguida é um grande ginásio de esportes, com a base adequada: uma cozinha, uma churrasqueira e instalações

sanitárias. Essa edificação de significativas dimensões serve tanto para fins esportivos como para eventos que ali são organizados, como almoços comunitários, bailes, reuniões. Abaixo do cemitério, da igreja e do ginásio de esportes e recreação foi construído um campo desportivo, que serve não apenas para jogar futebol, mas também como estacionamento nos dias em que se realizam solenidades religiosas ou festas populares.

Na solene santa Missa concelebrada, que foi presidida pelo Pe. Vítor Cittolin, pároco da paróquia de Cotiporã, à qual pertence a comunidade de S. Casimiro, reuniu-se um grande número de fiéis. Vieram também representantes de comunidades polônicas de outras cidades, como Nova Prata, Bento Gonçalves, Caxias do Sul. Durante um prolongado sermão, familiarizei os fiéis com a figura do seu padroeiro S. Casimiro, bem como expus o significado da peregrinação e da presença da relíquia de S. João Paulo II na comunidade de fé. Encerramos a celebração da solene Missa com a bênção com a relíquia de S. João Paulo II. Muitos fiéis permaneceram no santuário para rezar pessoalmente diante da relíquia do Grande Papa e Polonês. Distribuímos aos fiéis algumas centenas de santinhos com a fotografia de S. João Paulo II e com uma oração impressa em língua portuguesa. No final do dia a relíquia foi transportada pelo pároco local ao centro da paróquia, de onde vai visitar as igrejas filiais. Posteriormente, algum dos líderes polônicos transportará a relíquia à Igreja Polonesa em Porto Alegre.

Num grande salão situado nas proximidades da igreja, realizou-se o almoço comunitário. Já no sábado à tarde foi encerrada a venda dos bilhetes de entrada, visto que se esgotou o limite dos lugares disponíveis. Mil pessoas sentadas às mesas – às quais uma equipe especial de garçons trazia refrigerantes, vinho e churrasco – tiveram a possibilidade não

apenas de saciar a fome, mas também de aprofundar os laços familiares e de amizade.

Durante o almoço caiu uma chuva torrencial, ao que os presentes no salão reagiram com alegria. Para mim, participante desse banquete e vindo de uma cidade grande, isso foi não apenas a exteriorização da espontaneidade brasileira, mas também a manifestação de quão importante é para os agricultores, durante um fastidioso e quente verão, a chuva que rega as suas plantações de uva, milho, soja ou legumes.

Mais tarde, após o lauto almoço e as conversas com os polônicos, voltei com o meu companheiro de viagem Sidnei Ordakowski a Porto Alegre. Durante as quase duas horas de viagem, tivemos a oportunidade de abordar muitos temas relacionados com a vida da coletividade polônica no estado do Rio Grande do Sul. Juntos pudemos constatar quão importantes são na vida dessa comunidade o elemento religioso e as tradições com ele relacionadas, herdadas dos antepassados. Sem levar em conta a dimensão espiritual da comunidade polônica, não será possível compreendê-la plenamente e avaliar a sua influência na sociedade brasileira.

CONFERÊNCIA POR OCASIÃO DOS 95 ANOS DA MORTE DE RUI BARBOSA

*Stanisław PAWLISZEWSKI**

A conferência por ocasião dos 95 anos da morte de Rui Barbosa, Patrono do Liceu de Educação Geral da capital polonesa que leva o seu nome, realizou-se no dia 28 de março de 2018 em Varsóvia.

Entre os convidados encontravam-se os Embaixadores de Portugal, da Venezuela, do Uruguai e de Cuba, representantes do Ministério das Relações Exteriores, a representante da administração do Bairro Praga Norte, representantes da Universidade de Varsóvia, de fundações culturais, do Clube do Embaixador, da Associação Polono-Argentina, do corpo docente e alunos do Liceu, membros da Sociedade Polono-Brasileira e simpatizantes do Brasil.

Na sua saudação aos convidados, o Diretor do Liceu, Pedro Cacko, disse que o Liceu de Educação Geral Rui Barbosa é uma escola com tradições, visto que neste ano comemora os 110 anos da sua existência. Recebeu o nome Rui Barbosa, como seu Patrono, no dia 31 de agosto de 1959. Como escreveu um dos embaixadores que visitou o liceu no dia 5 de setembro de 1974, “Rui Barbosa de Oliveira, jurista, escritor, diplomata e político, foi um defensor do direito da Polônia à sua autodeterminação e um partidário dos ideais republicanos e liberais, portanto um cidadão progressista e próximo dos poloneses. Foi justamente graças a esse patrono que uma escola que funciona na Polônia obteve a oportunidade única

* Presidente da Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia.

de desenvolver contatos com um país tão distante e interessante como é o Brasil”.

Durante todo o tempo do funcionamento da escola os alunos obtiveram informações sobre a história, a cultura e a vida de um país como é o Brasil. Essas informações lhes foram transmitidas por numerosos convidados do mundo inteiro. Merece atenção especial o fato de que no dia 3 de setembro de 2008 a escola recebeu a visita do Presidente da República de Portugal Prof. Cavaco Silva.

O Diretor Cacko enfatizou que neste ano o liceu estabeleceu um contato de parceria com o Colégio Jardim, em Santo André, perto de São Paulo, e que em março deste ano, acompanhados de dois tutores, alunos do Liceu Rui Barbosa participaram de um intercâmbio internacional justamente com essa escola. O Diretor Cacko acrescentou que o Liceu Rui Barbosa em Varsóvia é a única escola na Polônia que tem em seu currículo o ensino da língua portuguesa e oferece a oportunidade de conhecer um país como é o Brasil.

O Diretor Cacko expressou a esperança de que a atual conferência proporcionasse a seus participantes informações sobre o patrono do Liceu, um grande brasileiro e amigo de todos os poloneses, Rui Barbosa.

A seguir tomou a palavra o Embaixador do Brasil, Alfredo Leoni, expressando a sua alegria por poder partilhar com os presentes alguns pensamentos a respeito do patrono do Liceu, o grande estadista brasileiro Rui Barbosa. Ele nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia, situado no Nordeste do Brasil, e faleceu em Petrópolis, nas proximidades do Rio de Janeiro, há 95 anos, em março de 1923, com a idade de 73 anos. Desde os primeiros anos de sua vida Rui Barbosa chamava a atenção pela sua extraordinária inteligência e seu elevado grau de cultura. Como excelente pedagogo e professor de Direito,

Rui Barbosa escreveu muitos livros importantes e foi escolhido para membro, e depois para Vice-Presidente da Academia Brasileira de Letras. Como um talentoso político, foi escolhido como representante do estado da Bahia na Câmara dos Deputados do Brasil. Disputou também o cargo de Presidente da República por três vezes, nos anos 1910, 1914 e 1919, mas, apesar da sua popularidade, foi superado pelos seus concorrentes, apoiados por poderosos oligarcas brasileiros que na época controlavam os mais importantes setores da economia brasileira (café e produtos derivados do leite). Rui Barbosa exerceu também o cargo de Ministro das Finanças no primeiro governo brasileiro da República recém-instituída e desempenhou um papel significativo na elaboração da Constituição Brasileira de 1891.

Rui Barbosa foi um verdadeiro liberal e dedicou toda a sua vida à luta pelas liberdades cívicas. Em seu primeiro discurso público, pronunciado em 1869, quando era um estudante de Direito de 19 anos de idade, de forma eloquente pronunciou-se pela abolição da escravidão no Brasil, questão que foi objeto do seu engajamento durante a maior parte de sua vida.

A escravidão da população negra africana foi um traço distintivo da sociedade e da economia brasileira dos meados do século XVII até 1888, quando ela foi inteiramente abolida. A luta contra a escravidão no Brasil significava então a luta contra o poder, contra políticos poderosos e forças econômicas que dominavam a sociedade brasileira daquela época. Ser um liberal no Brasil do século XIX significava a luta com o conservadorismo e o sistema monárquico do país. E foi justamente isso que fez Rui Barbosa, que foi sobretudo um guerreiro, além de um grande defensor da justiça e da liberdade. Lutou com entusiasmo, contrapondo-se a todos e a

tudo que considerava mau, independentemente do poder e da força que tivessem os seus adversários.

Por isso se torna fácil compreender o interesse de Rui Barbosa pela chamada “causa polonesa” – a determinada busca da Nação Polonesa da recuperação da independência e da preservação da cultura e da identidade polonesas numa época em que o território e a população da Polônia se encontravam sob a ocupação de três potências vizinhas.

Rui Barbosa tinha um relacionamento amigável com a diáspora polonesa no Brasil e sempre se envolveu em suas causas. Num artigo publicado no dia 19 de abril de 1923 no jornal *República*, o escritor polono-brasileiro Kazimierz Warchałowski, líder de coletividade polonesa no Brasil nas primeiras décadas do século XX, lembra o seu encontro com Rui Barbosa no Rio de Janeiro, durante o qual Warchałowski expressou o espanto diante dos seus amplos conhecimentos a respeito da Polônia. Rui Barbosa respondeu: “A Polônia sempre me interessou. A independência da Polônia tem sido o sonho de ouro da minha juventude. E não digo isso para agradar ao meu hóspede polonês. Vou ter a ocasião de convencer o Senhor de que há muito tempo me interessa a causa polonesa”. Após o encontro Warchałowski foi convidado para visitar a biblioteca partícula de Rui Barbosa, que contava mais de 100 mil títulos. Ficou mais espantado ainda quando em suas estantes viu muitos livros sobre a Polônia e a sua história, bem como traduções de Mickiewicz, Kraszewski e Orzeszkowa para outras línguas europeias.

Em 1907 Rui Barbosa foi escolhido para Presidente da Delegação Brasileira para a II Conferência de Paz em Haia, onde defendeu o princípio da igualdade das nações e do tratamento igual de todos os Estados membros representados na Conferência. Por outro lado, opunha-se à teoria do “tratamento especial”, proclamada por representantes de

potências europeias daquela época. Durante os longos debates, Rui Barbosa – um excelente orador, que com facilidade se utilizava de cinco línguas – foi capaz de conquistar as outras delegações para os seus ideais. O tema da igualdade das nações tornou-se o tema preponderante da Conferência. Graças ao sucesso alcançado, Rui Barbosa ganhou o título de “Águia de Haia”.

Durante a II Conferência de Haia, e também em várias outras ocasiões, Rui Barbosa falou muitas vezes da necessidade da recuperação da independência polonesa. Para ele, a Polônia era “uma nação de mártires”, e negar-lhe o direito a um Estado independente era uma injustiça histórica. Dois dos seus discursos pronunciados em 1917 chamaram a atenção especial da coletividade polonesa no Brasil. Rui Barbosa pôde expressar neles a sua alegria, podendo “ver como a ‘terra de Sobieski’ ressuscita e recupera o seu lugar no Conselho das Nações”. Para Rui Barbosa a defesa da “causa polonesa” significava a defesa da liberdade e da independência. De fato, durante toda a sua vida Rui Barbosa utilizou-se da sua elevada posição para apresentar a Polônia e a Nação Polonesa como um exemplo de luta pela liberdade e independência. Graças a isso, fortaleceu também os vínculos que unem o Brasil com a Polônia, como ele costumava dizer: “Os nossos dois países estão unidos pelos mesmos maravilhosos e eternos ideais”.

Hoje, 95 anos após a sua morte, Rui Barbosa continua a ser uma fonte de inspiração, e as ideias e os ideais por ele professados permanecem sempre vivos. Gostaria de nesta oportunidade agradecer ao Liceu Rui Barbosa por promover a herança do seu Patrono de uma forma que com certeza o alegraria, ou seja, pela educação dos jovens. É graças a Rui Barbosa que estamos aqui reunidos, para celebrar a

permanente amizade que ele mesmo ajudou a consolidar – entre os brasileiros e os poloneses, entre a Polônia e o Brasil.

Após encerrar o seu pronunciamento, o Embaixador Alfredo Leoni ofereceu um presente com a dedicatória: “Ao Liceu Rui Barbosa, por ocasião dos 95 anos da morte do seu Patrono, um brinde do Embaixador do Brasil, Alfredo Leoni. Varsóvia, março de 2018”. O brinde é uma valiosa medalha comemorativa da atividade de Rui Barbosa como Presidente da Delegação Brasileira à II Conferência de Paz em Haia, em 1907.

A seguir se pronunciou a Sra. Karolina Cemka, Substituta do Diretor do Departamento da América do Ministério das Relações Exteriores, afirmando que essa importante solenidade era um exemplo da perfeita cooperação do Liceu Rui Barbosa, da Sociedade Polono-Brasileira e da República Federativa do Brasil. Falando do Patrono da escola, a Diretora Cemka afirmou que ele foi um dos grandes estadistas brasileiros, amigo da Polônia e sonhador, convencido de que sem uma Polônia independente não pode haver uma Europa e um mundo estável. Nos anos em que o Estado polonês ainda não havia voltado ao mapa da Europa e em que se travava a luta pela sua ressurreição, Rui Barbosa em diversas ocasiões se pronunciou a respeito da necessidade de ser devolvida à independência à nossa Pátria. Falou a esse respeito na II Conferência de Paz em Haia em 1907, e lembrou isso também em foros brasileiros. Já em maio de 1917, afirmou no Senado que “A Polônia – condenada para sempre – já não é a Polônia da célebre definição *Finis Poloniae*. A Pátria de Sobieski ergue-se do seu túmulo para ocupar o lugar que lhe cabe na família das nações”. Rui Barbosa proporcionou o seu apoio ao Comitê Central Polonês no Brasil. As suas iniciativas contribuíram para que já em agosto de 1918 o Brasil deixasse

claro, numa nota diplomática do Ministro das Relações Exteriores Nilo Peçanha ao Legado francês Paul Claudel, que o Brasil reconheceria a independência do nosso país, o que a seguir foi formalizado no dia 15 de abril de 1919. A seguir, em 1920 ocorreu o estabelecimento das relações diplomáticas.

Com profunda alegria quero dizer aos Senhores e às Senhoras – hoje, passado um século desde os mencionados acontecimentos – que as relações polono-brasileiras, que da nossa parte são coordenadas pelo Departamento da América do Ministério das Relações Exteriores, por mim dirigido, são excelentes. Não há nelas questões litigiosas. Une-nos o apego a valores comuns, tais como a democracia, o Estado de direito, o respeito aos direitos humanos e a solidariedade social.

Na esfera política a mais importante visita em alto nível nos últimos anos foi a estada na Polônia, em setembro de 2015, do então Vice-Presidente e atual Presidente do Brasil Michel Temer, que se encontrou com as mais importantes autoridades do país, inclusive com o Presidente da Polônia Andrzej Duda.

A Sra. Karolina Cemka disse que está sendo planejada uma visita do Sr. Marek Magierowski, Subsecretário de Estado no Ministério das Relações Exteriores, para consultas com o seu correspondente brasileiro, que o Vice-Ministro Magierowski deve ser acompanhado por uma missão de empresários poloneses. A Sra. Cemka anunciou também que está sendo planejada a solene inauguração do Consulado Honorário da Polônia em São Paulo.

A Sra. Cemka enfatizou que o Brasil é o maior parceiro comercial da Polônia na América Latina. Em 2017 as transações comerciais da Polônia com o Brasil atingiram 1.608 milhões de dólares, constituindo 24,3% do intercâmbio comercial da Polônia com toda a região da América Latina e do Caribe e tendo assinalado um crescimento de 26% em

relação a 2015. As exportações da Polônia ao Brasil em 2017 atingiram 409,1 milhões de dólares. A Sra. Cemka afirmou que as relações entre ambos os países estão se desenvolvendo muito bem igualmente em outras áreas. Por exemplo, na área da cooperação técnico-científica realizam-se anualmente as Conferências Polono-Brasileiras da Ciência e da Tecnologia, organizadas conjuntamente pelo Instituto de Aviação de Varsóvia e pela Universidade de Brasília. Estão se desenvolvendo bem os contatos na esfera da educação. Há dois anos, um grupo de 30 estudantes do Brasil estava estudando em universidades polonesas, especialmente em instituições de ciências médicas, no âmbito do programa “Ciência sem Fronteiras”. Apresenta-se também ativa a cooperação militar, uma expressão do que foi a participação de uma delegação do Ministério da Defesa Nacional com um grupo de representantes da indústria na feira *Latin America Aero and Defence LAAD 2017* no Rio de Janeiro, bem como a participação de uma delegação brasileira no XXV Salão Internacional da Indústria da Defesa em Kielce, também em 2017.

Desenvolvem-se também contatos diretos entre ambas as sociedades. A esse respeito desempenham um papel importante os contatos da Comunidade Polônica do Brasil, que é a maior na América Latina, e cujo número é calculado em 1,5-2 milhões de pessoas, ainda que – como lembrou em público o Presidente Temer durante a sua visita à Polônia – segundo alguns cálculos esse número pode chegar até a 4 milhões. Estamos orgulhosos da contribuição da comunidade polônica para o desenvolvimento do Brasil, e ao mesmo tempo do apego de muitos dos seus membros às suas raízes e ao país dos antepassados, bem como da vontade de eles quererem estabelecer contato com ele. A Sra. Cemka expressou a confiança de que a comunidade polônica vai contribuir cada

vez mais para o desenvolvimento dos contatos entre ambas as nações. O turismo é um motor cada vez mais importante desses contatos. Em novembro de 2017 as Linhas Aéreas Lot estabeleceram voos *charter* diretos ao Rio de Janeiro, graças aos quais um número cada vez maior de poloneses poderá conhecer essa mágica cidade.

A Sra. Cemka sublinhou que um belo exemplo desses contatos é o intercâmbio de jovens entre o Liceu Rui Barbosa e escolas brasileiras, a respeito do que se falaria na continuação da solenidade, quando alunos desse Liceu partilhariam as suas impressões da sua recente estada no Brasil.

Rui Barbosa se afastou há 95 anos, quando o Estado Polonês estava se consolidando e fortalecendo após a recuperação da independência e a junção das terras anteriormente ocupadas pelas três potências usurpadoras. Ele não viveu para ver o desenvolvimento dos contatos comerciais e políticos nos anos seguintes, o nosso memorável jogo na Copa do Mundo de futebol de 1938 na França, a fraternidade polono-brasileira nas armas durante a II Guerra Mundial, as relações subsequentes nas décadas do pós-guerra, inclusive o jogo seguinte durante a Copa do Mundo de futebol na Alemanha em 1974, e a seguir a nova fase dos contatos bilaterais depois de 1990, após a volta – ainda que em contextos condicionamentos diferentes – da Polônia e do Brasil à democracia.

Concluindo o seu pronunciamento, a Senhora Diretora Karolina Cemka apontou para o significado da atividade do Liceu de Educação Geral Rui Barbosa e da Sociedade Polono-Brasileira no desenvolvimento e fortalecimento da cooperação. Afirmou que não há dúvida de que Rui Barbosa – que foi um incansável defensor dos direitos e das liberdades civis – ficaria feliz vendo como jovens poloneses e brasileiros, vivendo em países livres e democráticos, podem visitar-se mutuamente,

conhecer-se e estabelecer amizade. E isso significa que sobre os fundamentos que foram lançados por Rui Barbosa tornou-se possível edificar o belo edifício da amizade e da cooperação polono-brasileira, que os aqui presentes também ajudam a construir, pelo que a todos agradeço!

Em seguida um grupo de estudantes leu os trechos de alguns discursos de Rui Barbosa nos quais ele se pronuncia pela devolução da independência à Polônia, por exemplo o seu pronunciamento como representante do Brasil na II Conferência Internacional da Paz em Haia em 1907, quando em palavras inflamadas disse: “É preciso que seja devolvida a independência à Polônia!” Os seus eloquentes discursos nessa conferência serviram para que lhe fosse atribuído o título de “Águia de Haia”. Foram também lidas outras frases dos seus discursos, inclusive uma frase do seu discurso no Senado, quando, ao falar da necessidade de ser devolvida a independência à Polônia, alguém argumentava que nessa questão o melhor era manter-se neutro. Mas ele respondeu: “Não pode haver neutralidade entre a justiça e o crime!”.

Os alunos lembraram que no dia 3 de outubro de 1916 os poloneses residentes na América do Sul encaminharam a Rui Barbosa uma correspondência em que pediam o seu valioso apoio para as suas justas reivindicações.

Outro grupo de estudantes partilhou as impressões da sua estada no Brasil em março deste ano. Eles estiveram no Colégio Jardim, em Santo André, nas proximidades de São Paulo.

Uma das alunas, Aleksandra Bieniek, escreveu: “Após sairmos do aeroporto, viajamos a Santo André, diretamente às casas das famílias que nos hospedariam durante o tempo da nossa estada no Brasil. Sinceramente posso dizer que nunca antes eu me havia encontrado com tamanha amabilidade e

empatia, que ali nos foram demonstradas Tanto o Colégio Liceu como as nossas famílias hospedeiras nos prepararam excursões e mostraram como se apresenta a verdadeira vida no Brasil, e sobretudo o ensino. Sentimo-nos extremamente felizes por podermos, por duas semanas, sentir-nos como habitantes desse país e conhecer todos os seus aspectos, não somente como turistas... Na escola houve apresentações que transmitiram aos poloneses informações sobre a cultura do Brasil, e os poloneses mostraram aos alunos do Colégio Jardim como se apresenta e com que se caracteriza o nosso país. O mais difícil foi o momento da despedida. No final o tempo corria inexoravelmente rápido. Consegui chegar a uma distensão total, livrar-me dos problemas, divertir-me muito, experimentar dezenas de pratos saborosos, aprender centenas de novas expressões e palavras, conhecer a cultura do Brasil, estudar numa das melhores escolas brasileiras visitar muitos lugares bonitos, mas sobretudo conheci pessoas maravilhosas e arrumei uma amiga – espero – para a vida toda. Deixei o Brasil com dor no coração, com os olhos cheios de lágrimas e com a esperança de voltar quanto antes”.

Após os pronunciamentos dos alunos, foi lida a mensagem do Diretor do Colégio Jardim, Prof. Daniel Contro, dirigida aos alunos e professores do Liceu de Educação Geral Rui Barbosa. O Diretor Daniel Contro afirmou em sua mensagem: “Iniciamos um programa de intercâmbio com vocês, porque temos a certeza de que temos muito a aprender com os poloneses, e especialmente com o Liceu Rui Barbosa. Somos profundamente gratos por vocês terem aceitado o nosso convite para o intercâmbio, que levou à assinatura de uma cooperação pedagógica. Estamos muito felizes e em troca podemos demonstrar-lhes a profunda gratidão, o coração aberto, para que vocês se conscientizem de quanto admiramos

vocês, pelo que vocês têm realizado no campo da educação, pela bela e sofrida História de vocês. Vocês são um grande exemplo, que nós, os brasileiros, queremos imitar. Agradecemos por esse privilégio do intercâmbio escolar e pela possibilidade de hospedar vocês em nosso País, na nossa escola, no Colégio Liceu. Vamos continuar mantendo essa cooperação, que consiste no intercâmbio e na aprendizagem mútua.”

Depois tomou a palavra o Dr. Jerzy Mazurek, Vice-Diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês. O Prof. Mazurek falou da posição do Brasil diante da independência da Polônia em 1918. Assinalou que no período inicial da I Guerra Mundial o Brasil adotou uma posição neutra. No entanto, a Inglaterra e a França o pressionavam a se juntar à guerra do lado dos aliados. E, após o afundamento por um submarino alemão, no dia 5 de abril de 1917, do navio cargueiro brasileiro *Paraná*, o governo brasileiro rompeu as relações diplomáticas com a Alemanha e alguns meses depois, no dia 26 de outubro de 1917, declarou a guerra a Berlim.

Alguns dias após o Brasil ter-se juntado à guerra ao lado dos Estados aliados – continuou o conferencista – o Ministro das Relações Exteriores do Brasil Nilo Peçanha pronunciou-se a respeito da independência da Polônia. O trecho sobre a necessidade da independência da Polônia encontrou-se na resposta a uma proposta de paz do Papa Bento XV de agosto de 1917. Menos de um ano depois, no dia 17 de agosto de 1918, o Ministro Nilo Peçanha, numa nota a Paul Claudel, Legado da França no Rio de Janeiro, proclamou oficialmente o reconhecimento pelo Brasil da Polônia independente e unida. *De iure* o governo do Brasil reconheceu o Estado polonês, e concretamente o governo de Ignacy J. Paderewski (16/1-9/12/1919), no dia 15 de abril de 1919. A

solene entrega das credenciais pelo primeiro representante da Polônia, o Legado Ksawery Orłowski, ao Presidente dos Estados Unidos do Brasil, Eptácio Pessoa da Silva, realizou-se no dia 27 de maio de 1920. Por sua vez as credenciais do primeiro Legado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos do Brasil, Rinaldo de Lima e Silva, foram aceitas pelo Chefe de Estado Józef Piłsudski, no dia 3 de junho de 1921.

A I Guerra Mundial trouxe a independência à Polônia, e ao Brasil, um lugar à mesa da conferência de paz em Versalhes – disse no final Jerzy Mazurek. Assinalou que todos os postulados do Brasil durante a conferência foram atendidos. Graças ao envolvimento na guerra, o Brasil teve incrementado o seu significado internacional.

Stanisław Pawliszewski, Presidente da Sociedade Polono-Brasileira, o último dos oradores, destacou que o Brasil foi o primeiro Estado da América Latina que já no dia 17 de agosto de 1918 reconheceu a Polônia independente e unida, porquanto na nota do Ministro das Relações Exteriores do Brasil Nilo Peçanha ao Legado da França no Rio de Janeiro, Paulo Claudel, afirma-se que “o Governo federal reconhece pela presente a nação polonesa, e reconhece igualmente, como os demais países aliados, o Comitê Nacional em Paris como seu legítimo representante, bem como confere ao Comitê Central no Brasil, escolhido pelo voto livre dos poloneses, o direito de se apresentar em seu nome e de expedir certificados de nacionalidade”. Stanisław Pawliszewski enfatizou que em anos próximos vamos comemorar nas relações da Polônia com o Brasil importantes aniversários, a saber:

- O centenário do reconhecimento da Polônia independente e unificada em agosto de 2018, a respeito do que se falou anteriormente.

- Os 150 anos da emigração polonesa ao Brasil, que ocorre em 2019. Um grupo de emigrantes poloneses, contando 32 famílias camponesas da zona de ocupação prussiana, da aldeia de Siołkowice, desembarcou no Brasil em 1869, na localidade de Brusque, em Santa Catarina. Esse grupo foi trazido por Sebastião Woś Saporski, conhecido como o “Pai da colonização polonesa no Brasil”. Em 1871 esse grupo foi transferido ao estado do Paraná, onde em Pilarzinho, nos arredores de Curitiba, surgiu a primeira colônia polonesa. Mas os primeiros emigrantes poloneses se dirigiram a Brasil bem antes disso, especialmente após a queda do Levante de Novembro [de 1830].

- O centenário do estabelecimento das relações diplomáticas, que ocorre no dia 27 de maio de 2020. O primeiro representante diplomático da Polônia, no posto de Legado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário, o Conde Ksawery Orłowski, apresentou nessa data as credenciais ao Presidente dos Estados Unidos do Brasil Epitácio Pessoa da Silva, a respeito do que se falou anteriormente.

- Os 85 anos de histórico voo do capitão aviador Stanisław Skarżyński pelo Atlântico, de Saint Louis no Senegal ao Brasil, Maceió, que ocorre no dia 8 de maio de 2018. O herói desse voo, num avião de construção polonesa, o RWD-5bis, percorreu 3 582 km, estabelecendo o recorde internacional de distância sem aterrissagem e de tempo de voo num avião esportivo pesando 450 kg.

- Os 90 anos da instituição da Sociedade Polono-Brasileira, que ocorre em novembro de 2019. O seu nome primitivo era “Sociedade Brasilo-Polonesa Rui Barbosa em Varsóvia”. Essa Sociedade foi fundada pelo então Presidente do Senado da Polônia (1928-1930) Julian Szymański, que passou muitos anos no Brasil como médico oftalmologista. Foi professor de Oftalmologia na Universidade Federal do Paraná,

em Curitiba, e o autor do primeiro manual brasileiro de Oftalmologia para os estudantes dessa universidade.

Para concluir, vale a pena enfatizar que a Conferência por ocasião dos 95 anos da morte de Rui Barbosa foi acompanhada pela mostra da exposição “Os poloneses no Brasil”, cujo idealizador é o Prof. Henryk Siewierski, da Universidade de Brasília. Na entrada do auditório onde se realizou o encontro, os convidados podiam contemplar um grande cartaz colorido com o retrato de Rui Barbosa e com alguns dos seus pronunciamentos a respeito da devolução da independência à Polônia.

**ABERTURA DA EXPOSIÇÃO
“MEU CORAÇÃO DE POLACO VOLTOU”
NA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
DE VARSÓVIA**

*Stanisław PAWLISZEWSKI**

A exposição “Meu coração de polaco voltou”, sobre a vida e a obra de Paulo Leminski, eminente poeta brasileiro de origem polonesa, foi solenemente aberta no dia 18/4/2018 na Biblioteca da Universidade de Varsóvia, na capital polonesa.

Os organizadores da exposição são: o Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, a Sociedade Polono-Brasileira, o Museu da História do Movimento Popular Polonês e a Galeria da Universidade de Varsóvia. A solene abertura da exposição realizou-se sob o patrocínio honorário da Embaixada da República Federativa do Brasil em Varsóvia.

Participaram do evento os embaixadores de Portugal, do México, da Venezuela, o representante da Embaixada do Panamá, representantes do Ministério das Relações Exteriores, entre os quais o diretor do Departamento de Cooperação com a Comunidade Polônica e os Poloneses no Exterior, representantes da Universidade de Varsóvia, do Arquivo de Documentos Novos, da Associação Polono-Argentina, de organizações culturais, da Sociedade Polono-Brasileira e simpatizantes do Brasil.

O programa da abertura envolveu os pronunciamentos: do Dr. Tomasz Strączek – curador da

* Presidente da Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia.

Galeria da Universidade de Varsóvia, da Dra. Zofia Marzec – diretora do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, de Aloisio Sousa – I secretário da Embaixada do Brasil em Varsóvia, do Dr. Jerzy Mazurek – vice-diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês e de Stanisław Pawliszewski – presidente da Sociedade Polono-Brasileira.

O Dr. Tomasz Strączek, curador da Galeria da Universidade de Varsóvia, saudou os convidados e disse que diversas são as formas de falar das emoções humanas. Desde os desapaixonados relatos da imprensa, passando pelas grandes obras da ópera, até as extremamente sugestivas exposições, que não podem ser descritas com palavras, mas cuja eloquência é chocante para todos. A arte é a linguagem com a ajuda da qual há milhares de anos o ser humano fala a respeito do que não pode ser expresso com palavras...

Uma disciplina especial da arte é a poesia, que permite aos mais capacitados autores encerrar em forma mínima, por vezes ascética, um registro extremamente sugestivo de emoções, imagens ou estados psíquicos. A poesia lembra o traço dos mestres do ensaio, que encerra por vezes em sua simplicidade uma narrativa extremamente rica, que seria inútil procurar em muitas imagens repletas de cores e de feitos...

Paulo Leminski encerrou em sua herança poética muitos entrecos, que por muitos anos serão analisados pelos historiadores da literatura. A presente exposição apresenta muitos deles, esboçando uma silhueta do poeta. Dentro de instantes poderemos familiarizar-nos com eles. Eu gostaria de mencionar apenas um deles, talvez o mais importante, que descreve a linha que une o poeta com o país que chama de “coração do poeta”, coração que parece continuar a pulsar...

A seguir tomou a palavra a Dra. Zofia Marzec, diretora do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, que agradeceu aos organizadores por terem possibilitado o acesso à exposição, a qual, como enfatizou, foi organizada pelas filhas do poeta Aurea Alice Leminski e Estrela Ruiz Leminski, bem como pela Casa de Cultura Polônia-Brasil em Curitiba. A Professora Zofia Marzec enfatizou que Paulo Leminski é um eminente poeta brasileiro, que foi também crítico literário, compositor e autor de letras executadas por conhecidos artistas da música popular brasileira. A Professora afirmou que a Seção Luso-Brasileira do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia se defrontou com o desafio de divulgar a obra de Paulo Leminski e que a exposição na Biblioteca da Universidade será a parada seguinte na apresentação dessa obra dentro da Polônia.

A Professora Zofia Marzec enfatizou o papel da Sociedade Polono-Brasileira e do Museu da História do Movimento Popular Polonês na divulgação da obra de Paulo Leminski.

O orador seguinte, Aloisio Sousa, I Secretário da Embaixada do Brasil, em nome da Embaixada e do embaixador Alfredo Leoni felicitou os organizadores e os promotores da exposição, acima mencionados. Expressou o reconhecimento aos embaixadores do México, de Portugal e da Venezuela, presentes na solenidade, bem como aos diplomatas do Ministério Polonês das Relações Exteriores e à Embaixada do Panamá.

O orador expressou o reconhecimento a Aurea Alice Leminski, filha do poeta, pela sua contribuição para a organização do evento. Essa maravilhosa exposição e a possibilidade da sua apresentação na Polônia constituem um

exemplo do seu incansável trabalho em prol do conhecimento da obra de seu pai.

Foi-me pedido que eu partilhasse algumas observações a respeito da obra de Paulo Leminski e do lugar que ele ocupa na moderna literatura brasileira. Trata-se, para mim, de um grande desafio, visto que Leminski é um dos maiores poetas da segunda metade do século XX no Brasil. Viveu, infelizmente, muito pouco, apenas 45 anos – de 1944 a 1989. No entanto essa sua breve vida contrasta com o enorme legado que ele deixou em diversas áreas – desde a poesia e a prosa até letras de músicas e traduções.

A sua origem e as experiências dos primeiros anos de vida são tão diversificadas como as obras que posteriormente criou. Paulo Leminski foi um autêntico brasileiro, de origem polonesa da parte do pai e africana da parte da mãe...

No início dos anos sessenta teve a possibilidade de se familiarizar com a vanguarda da poesia brasileira. Em 1963 encontrou-se pessoalmente com Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, os idealizadores do “Movimento da Poesia Concreta”, um grupo que constituiu uma forma de confronto com os fundamentos da poesia da corrente principal. Alguns poemas de Leminski possuem os traços propagados por esse movimento, entre os quais a métrica livre, os efeitos visuais e sonoros, as variadas formas de interpretação e outros.

Leminski foi capaz de introduzir em sua obra elementos inovadores e criou o seu estilo inigualável. Por exemplo, em alguns poemas adotou regras métricas estritas inspiradas pela tradicional poesia japonesa do haikai, da qual foi um grande admirador e conhecedor. E a sua experiência profissional na área da publicidade introduziu em sua poesia efeitos visuais e um vocabulário extremamente convincente.

Em algumas das suas obras, a abordagem rígida e formal se mostra aliada à ironia e à linguagem atrevida – incluindo a utilização da gíria e dos palavrões, que muitas vezes eram utilizados como instrumentos de indagações políticas e sociais. Não nos esqueçamos de que nos anos 60 e 70, quando Leminski escrevia as suas obras, o Brasil se encontrava sob um regime autoritário.

Apesar de Paulo Leminski ser conhecido principalmente como autor de poemas, ele empreendeu desafios em diversas áreas da literatura – poesia, prosa, letras de músicas e biografias. Não havia entre essas formas limites definidos. Por essa razão os críticos da literatura brasileira consideram arriscada a classificação de algumas das suas obras. O seu primeiro romance, *Catatau*, foi reconhecido pelo próprio autor como “prosa experimental”.

Como autor de letras da música popular, colaborou com alguns eminentes cantores e músicos brasileiros, como Caetano Veloso ou Moraes Moreira. Como tradutor, tornou-se conhecido principalmente pelas traduções para o português, das línguas originais, de edições de autores como Petrônio, dos japoneses Yukio Mishima e Bashô e do irlandês James Joyce. Traduziu igualmente poemas de Adam Mickiewicz, mas nesse caso não diretamente da língua polonesa.

Leminski nunca esteve na Polônia. No entanto, interessava-se muito pela literatura e pela história polonesa. Graças a isso, em suas obras se infiltraram muitas influências polonesas, que ele introduzia de forma clara e evidente, bem como de forma mais sutil e refinada. Fazia frequentes experiências, como era o seu costume. Chamava a si mesmo “polaco loco paca”. No entanto, não vou entrar nos detalhes desse aspecto do seu trabalho, por ser justamente esse o tema da presente exposição.

O coração polonês de Leminski finalmente voltou. Embora tarde, mas voltou. Descubramos, conheçamos e apreciemos o seu coração polonês. Desejo a todos que encontrem interessantes impressões na exposição.

A seguir tomou a palavra o Prof. Jerzy Mazurek, vice-diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês, que no seu pronunciamento disse que a exposição sobre Paulo Leminski é importante, visto que abala certos mitos a respeito dos poloneses no Brasil que se propagam na Polônia. Com efeito, o julgamento comum é que, em razão da genealogia camponesa e do caráter social da imigração polonesa no Brasil, a diáspora polonesa nesse país não dispunha de um grande potencial criativo e intelectual. No entanto esse legado – embora na realidade disperso por significativas extensões de tempo e de espaço no Brasil – é bastante significativo, tanto no seu valor como em suas dimensões. Naturalmente, na análise do processo de assimilação dos camponeses poloneses na sociedade brasileira é preciso lembrar que ele não se realizou sem problemas. Os contatos com a população local eram esporádicos e – o que é importante – os centros da cultura brasileira encontravam-se muito distantes. Esse isolacionismo das colônias polonesas fez com que os emigrantes da Polônia não se tivessem envolvido em grau suficiente no processo da construção do “Novo Brasil”, moderno, industrializado e urbanizado, que se iniciou no final do século XIX. Mas desde aquele tempo a comunidade polônica brasileira sofreu grandes transformações internas, transformou o seu espaço na multiétnica e multicultural sociedade brasileira, e os seus representantes, oriundos de classes sociais inferiores, alcançaram uma posição elevada. A comunidade polônica brasileira desempenha também um papel significativo nas relações entre a Polônia e o Brasil. Alguns até chegam a

afirmar, o que não se distancia da verdade, que essa comunidade é a ponte nas relações polono-brasileiras.

Como um símbolo das transformações da identidade dos colonos poloneses, do incremento da posição dos emigrantes poloneses na sociedade brasileira pode servir a figura do poeta e escritor Paulo Leminski, filho de um polonês e uma negra, cujas letras eram cantadas por cantores tão conhecidos no Brasil como Caetano Veloso, Ney Matogrosso, Paulinho Boca de Cantor, Guilherme Arantes ou o conjunto Os Titãs. O “Rimbaud curitibano com fisionomia de judoca”, como a respeito dele escreveu o poeta e tradutor Haroldo de Campos, esteve ligado com o movimento de vanguarda e escreveu poemas experimentais.

Leminski aludia também ao estereótipo negativo do polonês brasileiro, gracejando com ele, por exemplo, no opúsculo de poemas de 1890 intitulado *Polonaises*, e em alguns dos seus poemas fazia referência à sua origem polonesa.

A seguir tomou a palavra o Stanisław Pawliszewski, presidente da Sociedade Polono-Brasileira, enfatizando que a exposição “Meu coração de polaco voltou” foi organizada por Aurea Alice Leminski e Estrela Ruiz Leminski, filhas do poeta, e realizada pela Casa de Cultura Polônia-Brasil em Curitiba. A exposição foi preparada para as exigências da sua apresentação na Polônia. As pranchas foram impressas em Varsóvia.

A exposição está sendo apresentada na Polônia graças aos empenhos da Sociedade Polono-Brasileira e do Museu do Movimento Popular Polonês. Ambas as instituições tomaram a iniciativa de popularizar as informações sobre a vida e a poesia de Paulo Leminski na Polônia, visto que a sua obra é ainda pouco conhecida na pátria dos seus antepassados.

O orador apontou para os argumentos poloneses na poesia e na prosa de Paulo Leminski. Disse que em *Catatau*,

uma obra escrita em prosa, o protagonista é um polonês, Cristóvão Arciszewski, que no século XVII serviu no exército holandês no posto de general e, como um dos comandantes, lutou com os portugueses e os espanhóis pelo domínio do litoral nordestino do Brasil, no atual estado de Pernambuco.

Além dos seus feitos militares, Cristóvão Arciszewski se tornou famoso como o primeiro polonês e um dos primeiros europeus a se interessar pela vida dos índios no Brasil. Os seus trabalhos etnográficos e cartográficos, enviados a cientistas holandeses em Haia, contribuíram para o conhecimento da América por parte dos europeus.

Stanisław Pawliszewski apontou também para o poema *Meu coração de polaco voltou*, cujo verso inicial empresta o título à exposição: “Meu coração de polaco voltou / coração que meu avô / trouxe de longe para mim / um coração esmagado / um coração pisoteado / um coração de poeta”. Um outro poema, *Narajów*, é provavelmente o nome da localidade de onde provinha o avô do poeta.

Vale a pena enfatizar que numa das pranchas encontra-se a cópia da publicação intitulada *Poemas de Adam Mickiewicz de 1888*. Encontra-se ali um poema do ciclo dos famosos líricos de Lausanne, *Choveram-me lágrimas claras, abundantes*, traduzido pelo poeta para a língua portuguesa. Para esse verso, o popular músico brasileiro José Wisnik compôs uma música.

Stanisław Pawliszewski enfatizou que a exposição foi apresentada pela primeira vez na Polônia no Liceu de Educação Geral Rui Barbosa em Varsóvia, atendendo a um desejo de Aurea Alice Leminski, que em 2016 visitou a escola e ficou impressionada com a sua atividade visando à popularização de informações sobre o Brasil. Posteriormente a exposição foi apresentada no Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia, por ocasião da

solene entrega dos prêmios literários da União dos Literatos Poloneses no Exterior. A exposição “Meu coração de polaco voltou” foi a seguir mostrada na Seção do Museu da História do Movimento Popular Polonês em Sandomierz. Ela será também apresentada em várias instituições na Polônia, como na Universidade Jaguellônica de Cracóvia e na Universidade Maria Curie-Skłodowska em Lublin.

JUBILEU DE 60 ANOS DE SACERDÓCIO DO PE. JOSÉ WOJNAR SCHR

O Pe. José Wojnar SChr, que por muitos anos tem trabalhado como dedicado sacerdote polônico no Brasil, festejou os 60 anos da sua ordenação sacerdotal. Nessa oportunidade o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil enviou ao Eminentíssimo Aniversariante uma carta em que agradece pelo seu fiel serviço à Igreja e à comunidade polônica no Brasil. Abaixo apresentamos o conteúdo dessa carta.

Reverendíssimo Padre José,

Digno Celebrante do Jubileu de Diamante!

Não podendo participar pessoalmente da solenidade jubilar e da Missa de ação de graças do Reverendo Padre José, nosso Caro Aniversariante do Jubileu, na comunidade de fé em Quedas do Iguaçu em razão da minha viagem, nestes dias, para uma sessão do Conselho Consultivo do Presidente do Senado da República da Polônia em Varsóvia, faço uso da amabilidade e bondade de coração do nosso Superior Provincial, Pe. Casimiro Długosz SChr, para através dele transmitir abaixo as minhas palavras de gratidão, admiração, respeito e oração! Espiritualmente estarei unido com todos os próximos ao Coração do Caro Padre Aniversariante, pedindo a Deus graças especiais para a continuidade do seu ministério em prol do Povo de Deus! Que a Senhora de Monte Claro e de Aparecida tenha em Sua maternal proteção o Caro Padre José – Celebrante do Jubileu de Diamante!

Passaram-se 60 anos do ministério sacerdotal do Reverendo Padre José ao Povo de Deus em paróquias na Pátria, incluindo o serviço na Casa Central da Congregação em Poznań, e 54 anos do Seu serviço em prol da Igreja e das comunidades polônicas no Sul do Brasil!

Inclino-me diante da rica biografia do Reverendo Aniversariante, para juntamente com ele cantar o “Te Deum

laudamus...” por tantas graças com que Deus O agraciou e, através do Seu fiel e devotado ministério pastoral, tantos fiéis, aos quais serviu com amor e solicitude!

Seja-me permitido, em nome da comunidade católica polônica, bem como dos seus pastores, expressar diante do Eminentíssimo Padre Aniversariante o nosso respeito, a nossa gratidão, e também a admiração à Sua fidelidade à vocação, ao seu sistemático e fiel ministério sacerdotal, bem como a tantos desafios e iniciativas aceitos e que tiveram por objetivo o total desenvolvimento dos fiéis com quem se defrontou durante tantos anos do Seu devotado ministério entre os fiéis brasileiros e em tantas comunidades polônicas!

Deus foi bondoso em proporcionar ao Reverendo Padre Aniversariante uma grande sensibilidade e delicadeza de espírito para a arte sacra. Seja-me permitido mencionar os santuários paroquiais que graças ao empenho e à solicitude do Caro Padre José se tornaram verdadeiras pérolas de arte sacra e de arquitetura, dispondo os fiéis a um contato mais profundo com Deus, tanto na Liturgia da Santa Igreja como na oração pessoal! Vou mencioná-los: a igreja de Nossa Senhora de Czestochowa em Dom Feliciano-RS, de Nossa Senhora de Monte Claro em Áurea-RS, do Imaculado Coração de Maria em Quedas do Iguazu-PR. Impossível se torna enumerar todas aquelas igrejas filiais nas mencionadas paróquias que, reformadas ou construídas sob a supervisão do Reverendo Padre José, adquiriram um adequado cenário sacro!

Como deixar de mencionar, além do trabalho pastoral, o grande engajamento do Caro Padre Aniversariante na realização da promoção concreta da pessoa humana! Os empenhos do Reverendo Padre José pelo surgimento da escola agrícola, da associação agrícola, a construção do Hospital João Paulo II, a organização de diversos cursos para abrir diante dos fiéis uma vida melhor e mais digna – são apenas algumas daquelas Suas variadas iniciativas sociais! Não se pode deixar de mencionar o grande engajamento do Caro Padre Aniversariante na elevação da vila de Áurea a uma unidade

municipal autônoma! Por todos esses trabalhos e iniciativas empreendidos pelo Eminentíssimo Padre Aniversariante em prol das comunidades locais, as autoridades administrativas Lhe concederam o título de cidadão honorário de Dom Feliciano, Áurea e Foz do Iguaçu! De diversas instituições, recebeu o Reverendo Padre Aniversariante diplomas de reconhecimento pela diversidade dos trabalhos realizados.

Durante os 54 anos do Seu ministério pastoral no Brasil, com grande dedicação tem demonstrado o Padre Aniversariante a Sua disponibilidade para servir com diversas formas de ajuda aos descendentes dos colonos poloneses, especialmente no seu apoio à comunidade polônica para que ela preservasse a sua identidade e cultivasse os valores da cultura, da língua e da religiosidade polonesa!

O Reverendo Padre José, o Eminentíssimo Aniversariante, é um dedicado pesquisador e um bom conhecedor da história da comunidade polonesa no Brasil. É uma pena que não tenha publicado o fruto dos seus esforços e do seu conhecimento em forma de livro ou de artigos em periódicos especializados, para familiarizar os pesquisadores com a realidade da comunidade polônica brasileira!

No decorrer de longos anos, o Caro Padre Aniversariante tem procurado e colecionado com grande engajamento revistas e livros publicados pela comunidade polônica brasileira muito ativa no passado. Graças a esse trabalho do Eminentíssimo Padre Aniversariante, foram salvas muitas valiosas coleções arquivísticas polonesas. Na casa provincial dos Padres da Sociedade de Cristo em Curitiba o Caro Padre José, cumprindo o ministério de superior provincial, organizou um arquivo dos materiais relacionados com a imigração polonesa no Brasil. Desse laborioso, paciente e dedicado trabalho do Reverendo Padre Aniversariante em prol da preservação dos materiais arquivísticos polônicos têm se utilizado nos últimos anos pessoas que se dedicam à pesquisa científica da história da coletividade polônica no Brasil!

Reverendíssimo Padre José, nosso Caro e Eminente Celebrante do Jubileu de Diamante! Impossível se torna mencionar – dessa rica biografia do Estimado Padre Aniversariante – todos os trabalhos, o engajamento, as iniciativas por Ele empreendidas e realizadas no decorrer desses longos anos na Terra do Cruzeiro do Sul! Essa figura espiritual, cultural e intelectualmente rica, muito laboriosa e repleta de desinteressado devotamento do Reverendo Padre José, nosso Amado Aniversariante, merece uma monografia especial e mais ampla! Graças a uma biografia especial assim elaborada do Caro Padre Aniversariante José, dois países amigos e duas Igrejas irmãs, na Polônia e no Brasil, poderiam conhecer melhor o seu devotamento pastoral e social, e com isso preservar a sua memória para as gerações futuras!

Reverendo Padre José, nosso Eminente Celebrante do Jubileu de Diamante!

Que Deus, pela intercessão de Nossa Senhora de Monte Claro e de Aparecida, Lhe proporcione generosamente as graças e o apoio espiritual para a continuidade do Seu ministério em prol dos nossos irmãos e irmãs na Igreja deste país, bem como da comunidade brasileira! Que Lhe conceda a alegria e a paz e O preserve por longos anos!

Plurimos anos, Parabéns, Sto lat é o que desejamos ao Caro ao Aniversariante Padre José, da profundeza do nosso grato coração e com o penhor da nossa prece fraternal!

Com as expressões do mais elevado respeito, a grande admiração e a sincera entrega em Cristo, o Único Salvador do homem
Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski SChr
reitor

Porto Alegre, 20 de abril de 2018, no 60º aniversário da ordenação sacerdotal do Eminente Aniversariante na Arquicatedral de Poznań.

O PROF. HENRYK SIEWIERSKI DA UnB RECEBE TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DE SKAWINA

Numa sessão solene na câmara municipal de Skawina, na Polônia, o Prof. Henryk Siewierski, diretor da cátedra de literatura e língua polonesa da Universidade de Brasília (UnB), no dia 6 de junho, recebeu o título de cidadão honorário daquela cidade, concedido pela câmara. O redator desta revista, na condição de reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, recebeu o convite do presidente e da câmara daquela cidade para participar da solenidade. Não podendo participar daquela sessão, enviou para as autoridades de Skawina uma carta, que publicamos abaixo:

Com indisfarçável satisfação e grande alegria recebi o convite que os Prezados Senhores tiveram a gentileza de me enviar para participar da sessão solene da Câmara Municipal em Skawina convocada para a outorga do diploma de Cidadania Honorária da Cidade e Município de Skawina ao Professor Henryk Siewierski.

Lamento muito que, por razões de mim independentes, infelizmente não poderei participar pessoalmente desse importante evento, tanto para a Cidade e o Município como para o próprio Professor Henryk Siewierski, que pelo seu trabalho científico e didático, pelas suas numerosas conferências no Brasil, na Polônia e em diversos países engrandece a sua Pequena Pátria – Skawina.

Alimento a esperança de que a solenidade da homenagem ao Professor Henryk Siewierski servirá para muitas pessoas de especial ocasião para o conhecimento da sua rica biografia e do seu trabalho relacionado com a divulgação da literatura polonesa no Brasil. Há mais de trinta anos conheço pessoalmente o Professor Henryk e vejo nele um eminente conhecedor da riqueza e da beleza presentes nas diversificadas obras literárias de tantos literatos poloneses.

Não cabe aqui enumerar todos os trabalhos do Professor Henryk Siewierski (livros diversos, centenas de artigos, ensaios e relatórios publicados em periódicos literários e culturais no Brasil, na Polônia e em outros países). Além disso, ele se dedica à tradução. Traduziu para a língua portuguesa muitas obras de conhecidos e apreciados escritores e poetas. Pelo seu diversificado trabalho, o Professor Henryk Siewierski divulga no Brasil o conhecimento da literatura polonesa. Graças aos seus empenhos foi instituída na Universidade de Brasília a cátedra de literatura e língua polonesa Kamil Cyprian Norwid.

A atribuição do título de Cidadão Honorário da Cidade e do Município de Skawina ao Professor Henryk Siewierski demonstra, portanto, que as autoridades locais valorizam alguém que com orgulho populariza no Brasil e no mundo o nome dessa Cidade e a torna ainda mais conhecida.

Em nome da coletividade polônica brasileira, expresso o meu reconhecimento, respeito e agradecimento às autoridades da Cidade e do Município de Skawina pela acertada e feliz decisão de homenagear o Professor Henryk Siewierski.

Ao prezado e caro Professor Henryk apresento as minhas sinceras e cordiais felicitações em meu próprio nome, bem como em nome de toda a coletividade polônica no Brasil, desejando-lhe novos sucessos na vida pessoal, familiar e científica.

Pe. Dr. Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

6 de junho de 2018.

O PROF. JERZY MAZUREK RECEBE ALTA CONDECORAÇÃO BRASILEIRA

Aos 26 de junho na sede da Embaixada do Brasil em Varsóvia, o Dr. Jerzy Mazurek, vice-diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês, presidente do Conselho Científico do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, redator da série editorial “Biblioteca Ibérica”, pesquisador da história da imigração polonesa no Brasil, foi honrado com uma das maiores distinções oferecidas pelo governo do Brasil – a Ordem de Rio Branco.

A Ordem de Rio Branco foi atribuída ao Prof. Mazurek pelo Presidente da República Michel Temer, e em seu nome outorgada por Alfredo Leoni, embaixador da República Federativa do Brasil na Polônia.

Essa Ordem é entregue todos os anos no “Dia da Diplomacia”, que é comemorado no Brasil no dia 20 de abril, no dia do nascimento do insigne diplomata brasileiro Barão do Rio Branco.

UM CÔNSUL HONORÁRIO DA POLÔNIA NO BRASIL

Durante as festividades em homenagem à Data Nacional da Polônia e na presença de representantes do Ministério das Relações Exteriores da Polônia, Andrés Bukowinski assumiu o cargo de Cônsul Honorário da República da Polônia em São Paulo.

O Consulado da República da Polônia em São Paulo, recentemente inaugurado, será dirigido pelo Cônsul Honorário Andrés Bukowinski. O cineasta, nascido na Polônia e bem-sucedido e conhecido no Brasil, assumiu esse cargo durante um evento na sala Tomie Ohtaki no dia 7 de maio de 2018.

Durante a cerimônia estiveram presentes: o vice-ministro das Relações Exteriores da Polônia, Marek Magierowski, juntamente com a diretora do Departamento da América no MRE, Karolina Cemka, o vice-diretor do Departamento de Cooperação Econômica, Wojciech Ponikiewski, a chefe da Embaixada da Polônia no Brasil, *chargé d'affairs* Marta Olkowska, o Cônsul Geral em Curitiba Marek Makowski, bem como os representantes das autoridades do estado de São Paulo, corpo consular, autoridades religiosas, empresários e a comunidade polonesa.

No final do evento, que homenageou também as datas nacionais (Dia da Constituição de 3 de Maio e o Dia da Comunidade Polonesa e os Poloneses no Exterior), um renomado pianista polonês apresentou um breve recital, recebido pelo público com bastante entusiasmo.

Ressaltamos que o Cônsul Honorário em São Paulo exerce funções representativas e de apoio ao Consulado Geral em Curitiba, perante situações emergenciais ocorridas com cidadãos poloneses na região de São Paulo. Os assuntos

| Crônicas

relacionados à cidadania, passaportes, vistos e outros continuam sendo atendidos exclusivamente pelo Consulado Geral em Curitiba.

www.kurytyba.msz.gov.pl